UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO UENF
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - PPGSP

MILENA GOMES DE SENNA

"Jesus me aceita": experiências religiosas na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu - RJ

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
2025

MILENA GOMES DE SENNA

“Jesus me aceita”: experiências religiosas na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu - RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientadora: Prof. Dra. Wania Amélia Belchior Mesquita.

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
UENF - Bibliotecas
Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

S478 Senna, Milena Gomes de.

"JESUS ME ACEITA" : EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS NA IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA DE NOVA IGUAÇU. / Milena Gomes de Senna. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2025.

116 f. : il.
Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2025.
Orientadora: Wania Amelia Belchior Mesquita.

1. Religião. 2. Sexualidade . 3. Inclusão. 4. Pentencostalismo. 5. Igreja Cristã Contemporânea. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

Milena Gomes de Senna

“Jesus me aceita”: experiências religiosas na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu - RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada: 06/02/2025

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
JANINE TARGINO DA SILVA
Data: 08/08/2025 17:08:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Janine Targino da Silva - (Ciências Sociais) Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

gov.br Documento assinado digitalmente
SHIRLENA CAMPOS DE SOUZA AMARAL
Data: 11/08/2025 11:53:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Shirlena Campos de Souza Amaral - (Sociologia e Direito) Universidade Federal Fluminense - UFF

gov.br Documento assinado digitalmente
PEDRO COSTA AZEVEDO
Data: 11/08/2025 09:34:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Pedro Costa Azevedo - (Sociologia Política) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

gov.br Documento assinado digitalmente
WANIA AMELIA BELCHIOR MESQUITA
Data: 08/08/2025 06:38:31-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Wania Amélia Belchior Mesquita - (Sociologia) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, em especial a minha mãe Leiliane Coimbra, por compreender a importância dessa pesquisa para mim, por todo apoio, carinho e contribuição para esse sonho se tornar possível.

À minha orientadora prof. Wania Amélia Belchior Mesquita, pela competência e questionamentos sempre pertinentes. Aos colegas do Grupo de Estudo e Pesquisas Urbanas e Regionais (GEPUR/UENF), pelos debates e trocas enriquecedoras ao longo deste ano.

Aos professores e professoras do PPGSP por cada aula e debates enriquecedores durante essa trajetória acadêmica.

À prof. Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro, por todo incentivo desde a graduação, por acreditar no tema dessa pesquisa antes mesmo da sua existência, pelas conversas e questionamentos que me fizeram uma pesquisadora mais sensível e com o olhar atento.

À Thaís Lisbôa, minha companheira de vida por sempre estar do meu lado em cada etapa, me encorajar a seguir mesmo nas inseguranças, por toda paciência e disponibilidade nas leituras incansáveis. O seu amor me faz mais forte. Obrigada por todo carinho nesses oito anos de parceria.

À Carolina Juvêncio, por ser minha irmã e companheira para além dos laços sanguíneos.

Aos meus amigos Lucas Tavares, Laura Milani e Juliana Lima por todos os debates e trocas referentes à pesquisa.

Aos professores da banca avaliadora por aceitarem o convite, a Janine Targino da Silva, Pedro Costa Azevedo, Shirlena Campos de Souza Amaral e Roberto Dutra Torres Junior, pelas indicações e apontamentos de extrema importância para essa pesquisa.

Aos meus entrevistados que tiveram a paciência e sensibilidade de dispor um pouco de suas histórias de vida, em especial ao Luís por toda disponibilidade e conversas informais.

À CAPES, por tornar possível a minha dedicação a essa pesquisa de dissertação e a permanência no PPGSP.

Agradeço aos meus ancestrais e toda força que me guia nessa jornada da vida.



Fonte: Página do *Instagram* do psilgbt.

Resumo

Esta dissertação investiga a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), uma denominação evangélica pentecostal que se autodenomina "inclusiva" e está localizada no município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. O estudo parte do pressuposto de que a cultura e a sociedade brasileiras reproduzem uma rejeição ao comportamento homossexual, intensificada no âmbito religioso, onde valores sociais e doutrinários se entrelaçam para estigmatizar pessoas LGBTQIA+. Nesse contexto, o surgimento de igrejas voltadas para esse público nos anos 1990 e sua consolidação nas décadas seguintes representam uma alternativa religiosa que reconcilia a fé e a sexualidade. Entre os objetivos desta pesquisa é descrever e analisar a ICC, compreendendo sua proposta teológica, perfil das lideranças, dinâmica congregacional, formato dos cultos, a estrutura institucional e traçar a história e trajetória da denominação, identificando os processos que a consolidaram como uma igreja "inclusiva" no cenário religioso brasileiro. Por meio da abordagem qualitativa, utilizando como métodos principais a observação participante e entrevistas semiestruturadas baseadas na história de vida de membros e lideranças da denominação.

Palavras-chave: Religião, Sexualidade, Inclusão, Pentecostalismo, Igreja Cristã Contemporânea.

Abstract

This dissertation investigates the Contemporary Christian Church (ICC), a Pentecostal evangelical denomination that calls itself “inclusive” and is located in the municipality of Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. The study is based on the assumption that Brazilian culture and society reproduce a rejection of homosexual behavior, intensified in the religious sphere, where social and doctrinal values intertwine to stigmatize LGBTQIA+ people. In this context, the emergence of churches aimed at this public in the 1990s and their consolidation in the following decades represent a religious alternative that reconciles faith and sexuality. Among the objectives of this research is to describe and analyze the ICC, understanding its theological proposal, leadership profile, congregational dynamics, worship format, institutional structure and to trace the history and trajectory of the denomination, identifying the processes that consolidated it as an “inclusive” church in the Brazilian religious scene. Through a qualitative approach, using as main methods participant observation and semi-structured interviews based on the life stories of members and leaders of the denomination.

Keywords: Religion, Sexuality, Inclusion, Pentecostalism, Igreja Cristã Contemporânea.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Município de Nova Iguaçu em Destaque no Estado do Rio de Janeiro - 2020 5

FIGURA 2 - Distribuição da População Evangélica no Estado do Rio de Janeiro - 2010 6

FIGURA 3 - Fachada da Igreja Cristã Contemporânea 18

FIGURA 4 - Entrada para o salão principal da igreja 20

FIGURA 5 - Banner passagem bíblica 1 Pedro 2;9-10. 28

FIGURA 6 - Registo fotográfico do primeiro culto. 30

FIGURA 7 - Mural com os ministérios da Igreja Cristã Contemporânea 40

FIGURA 8 - Banner da campanha “Portas Abertas” 44

FIGURA 9 - Decoração da campanha “Portas Abertas” 45

FIGURA 10 - Banner “BATE PAPO SOBRE INCLUSÃO” 67

FIGURA 11 - Banner “18° Parada do Orgulho LGBTI+ de Nova Iguaçu” 72

FIGURA 12 - Banner “Sorria, Jesus te aceita” 73

FIGURA 13- “Panfleto de evangelização” 73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

BH - Belo Horizonte

CDHM - Comissão dos Direitos Humanos e Minorias

CFP - Conselho Federal de Psicologia

EUA - Estados Unidos da América

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICC - Igreja Cristã Contemporânea

ICC N.I - Igreja Cristã Contemporânea Nova Iguaçu

ICM - Brasil - Igreja da Comunidade Metropolitana do Brasil

ICM - Igreja da Comunidade Metropolitana

ICM - Rio - Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro

IDE - Instituto de Desenvolvimento Espiritual

IECB - Igreja Evangélica Congregacional do Brasil

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

LGBT - Lébica, Gay, Bissexuais, Transsexual e Transgênero

LGBTI+ - Lébica, Gay, Bissexuais, Transsexual, Transgênero, Intersexual e Mais

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais e Mais

MCC - Metropolitan Community Church

MIPY - Ministério Profético Yahweh

ONGs - Organização Não Governamental

PLC - Projeto de Lei da Câmara

PSDC - Partido Social Democrata Cristão

SBT - Sistema Brasileiro de Televisão

TV - Televisão

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

1 - Aspectos históricos da Igreja Cristã Contemporânea 11

1.1 - Igreja Cristã Contemporânea: o primeiro culto 16

2 - Estrutura religiosa e posições eclesiásticas da ICC Nova Iguaçu 33

2.1 - Campanha portas abertas: o discurso da prosperidade para uma vida de sucesso 44

2.2 - Breves considerações sobre sexualidade no cristianismo: debate litúrgico e proselitismo religioso 59

3 - Trajetórias religiosas e experiências de vida de adeptos da ICC Nova Iguaçu 75

CONSIDERAÇÕES FINAIS 113

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 116

INTRODUÇÃO

No cenário religioso brasileiro, a relação entre fé e sexualidade sempre foi um campo fértil para tensões e desafios, especialmente no que diz respeito às pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais e transgêneras, queer, intersexuais, assexuais e + para outras identidades e/ou orientações sexuais (LGBTQIA+[1]). Historicamente, as igrejas cristãs, tanto as católicas quanto as protestantes, têm adotado posturas "excludentes e discriminatórias" em relação à diversidade sexual e de gênero. Essas atitudes são fundamentadas em interpretações de textos bíblicos, que, aliadas a valores morais, sustentam visões de mundo restritivas sobre o que constitui uma sexualidade "aceitável" dentro do escopo da fé cristã (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013). Essa "exclusão" dentro dessas instituições religiosas não se dá apenas no nível individual, mas também de maneira estrutural, com práticas e discursos que reforçam o estigma dessas identidades (GOFFMAN,1988). Como resultado, a orientação sexual e/ou identidade de gênero torna-se um dilema versus a crença religiosa, evangélicos[2] LGBTQIA+ tendem a enfrentar um dilema entre permanecerem fiéis às suas crenças religiosas ou abraçarem plenamente sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, nesse processo, as igrejas convencionais alimentam a ideia de que existe uma contradição intrínseca entre ser LGBTQIA+ e ser uma pessoa cristã (GREEN, 2020).

Um fenômeno controverso nesse contexto é a chamada "cura gay", que compreende práticas e "terapias" que têm como objetivo "reverter" a orientação sexual de indivíduos LGBTQIA+. Amplamente condenada pela comunidade científica e pelos defensores dos direitos humanos, essa prática encontra apoio em setores conservadores da sociedade e é realizada por algumas congregações religiosas que interpretam a homossexualidade como

[1]A sigla LGBTQIA+ é utilizada pela ICC-NI, utilizo-me desta mesma sigla para se referir aos indivíduos que possuem identidades sexuais que não as heteronormativas.

[2] Convém esclarecer que o termo evangélico recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante. Assim, designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus etc.). Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo, do qual descende, grosso modo, por pregar, baseado em Joel 2: 38, Atos 1:8 e Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais ressaltam os dons de língua (glossolalia), cura, discernimento de espíritos, profecia (MARIANO, 1996, p.25).

uma “desordem” ou “pecado” a ser corrigido. No Brasil, debates sobre a “cura gay” ganharam força nos últimos anos, com movimentos religiosos promovendo “tratamentos ou aconselhamentos” que alegam a possibilidade de mudança da orientação sexual. Essas práticas, contudo, são rejeitadas pela psicologia e pelas ciências médicas, que reafirmam a identidade LGBTQIA+ como uma expressão saudável da diversidade humana (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999). A noção de “cura” da homossexualidade é defendida também por psicólogos e políticos (NATIVIDADE, 2008), ainda que o Conselho Federal de Psicologia (CFP)[3] Com a resolução n° 01/1999, afirme que práticas homossexuais não constitui doença ou distúrbio, a sexualidade faz parte da identidade de cada sujeito.

O pastor Marco Feliciano, fundador da Cátedra do Avivamento, igreja neopentecostal, assumiu a presidência da Comissão dos Direitos Humanos e Minorias (CDHM) em março de 2013. No ano de 2011 o deputado João Campos, do Partido Social Democrata Cristão (PSDC) com o Projeto de Decreto Legislativo n° 234/11, conhecido como “cura gay”. O Decreto Legislativo n° 234 de 2011, apresentado pelo deputado João Campos, apresenta como objetivo sustar dois dispositivos da Resolução 001 de 22 de março de 1999 do Conselho Federal de Psicologia. Esses dispositivos da resolução proibiam psicólogos de colaborarem com eventos e serviços que propunham tratamentos de “curas” para a homossexualidade. O art. 4º da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99, foi considerado inconstitucional por ultrapassar os limites do poder regulamentar, sendo equiparado a um decreto legislativo. A Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99, por sua vez, estabelecia normas de atuação para os psicólogos em relação à orientação sexual, proibindo práticas que buscassem a “cura” da homossexualidade. Essa resolução foi alvo de críticas e debates, especialmente no que diz respeito à liberdade profissional dos psicólogos e à autonomia dos pacientes (AZEVEDO, 2021; CUNHA, CIOTO, 2013.)

Esta ótica, amplia o preconceito direcionado a esta parte da população, e afasta cada vez mais a possibilidade destes indivíduos de cultivarem sua religiosidade dentro das igrejas pentecostais ou neopentecostais (TRINDADE, 2019). No dia 29 de março de 2012, de autoria do jornalista Luís Guilherme Barrucho à *BBC News Brasil*[4] apresentou uma matéria

[3] Resolução 01/1999. Disponível em : https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/o-que-e/#:~:text=H%C3%A1%2018%20anos%2C%20o%20Conselho,constituem%20doen%C3%A7a%2C%20dist%C3%BArbio%20ou%20pervers%C3%A3o. Acesso em 8 de janeiro de 2024.

[4] Disponível em : https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120329_igrejas_tolerancia_gays_lgb . Acesso em 14 de janeiro de 2024.

com o título *Desafiando preconceito, cresce o número de igrejas inclusivas no Brasil*, com alguns depoimentos como o do pastor protestante neopentecostal, Silas Malafaia líder da Assembléia de Deus Vitória em Cristo, que diz: Segundo a Bíblia, homossexualidade é pecado. “Na igreja evangélica, gay só entra caso queira se converter e, para isso, tem de se tornar heterossexual. É uma regra de Deus”, o pastor continua seu discurso: “Tenho vários casos de ex-gay na minha igreja. Trata-se de um desvio de comportamento, afinal, gays têm a mesma ordem cromossômica que nós heterossexuais. Depende deles, portanto, mudar sua opção sexual para serem aceitos na nossa comunidade”.

O autor Trindade (2019) no artigo “O Discurso da “Cura Gay” nas Igrejas Neopentecostais” trata a ótica da igreja neopentecostal sobre o processo de conversão da homossexualidade e transgeneriadade sendo fundamentada em discursos que tratam a diversidade sexual e outras identidades de gênero como uma “opção” que o sujeito “escolhe”, sendo esse um “pecado” a ser combatido. Líderes religiosos das igrejas neopentecostais afirmam a homossexualidade como um desvio que precisa ser corrigido através da conversão, enfatizando a mudança de vida e atitudes por parte dos indivíduos “salvos”. Os líderes das igrejas oferecem orientações que supostamente garantiam a “cura” da sexualidade que não corresponde a heterossexual e cisgenera, como a necessidade de seguir ditados bíblicos, casa-se para “aceitar Jesus” e se “libertar”, e não pensar em relações homossexuais. (TRINDADE, 2019, p. 543). Esta perspectiva é caracterizada pelo discurso fundamentalista, que enfatiza a heteronormatividade[5] e a cisnormatividade como normas necessárias para a vida cristã (TRINDADE, 2019, p. 550). O discurso religioso é classificado como portador de verdades divinas, aquele que fala a voz de Deus (TRINDADE, 2019, p. 537). As tensões refletem não apenas as dinâmicas internas das instituições religiosas, mas também as interações com a sociedade em geral. O embate entre práticas “conservadoras” e a busca por respeito à diversidade sexual evidencia os desafios enfrentados por denominações religiosas em lidar com questões contemporâneas e “progressistas” (AZEVEDO, 2021, p. 231).

Ao longo dos últimos anos, grupos de ativistas[6] têm se mobilizado para combater a disseminação dessas práticas e para pressionar por políticas públicas que protejam os direitos

[5] Judith Butler denomina a heteronormatividade como uma estrutura binária de gênero dominante, criando uma matriz heterossexual, uma norma (BUTLER, 2019).

[6] Entre 1996 e 1997, o grupo ativista Corsa (São Paulo) organizou celebrações ecumênicas e promoveu discussões sobre o tema da exclusão dos homossexuais por diversas religiões em suas reuniões semanais. A preocupação política com a homofobia de algumas tradições religiosas motivou o início de um debate no qual se afirma a necessidade (..) da igualdade de homossexuais e heterossexuais (Natividade, 2010, p.92)

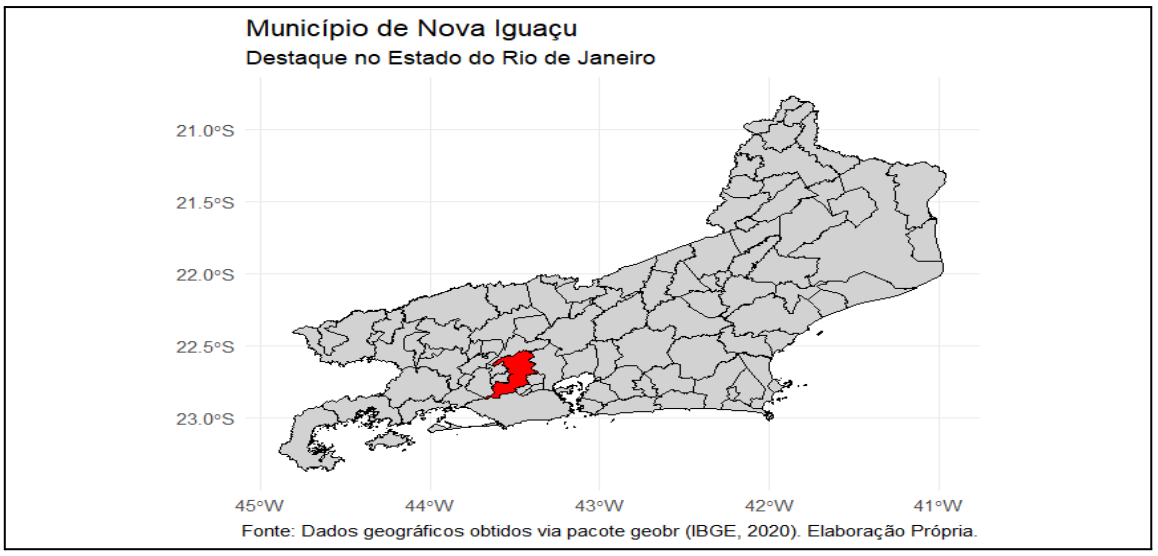
civis da população LGBTQIA+, tanto no campo da saúde mental quanto no ambiente religioso. Contudo, as igrejas católicas e protestantes continuam a desempenhar um papel importante na promoção de visões de mundo que reforçam o preconceito e a discriminação contra esse grupo social, tornando o diálogo entre fé e sexualidade um desafio contínuo no Brasil contemporâneo. Nas últimas décadas, um fenômeno religioso vem ganhando força no Brasil, o surgimento das chamadas "igrejas inclusivas" (NATIVIDADE, 2010). Essas igrejas, em sua maioria de origem pentecostal[7], propõem uma nova interpretação dos textos bíblicos e uma nova ética que associa um caráter positivo à diversidade sexual e de gênero.

O presente estudo se insere nesse contexto de transformações religiosas e sociais, com o objetivo de compreender as experiências de vida e os simbolismos religiosos através da participação de fiéis LGBTQIA+ nas igrejas que se nomeiam "inclusivas". A pesquisa se concentra em uma das unidades da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), denominação evangélica pentecostal que conta com membros e lideranças LGBTQIA+, essa sigla será utilizada neste estudo se referindo a forma como é utilizada na instituição religiosa e pela presença sobretudo de indivíduos lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais. A ICC igreja tem se destacado no cenário religioso brasileiro, localizada no município de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro como ilustrado no mapa abaixo (figura 1).

FIGURA 1: Município de Nova Iguaçu em Destaque no Estado do Rio de Janeiro - 2020[8]

[7] O pentecostalismo é um movimento religioso que se originou do protestantismo evangélico e que enfatiza a experiência direta e pessoal com o Espírito Santo. O termo "pentecostalismo" deriva da palavra "Pentecostes", que se refere à festa judaica em que o Espírito Santo desceu sobre os discípulos de Jesus, conforme descrito no livro bíblico de Atos dos Apóstolos. (Silva; Silveira; Souza, 2018)

[8] Mapa do Município de Nova Iguaçu em Destaque no Estado do Rio de Janeiro. Elaborado por Milena Gomes de Senna, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 06 de out de 2024. Mapa elaborado no RStudio com o pacote geobr.



Fonte: Dados geográficos obtidos via pacote geobr (IBGE, 2020). Elaboração própria.

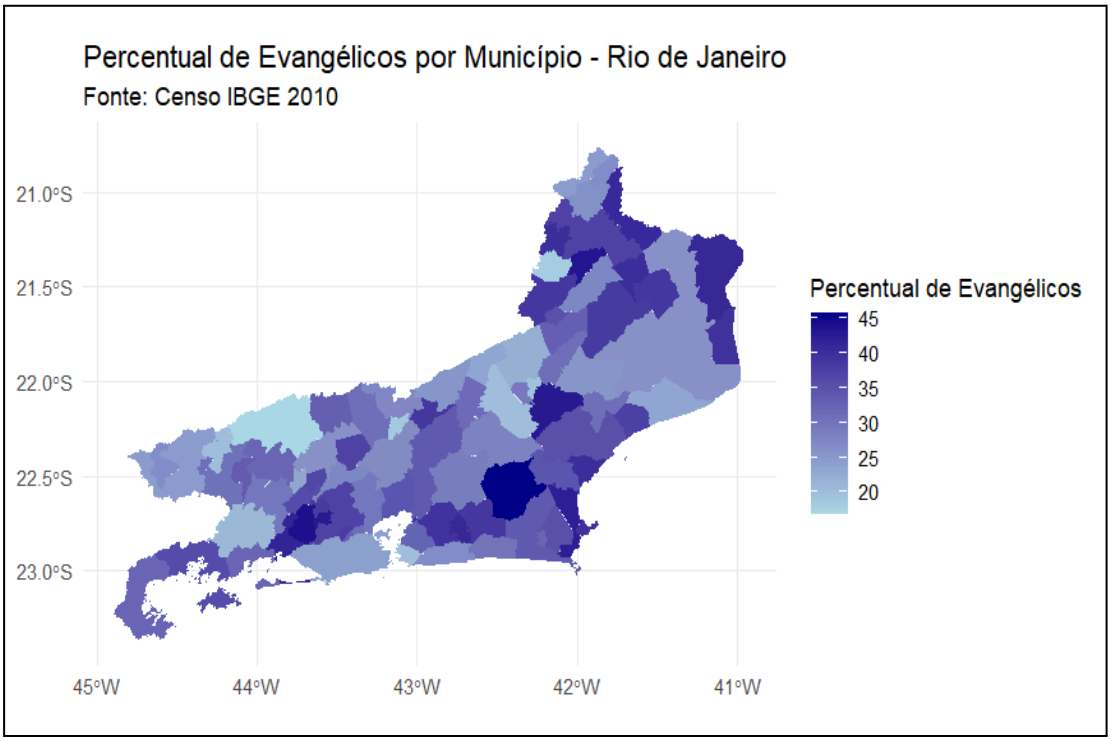
O município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, foi escolhido como recorte territorial para o estudo da Igreja Cristã Contemporânea devido à sua relevância tanto no contexto socioeconômico quanto no crescimento do fenômeno pentecostal na região. Segundo Silva (2010), a região possui altos índices de pobreza, com a precariedade socioeconômica, a forte presença evangélica e a ausência de políticas públicas eficientes, o que gera uma maior dependência de redes de apoio social e espiritual, frequentemente supridas por grupos religiosos. Nova Iguaçu, constitui o maior município da Baixada Fluminense em extensão territorial e segundo em população, destaca-se entre os municípios brasileiros no que diz respeito à quantidade de estabelecimentos religiosos. Conforme dados do IBGE (2024), o município apresenta uma população de 785.867 habitantes, sendo atendida por 4.187 estabelecimentos religiosos, o que equivale a uma razão de 5,3 estabelecimentos religiosos para cada mil habitantes[9]. Este índice reflete a expressiva presença de organizações religiosas na vida da população local, posicionando Nova Iguaçu como uma das cidades com maior densidade de serviços religiosos no Brasil, dentro do recorte analisado.

O século XX testemunhou a ascensão do pentecostalismo, onde este traz características simbólicas como o batismo do Espírito Santo, milagres, curas e a experiência religiosa individual. O movimento pentecostal se dividiu em diversas ramificações, incluindo

[9] Ver em: https://projetocolabora.com.br/ods11/oito-das-dez-cidades-com-mais-estabelecimentos-religiosos-estao-no-rio/. Acesso em: 17 de janeiro de 2025.

o pentecostalismo histórico e o neopentecostalismo. Este último, em particular, tem se mostrado eficaz em atrair fiéis, utilizando estratégias como o foco na prosperidade material, a "cura" divina e a utilização da mídia para difundir sua mensagem, além de uma postura mais flexível em relação a costumes e tradições (RECK, 2011). O crescimento pentecostal no Brasil foi notável, saltando de 6,6% da população em 1980 para 22,2% em 2010, um acréscimo de 15,6 pontos percentuais (MARIANO, 2013).

FIGURA 2: Distribuição da População Evangélica no Estado do Rio de Janeiro - 2010[10]



Fonte: Censo IBGE - 2010. Elaboração própria.

Observa-se que na Figura 2, o município de Nova Iguaçu localizado na Baixada Fluminense, apresenta uma coloração azul escura, evidenciando sua alta concentração da população evangélica em comparação a outros municípios do estado. Segundo os dados do Censo do IBGE de 2000, aproximadamente 30% dos moradores de Nova Iguaçu são adeptos as igrejas evangélicas, um percentual acima da média estadual de 20%. Esse número destaca a relevância do município como um importante centro de concentração evangélica no estado

[10] Mapa De Distribuição da População Evangélica no Estado do Rio de Janeiro. Elaborado por Milena Gomes de Senna, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 06 de out de 2024. Mapa elaborado no RStudio com o pacote geobr.

do Rio de Janeiro. O crescimento dessas igrejas, sobretudo pentecostais, é explicado como uma resposta direta às condições de vida adversas enfrentadas pela população local, caracterizada pela baixa renda, acesso limitado à educação, saúde e empregos formais (SILVA, 2010; ROCHA, 2019).

O pentecostalismo, que se caracteriza pela ênfase na atuação direta do Espírito Santo, milagres e curas, encontra terreno propício na região, atraindo sobretudo os segmentos mais pobres da população. Por um lado, Rocha (2019) afirma que o pentecostalismo é uma "religião de massa, isto é, que não distingue classe social (ROCHA, 2019, p. 7)", indicando sua abrangência e capacidade de atrair indivíduos de diferentes estratos socioeconômicos. Essa característica está ligada à sua origem como um movimento de renovação do protestantismo, que se adaptou à cultura brasileira e se disseminou amplamente. No entanto, o autor também reconhece que a expansão do pentecostalismo não se limita às camadas menos favorecidas. Novaes (2001), observa que essa religião alcançou diversos níveis sociais, incluindo pessoas com maior poder aquisitivo.

A influência evangélica na esfera pública, como apontam Natividade e Bilate (2010), tem se manifestado na formação de bancadas evangélicas nas câmaras municipais e na aprovação de leis que refletem valores e princípios religiosos. Essa influência, no entanto, tem gerado tensões e conflitos, especialmente em relação à sexualidade. A população LGBTQIA+ na Baixada Fluminense, incluindo Nova Iguaçu, enfrentam desafios significativos em relação à "aceitação" e ao respeito aos seus direitos sociais. A crescente presença evangélica, especialmente de vertentes mais "conservadoras", tem contribuído para um clima de intolerância e discriminação, dificultando a aprovação de leis que garantam direitos e proteção a essa população.

Natividade e Bilate (2010) relatam a dificuldade de aprovação de projetos de lei voltados para a população LGBTQIA+ na Baixada Fluminense, em contraste com a facilidade de aprovação de leis que favorecem interesses religiosos. Em meio a esse cenário, surgem iniciativas como a Igreja Cristã Contemporânea em Nova Iguaçu, que se propõe a ser um espaço aberto para a população LGBTQIA+. Essas igrejas, apesar de enfrentarem obstáculos, representam um importante contraponto à narrativa considerada "conservadora" e "excludente" que muitas vezes se associa ao cristianismo evangélico.

A escolha de Nova Iguaçu como local de estudo se justifica, em parte, pela expressiva presença evangélica no município, como demonstrado na figura 2. Esse cenário religioso dinâmico, com forte influência evangélica, pode impactar as experiências de vida e as formas de expressão da fé de indivíduos LGBTQIA+ que buscam espaços religiosos, como a ICC que permite em suas fileiras pessoas homossexuais. A presença da ICC em Nova Iguaçu levanta questões sobre como a igreja se insere e dialoga com a realidade local, e como seus membros e lideranças vivenciam sua religiosidade em meio a um contexto social heterogêneo.

A escolha da ICC como objeto de estudo se justifica por sua relevância no cenário das igrejas nomeadas “inclusivas” no Brasil e por sua proposta de conciliar fé cristã e diversidade sexual. A igreja se apresenta como um espaço de afirmação para pessoas LGBTQIA+, oferecendo um ambiente onde elas podem viver sua fé sem medo de “discriminação ou exclusão”. Seguindo esta ótica, a pesquisa tem como pergunta norteadora: Como membros e lideranças vivenciam sua fé nesse contexto?. Esta pesquisa teve como objetivo entender, por meio da história de vida, as experiências religiosas de homens e mulheres homossexuais na Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Para alcançar esse objetivo, foram analisadas as motivações que levam esses indivíduos à Igreja Cristã Contemporânea, identificando os significados que a igreja e a fé assumem em suas vidas. Além disso, foram investigadas as formas de participação dos fiéis LGBTQIA+ nas atividades da igreja e examinado como a ICC lida com questões de sexualidade e gênero em sua doutrina e práticas. Por fim, procurou-se também compreender a instituição religiosa a partir da subjetividade de cada interlocutor (BECKER, 1993).

A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa, ancorando-se na tradição etnográfica para capturar a complexidade das experiências religiosas na Igreja Cristã Contemporânea (ICC) de Nova Iguaçu. A preferência pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza do objeto, que demanda compreensão densa dos significados atribuídos pelos atores sociais aos seus percursos espirituais e identitários (BECKER, 1993). A imersão em campo estendeu-se por oito meses, iniciando no mês de março a outubro de 2024, combinando observação participante sistemática nos cultos dominicais, de terça e quinta-feira, e eventos especiais, com entrevistas semiestruturadas baseadas no método da história de vida. Conversas informais e entrevistas formais, realizadas presencialmente e por meio da plataforma digital Google Meet, complementam a coleta de dados. O roteiro das

entrevistas organizou-se em dois eixos nucleares: primeiro a trajetória de vida a partir da infância, relação familiar e trajetórias religiosas. O segundo eixo se direciona para a experiência religiosa na ICC. Os interlocutores foram selecionados após três meses de inserção preliminar, priorizando aqueles com frequência regular e diversidade de papéis institucionais: a Pastora Carla, o Pastor Ricardo, o Diácono Auxiliar Luís e o Obreiro Lucas, todos identificados por pseudônimos para preservação ética. Complementou-se a coleta com análise documental das redes sociais da igreja (Instagram, Facebook) e materiais litúrgicos, visando triangular discursos oficiais e práticas cotidianas.

A hipótese norteadora da pesquisa é que as experiências religiosas de homens e mulheres LGBTQIA+ na ICC são marcadas pela busca por "aceitação" da sexualidade e "pertencimento" em um espaço que não enxerga contradição entre identidade religiosa e diversidade sexual. Ao documentar as experiências e narrativas dos interlocutores, o pesquisador é capaz de construir um "mosaico" de fragmentos que, quando interpretados em conjunto, oferecem uma visão abrangente da realidade social e institucional (BECKER, 1993, p. 59).

A estrutura analítica da dissertação se organiza em temas que traçam a vivência etnográfica. Inicia-se pela gênese histórica da ICC, reconstituindo sua fundação como ruptura com a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). Aqui, examina-se a narrativa do pastor presidente Marcos Gladstone — influenciado por experiências nos EUA — que criticava a "permissividade" da ICM e propunha um pentecostalismo pautado por códigos morais rígidos (castidade, monogamia). Segue-se a análise com os rituais e simbolismos do espaço religioso, com a descrição espacial minuciosa (fachada, pintura, palco). A análise dos cultos a partir da descrição do espaço físico, das conversas com adeptos, simbologias e falas de lideranças ao longo do culto, desvenda alguns elementos na liturgia: de um lado, elementos pentecostais clássicos como êxtase, glossolalia e batalha espiritual; de outro, elementos neopentecostais, como a Teologia da Prosperidade na campanha "Portas Abertas". Nesta, objetos simbólicos (chaves douradas, portas físicas no altar) e gestos performáticos (passar pela porta com documentos profissionais) materializavam promessas de ascensão econômica, vinculando contribuições financeiras a milagres terrenos. As dinâmicas institucionais e hierárquicas, exploram o sistema de cargos religiosos (pastor/ra, obreiro/a, diácono/isa), os "ministério" e o protocolo da denominação para se tornar membro oficial da ICC. Por fim, as trajetórias individuais dos fiéis contribuem para a análise da subjetividade de cada trajetória e experiência da vida religiosa. Observa-se no posicionamento dos adeptos, normas de gênero binárias como trajes sociais masculinos, vestidos femininos que reproduzem

heteronormatividade e o incentivo dos membros e lideranças para que adeptos se relacionem entre pessoas da mesma denominação religiosa.

1- Aspectos históricos da Igreja Cristã Contemporânea

Surgiu nos Estados Unidos da América, a primeira igreja chamada “inclusiva”, a Metropolitan Community Church (MCC), foi fundada em 1968 pelo reverendo Troy Perry, em um contexto marcado por movimentos de contracultura e reivindicação de direitos civis, incluindo os direitos de pessoas LGBTQIA+. O contexto de revolução sexual e a resistência contra a repressão policial, exemplificada pela Revolta de Stonewall em 1969, criou um terreno fértil para a emergência de novas formas de organização social e religiosa que desafiavam o status quo. Nos Estados Unidos, a década de 1980 também viu o crescimento da organização política de grupos homossexuais, como apontado por Laud Humphreys (1972), que investigou a emergência de “igrejas gays” como parte de um processo de “redenção” de estigmas e busca por reconhecimento e legitimidade.

Segundo Natividade (2008), a igreja Metropolitan Community Church (MCC), de origem estadunidense, foi criada em 1968, em Los Angeles, pelo fundador, Reverendo Troy Perry, que havia sido afastado do Midwest Bible College em Chicago por ser homossexual. No site[11] da ICM do Brasil, é narrada a história do Reverendo Troy, nascido em Tallahassee, na Flórida, filho de pais evangélicos. Ao completar 13 anos, começou a pregar o evangelho na igreja e, neste mesmo período, compreendeu sua sexualidade. Aos 18 anos, casou-se com a filha do pastor da igreja a qual fazia parte, com quem teve um filho. Em 1962, foi expulso da igreja pentecostal no sul da Califórnia por contar sobre sua orientação sexual a um líder religioso. Em 1967, tentou suicidar-se (AZEVEDO, 2021, p.177).

A trajetória do Reverendo Troy Perry, marcada por “exclusão” em igrejas protestante histórica devido à sua orientação sexual, culminou na fundação da MCC, a primeira “igreja inclusiva” do mundo. Essa iniciativa pioneira abriu caminho para o surgimento de outras igrejas, que emergem como um movimento religioso contemporâneo em oposição à lógica “normal” das igrejas cristãs protestantes, católicas e pentecostais. Essas igrejas ao aceitarem a diversidade sexual e de gênero, confrontam a norma que considera as sexualidades e gêneros dissidentes como “pecaminosos e reprováveis”. A contestação da norma religiosa sobre a sexualidade se dá por meio de uma “reinterpretação” do cristianismo e de maneira particular

[11] Ver em : https://www.icmbrasil.org.br/quem-somos/ Acesso em: 21 de outubro de 2024.

do protestantismo. As “igrejas inclusivas” propõem uma releitura dos textos sagrados, possibilitando que pessoas com orientações sexuais e/ou identidade de gênero não hegemônicas possam não apenas ser membros, mas também ocupar posições de liderança. Essa leitura da bíblia questiona as interpretações protestantes, pentecostais e católicas dos chamados “textos de terror” da Bíblia, que historicamente têm sido usados para condenar a homossexualidade (OLIVEIRA, 2017).

As igrejas com lideranças e membros homossexuais surgiram no Brasil em um contexto de crescente visibilidade e organização de grupos LGBTQIA+ no país, a partir da década de 1990 (AZEVEDO, 2021; NATIVIDADE, 2010). Esse período foi marcado pela luta por direitos civis, despatologização da homossexualidade e combate à AIDS/HIV (FACCHINI,2005). O surgimento dessas igrejas se deu em meio a um cenário de redemocratização do Brasil com transformações sociais e efervescência de debates sobre sexualidade e religião (NATIVIDADE, 2010).

Natividade (2010) aponta que o surgimento de “igrejas inclusivas” no Brasil foi influenciado pelo movimento homossexual norte-americano, que se intensificou após o evento de Stonewall em 1969. A primeira “igreja inclusiva” no Brasil, a Comunidade Cristã Gay, foi fundada em São Paulo em 1998, seguida pela Comunidade Cristã Metropolitana no bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro em 2004. Essas igrejas evangélicas se diferenciam das convencionais devido ao público majoritariamente de pessoas LGBTQIA+ (NATIVIDADE, 2010).

Em 2006, Natividade (2010) visitou a recém-criada Igreja Cristã Contemporânea (ICC), situada em um sobrado no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro. Ele descreve um ambiente de receptividade, mas também de apreensão, devido ao recente cisma religioso. Durante sua visita, o pastor enfatizou a mudança de foco da nova igreja:

> Uma de suas primeiras mudanças seria a retirada de todo e qualquer conteúdo teológico do site, especificamente voltado para a diversidade sexual, incluindo textos traduzidos com reflexões sobre o tema “Homossexualidade e Bíblia” (NATIVIDADE, 2010, p.97).
> 129

Essa mudança refletia o desejo da ICC de se distanciar da imagem de “igreja gay” e se aproximar de um modelo de igreja cristã convencional, com destaque na espiritualidade e

menos na discussão sobre sexualidade. O termo “igreja gay” surge como uma categorização ambígua, carregada de significados tanto internos quanto externos à instituição, e sua problematização revela tensões entre identidade, estigma e estratégias de legitimação religiosa. A princípio, a expressão “igreja gay” pode parecer descritiva, referindo-se simplesmente a uma comunidade religiosa que acolhe majoritariamente pessoas não heterossexuais. No entanto, sua utilização não é neutra. Como evidenciado logo adiante na fala do diácono auxiliar Luís, a ICC busca distanciar-se deliberadamente desse rótulo, associando-o a uma suposta permissividade excessiva e à ausência de “santidade”. Ele contrasta a ICC com outras igrejas inclusivas que, em sua visão, seriam “igrejas gays” por tolerarem comportamentos considerados “mundanos”, como relacionamentos abertos ou a não condenação de práticas sexuais fora do casamento monogâmico. Essa distinção revela um esforço da ICC em se afirmar como uma igreja “normal” — isto é, uma instituição religiosa legítima dentro do espectro pentecostal —, e não como um espaço definido exclusivamente pela sexualidade de seus membros. Natividade (2010) em sua visita a denominação cita o pastor da ICC, que criticava a ICM por “fazer igreja para gay”, “igreja para negros”, e defendia um modelo de igreja “comum”, que se livrasse do estigma de ser uma “igreja homossexual”. A partir dessa separação, a ICC se consolidou com forte influência pentecostal e um discurso que buscava conciliar a fé cristã com a orientação sexual não-heterossexual, sem abrir mão de um código de conduta moral. Napoli (2023), ressalta a diferença dessas igrejas nos aspectos de “inclusão” e exercício da espiritualidade, exemplificando com três casos brasileiros:

> Os exemplos trazidos pela Comunidade Cidade do Refúgio, fundada por um casal de pastoras lésbicas e de estilo neo-pentecostal; da Igreja Cristão Contemporânea, pastoreada por um casal gay e de estilo pentecostal; e a Igreja da Comunidade Metropolitana, filiação brasileira da Metropolitan Community Church (MCC) e que prega um cristianismo ecumênico defensor dos direitos humanos; nos dão uma visão da pluralidade de modos de ser das igrejas inclusivas no Brasil. São adotados diferentes estilos litúrgicos e dadas diferentes ênfases a diferentes aspectos, com Natividade (2008) as dividindo entre uma ‘inclusão radical’ proposta pela Igreja da Comunidade Metropolitana e uma ‘homossexualidade santificada’ do ‘pentecostalismo inclusivo’ (NAPOLI, 2023, p. 1).

Em uma conversa minha com o diácono Luís antes de iniciar o culto de domingo, pergunto sobre como surgiu a Igreja Cristã Contemporânea. A fala do diácono auxiliar, corrobora a narrativa de Natividade sobre a origem da ICC, ressaltando a experiência do

pastor presidente Marcos Gladstone nos Estados Unidos como ponto crucial. O diácono relembra:

> A nossa Igreja Cristã Contemporânea não é a primeira igreja inclusiva no Brasil. Viemos de uma outra. O que acontece é que o pastor Marcos, nosso pastor presidente, foi para os Estados Unidos. Foi ele quem fundou a igreja, junto com seu esposo, o pastor Fábio. O pastor Marcos foi para os Estados Unidos e conheceu a Igreja Inclusiva lá. Quando retornou, ele já tinha essa percepção da igreja inclusiva. Então ele veio dos Estados Unidos com esse pensamento. Ao chegar aqui, ele se reuniu em uma igreja inclusiva, não sei te dizer qual. Ele percebeu que aquela igreja inclusiva era uma igreja gay mas que permitia tudo, era uma igreja inclusiva que você podia se drogar, se prostituir e ir para a noitada, mesmo sendo evangélico. Ele percebeu que o Espírito Santo não estava naquele lugar, pois as pessoas só estavam se rotulando como 'gays evangélicos', mas continuavam praticando os mesmos pecados do mundo, não se separava, não se santificava (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu, no dia 07 de abril de 2024).

A narrativa do diácono auxiliar Luís sobre a igreja visitada pelo pastor presidente Marcos Gladstone, afirmando a postura da outra “igreja inclusiva” em tolerar comportamentos como uso de drogas e prostituição, reforça a ideia de que a norma não se limita a questões de sexualidade, mas abrange um conjunto de valores e comportamentos considerados “aceitáveis”. No panfleto entregue pela ICC na minha primeira ida a igreja descreve alguns valores da denominação, entre eles a “postura do contemporâneo” definida como: “Nosso compromisso é com a restauração e o progresso de cada pessoa em Jesus Cristo. Cuidado com os “olhares” e não faça do nosso Ministério “ponto de encontro” de paqueras. Você já deve estar cansado de ser usado emocionalmente como um “objeto descartável”, participantes da Contemporânea devem evitar ter relacionamentos que não o fraternal com os visitantes no seu primeiro mês de igreja, não descredibilize este ministério”.

A ICC, ao se opor ao posicionamento da ICM e adotar um novo código de conduta moral, demonstra a internalização de normas sociais mais amplas e a busca por uma imagem de “normalidade” (FRANÇA, 2015). O discurso que valoriza a “santidade”, castidade e a monogamia reflete a busca por uma vivenciada de forma “discreta” (NATIVIDADE, 2010), reforça a norma social dominante e estabelecer fronteiras claras entre o que é considerado “aceitável” e o que é “desviante”.

A narrativa do diácono dialoga com a análise de Natividade (2010) sobre a separação da Igreja da Comunidade Metropolitana como ponto de partida para a fundação da Igreja Cristã Contemporânea. O descontentamento com a postura da ICM, considerada

excessivamente liberal e permissiva em relação aos comportamentos de seus membros, é um ponto central tanto na fala do diácono quanto na pesquisa do antropólogo Natividade (2010). O diácono destaca que a igreja que o pastor Marcos Gladstone visitou no Rio de Janeiro se definia como inclusiva, mas, na prática, tolerava comportamentos que ele considerava incompatíveis com a vida cristã, como o uso de drogas e a prostituição. Essa percepção de que a "igreja inclusiva" de influência estadunidense não promovia uma genuína "transformação espiritual", apenas um rótulo de "gay evangélico", motivou o pastor Marcos Gladstone a buscar um modelo diferente, que conciliasse a "inclusão" com a "santidade". A ênfase na "santidade" e na separação do "mundo"[12], encontra referência na liturgia pentecostal adotada pela igreja, que inclui "cultos de unção" e "experiências com o Espírito Santo" (NATIVIDADE, 2010).

> A adoção de um novo nome e a rejeição à identificação com a ICM refletiam um estabelecimento de fronteiras por meio de agudos contrastes. Neófitos ou participantes mais recentes diziam acreditar que na outra igreja as coisas eram "um pouco diferentes", predominando maior tolerância com comportamentos não religiosos. A ICM seria mais permissiva, sendo tolerados o "relacionamento aberto", o sexo sem compromisso e outras formas de relação afetivo-sexuais não condizentes com uma vida religiosa. Essa atitude supostamente complacente era interpretada como incompatível com um comportamento cristão (NATIVIDADE, 2010, p. 99).

A ICC se opõe a essa postura, interpretando tais condutas como contrárias ao comportamento cristão, para a ICC, a ênfase não deve estar na orientação sexual em si, mas em busca por uma "homossexualidade santificada", que se harmonize com os preceitos cristãos evangélico pentecostal. A igreja adota uma norma a ser seguida, o conceito de norma foucaultiano se distancia da ideia de norma como um conjunto de leis e códigos jurídicos. Para Foucault (2003), a norma se configura como um mecanismo de poder que opera na sociedade, definindo padrões de comportamento e subjetividade. A norma, nesse sentido, atua como um instrumento de diferenciação entre o "normal" e o "anormal", moldando os indivíduos de acordo com os padrões desejados.

[12]Segundo Natividade e Oliveira (2013), a categoria "mundo", frequentemente utilizada por cristãos religiosos, refere-se à noção de que fora da igreja o fiel está imerso em um ambiente considerado negativo. Nesse contexto, atividades como consumo de álcool, fumo, práticas sexuais não heterossexuais e fora do casamento (para igrejas inclusivas, isso pode incluir relacionamentos homossexuais com parceiros não comprometidos), bem como vida social noturna em festas e baladas, são vistas como comportamentos questionáveis.

1.1- Igreja Cristã Contemporânea: o primeiro culto

Nascido no Rio de Janeiro, Marcos Gladstone é uma figura influente na promoção do cristianismo no Brasil. No site[13] da Igreja Cristã Contemporânea, descreve que a jornada do pastor presidente iniciou em 2003, junto com duas pessoas, fez uma oração despretensiosa na praia de Ipanema, pedindo ao Espírito Santo que abrisse portas para o Evangelho Inclusivo no Brasil. Este momento de fé foi um ponto de partida para seu ministério. O diácono auxiliar Luís relata a motivação para a construção da ICC.

> Foi na areia de Copacabana que Gladstone se reuniu com mais algumas pessoas e sentiu o chamado de Deus para fundar uma igreja. Não me lembro a data exata, mas nossa denominação já tem 17 anos. Ali, na praia, Deus o direcionou a buscar os procedimentos jurídicos para abrir uma igreja. A primeira igreja foi na Lapa, em um sobrado. Acho que ainda é lá, mas antes era na parte de cima. A partir daí, a igreja começou a crescer e a tomar forma. (Luis, conversa realizada no dia 07 de abril de 2024, na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu).

De acordo com o diácono auxiliar, Marcos Gladstone é um ator essencial para a criação da ICC, a partir de sua revelação onde sentiu o chamado para a criação de uma nova igreja, com adeptos e lideranças independente da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, porém que possui valores tradicionais, em busca de uma "homossexualidade santificada".

O episódio da oração na praia de Ipanema, em que o pastor Marcos Gladstone sente o "chamado de Deus", ecoa o conceito de revelação presente na conversão pentecostal. No entanto, a narrativa sugere uma conversão minimalista, na qual a experiência individual e a autonomia na interpretação do chamado divino são centrais. A decisão de fundar a ICC parte de uma interpretação pessoal do pastor, alinhada com sua visão de um "evangelho inclusivo". A conversão minimalista se caracteriza pela inclusão da trajetória individual em um "tempo de espera" (MAFRA, 2000, p.74), no qual o indivíduo busca respostas e direcionamentos divinos. A oração na praia se encaixa nesse modelo, representando um momento de abertura para a manifestação da vontade divina, que se concretiza na forma de um chamado

[13] Site da Igreja Cristã Contemporânea. Ver em : https://www.igrejacontemporanea.com.br/fundador Acesso em: 5 de novembro de 2024.

específico.

No contexto da revelação no pentecostalismo, Mafra (2000) identifica uma aparente contradição. Por um lado, a revelação é tida como um evento sobrenatural, uma manifestação divina que direciona o indivíduo, por outro lado, a autora argumenta que a revelação também envolve um elemento de construção social e interpretação pessoal. A narrativa da revelação, como no testemunho do diácono auxiliar Luís, reforça a crença na ação divina e legitima a trajetória da igreja e de seu líder. No entanto, a forma como essa narrativa é construída e compartilhada também contribui para a construção da identidade da igreja e para a consolidação da liderança de Marcos Gladstone. A revelação pentecostal não se limita a uma experiência passiva, mas implica uma ação por parte do indivíduo. No entanto, a interpretação dessa revelação e a ação que dela decorre são influenciadas pela trajetória individual, pelas expectativas e pelo contexto social do indivíduo.

A interação entre o divino e o humano é um pilar fundamental na formação da Igreja Cristã Contemporânea. A partir da experiência inicial e do estabelecimento da primeira igreja na Lapa, a ICC expandiu-se consideravelmente, alcançando diversas regiões do Rio de Janeiro e outros estados. Atualmente, a igreja conta com sete unidades no Rio de Janeiro, além de presença em São Paulo, Minas Gerais e Bahia[14].

A unidade abordada nesta pesquisa é localizada no estado do Rio de Janeiro no município de Nova Iguaçu. A primeira visita a Igreja Cristã Contemporânea foi no dia 10 de março de 2024, no final da tarde de domingo, após alguns meses acompanhando a igreja pelo seu canal oficial de comunicação nas redes sociais. Enquanto residente do município de Nilópolis, localizado a 10km de distância do município de Nova Iguaçu, o deslocamento até a Igreja levou 20 minutos, ao retornar o semestre letivo no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política na UENF em Campos dos Goytacazes, o deslocamento se tornou maior com duração de 6 horas até a Baixada Fluminense. Na primeira visita a Igreja solicitei um carro de aplicativo que seguia pela Rodovia Carlinhos da Tinguá, popularmente conhecida como Via Light, uma via expressa da Região metropolitana do Rio de Janeiro, que atravessa os municípios de São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu e Mesquita. A igreja fica

[14] Informação disponibilizada no site da Igreja Cristã Contemporânea.
Ver em: https://www.igrejacontemporanea.com.br/nossasigrejas. Acesso em 10 de agosto de 2024.

localizada na Rua José de Assis Ferreira, no bairro da Chacrinha, percurso que passei a retornar por volta de duas semanas no mês nos cultos de quinta-feira e domingo, sobretudo em eventos da igreja, ou cultos de destaque como na visita do pastor presidente Marcos Gladstone a ICC de Nova Iguaçu.

A Igreja Cristã Contemporânea localiza-se em um prédio de dois andares, pintado em um tom de cinza claro, se destaca pelo grande portão azul de garagem que, durante os cultos, se abre completamente, convidando o público a entrar no salão principal. O térreo, acessado através desse portão, abriga o amplo salão da igreja, onde acontecem as celebrações. No segundo andar, encontram-se os banheiros masculino e feminino, além de duas salas equipadas com cadeiras, brinquedos infantis, apostilas e Bíblias, destinadas às atividades de ensino e recreação para crianças e jovens.

A fachada da Igreja Cristã Contemporânea é simples e discreta (figura 3), conta com três janelas pequenas e retangulares com molduras azuis, distribuídas no segundo andar, e uma placa azul que exibe o nome e o logotipo da igreja, juntamente com o site da instituição na internet e os horários dos cultos. Com base apenas na descrição da fachada da igreja, não é possível identificar características ou indícios de que seja uma “igreja inclusiva”, não possui elementos visuais ou mensagens que indiquem explicitamente essa postura.

FIGURA 3 - Fachada da Igreja Cristã Contemporânea.



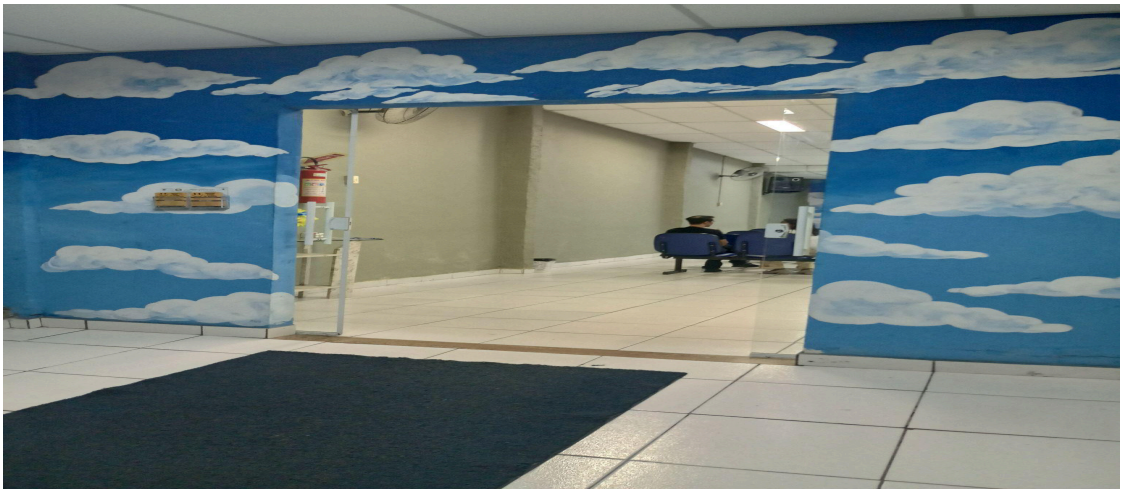
Fonte: Acervo Pessoal 2024.

A entrada para o salão da igreja, após o portão azul de garagem, funciona como um lugar de “transição”, as pessoas se encontram antes de entrar no “céu”. As paredes azuis com grandes nuvens pintadas criam uma atmosfera que remete ao céu, preparando os fiéis para a experiência espiritual que os aguarda no salão principal. Essa transição entre o mundo exterior e o espaço sagrado é característica do estilo pentecostal, que busca criar uma experiência sensorial intensa e imersiva.

Cores vibrantes, como o azul presente na entrada, o vermelho e o amarelo na parte interna, são frequentemente utilizadas para criar um ambiente alegre e enérgico, refletindo a paixão e o fervor da fé, Geertz (1989) destaca o papel dos símbolos na construção da realidade social e religiosa. Elementos simbólicos, como referências ao céu, à natureza e a passagens bíblicas, reforçam a conexão com o divino. Essa abordagem encontra ressonância no conceito de hierofania discutido por Mircea Eliade em “O Sagrado e o Profano” (ELIADE, 1992), argumenta que o sagrado se manifesta no mundo profano através de hierofanias, que são rupturas na homogeneidade do espaço que revelam uma realidade absoluta e diferente. No caso da igreja pentecostal, a entrada funciona como uma hierofania, um espaço liminar que separa o mundo exterior do espaço sagrado do salão principal, criando uma ruptura na homogeneidade espacial.

O uso de símbolos como nuvens e cores vibrantes também se alinha com a ideia de que o espaço sagrado é qualitativamente diferente do espaço profano. A igreja utiliza esses elementos para criar um ambiente que se destaca do mundo exterior, transportando os fiéis para um espaço imbuído de significado religioso. As cores vibrantes e a atmosfera celestial da entrada contribuem para a experiência espiritual, o sentimento de temor e fascínio diante do sagrado descrito por Rudolf Otto (1917) e mencionado por Eliade (1992). Além disso, a transição gradual do mundo exterior para o espaço sagrado é um aspecto importante da experiência religiosa em muitas tradições. Eliade (1992) observa que o limiar, como a porta de uma igreja, é um lugar paradoxal que separa e conecta os dois mundos, permitindo a passagem do profano para o sagrado. No caso da igreja pentecostal, a entrada, como uma “entrada celestial”, desempenha essa função liminar, preparando os fiéis para a experiência espiritual que os aguarda no salão principal (figura 4).

FIGURA 4 - Entrada para o salão principal da igreja.



. **Fonte:** Acervo Pessoal 2024.

Antes de entrar no salão principal, ao lado direito há uma escada para o segundo andar com duas salas, uma do lado direito e outra do lado esquerdo e no meio a escada, dentro da sala do lado direito tem uma placa sinalizando o banheiro masculino, encontra-se três fileiras com quatro cadeiras, uma estante com apostilas e bíblias, e duas poltronas de frente para as fileiras de cadeiras, neste espaço acontece o estudo bíblico, nomeado de Instituto de Desenvolvimento Espiritual (IDE) de 18h às 19h30 na quinta-feira e de 16h30 às 18h no domingo. Na sala à esquerda as paredes são pintadas de cor amarela, com dez cadeiras posicionadas em roda, um mural azul pendurado na parede com desenhos de ovelhas, cruzes, árvores, e um desenho de Jesus, alguns brinquedos dentro de uma caixa e uma placa sinaliza o banheiro feminino dentro desta sala, abriga um vaso sanitário e uma pia.

O salão principal da Igreja Cristã Contemporânea apresenta uma configuração simples, com foco no altar e no espaço para a celebração religiosa, sugere a centralidade do ritual e da experiência religiosa coletiva, um espaço onde coloca, “o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas (GEERTZ, 1989, p. 82)”. As sessenta cadeiras, dispostas em seis fileiras de cinco cadeiras de cada lado, são do tipo longarina, estofadas e revestidas em tecido azul. No fundo do salão, um palco de concreto com piso branco exibe um mural com uma paisagem de nuvens e um “céu” azul claro, criando uma atmosfera de espiritualidade.

Na lateral do palco, à direita tem uma porta camuflada com a pintura de nuvens cujo o

acesso dá para um ambiente com o gabinete pastoral, outra sala de convívio das lideranças e um banheiro, ao centro do palco encontra-se o púlpito de madeira com a logo da igreja no centro, ao lado, uma bateria e um chime, instrumentos musicais que ao longo da frequência aos cultos pude perceber que não são utilizados, uma cruz com um tecido vermelho[15] e vasos de barro, como elementos decorativos complementam a decoração do altar. O teto é revestido com placas brancas e conta com várias luminárias embutidas, na parte central do teto umas letras coladas com a frase: "ano de se refazer nas mãos do oleiro", o "oleiro" representa Deus, que na tradição cristã possui o poder de moldar e transformar vidas de acordo com sua vontade, o vaso de barro simboliza o ser humano, como algo maleável nas mãos do "oleiro", estes símbolos presente no antigo testamento em Jeremias 18;1-6, destaca o tema da celebração do ano.

Ao chegar na porta da igreja para a primeira visita, o portão azul se encontra totalmente aberto, do lado de dentro do portão estão três pessoas, dois homens e uma mulher em roda, de mãos dadas e olhos fechados, com um colete azul escrito intercessão. Ao passar pela porta de vidro que dá acesso ao salão principal, três mulheres com grande sorrisos estampados no rosto, encontram-se paradas na porta para recepcionar as pessoas que chegam, me abraçam e dizem "A paz do Senhor", retribui a expressão, essas são expressões típicas do pentecostalismo e do neopentecostalismo, assim como outras expressões ouvidas no culto como "glória a Deus", "aleluia" e "irmãos[16]" (NATIVIDADE, 2017). Posteriormente pude compreender que essas mulheres fazem parte do "ministério de recepção"[17], que se refere aos serviços realizados nas congregações e nos rituais de culto. No lado esquerdo da porta de vidro que leva ao salão principal encontra-se uma mesa com folhetos e bíblias, ao lado direito da porta de vidro encontra-se uma mesa coberta com um tecido de cor preto, que acomoda a

[15] No primeiro culto, durante o discurso do pastor, cita a passagem de Josué 2 e afirma que o tecido vermelho é um tipo de Cristo, simbolizava a presença de Jesus naquele lugar

[16] O termo "irmãos" e "irmãs" é utilizado pelos nativos para se referir aos indivíduos que partilham o mesmo espaço religioso, segundo Romanos 8:14-16 "Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus".

[17] O termo "ministério" é uma prática discursiva utilizada pelos nativos, neste caso, os evangélicos no Brasil, e também utilizado pela Igreja Cristã Contemporânea, assim como variações deste termo, "ministrar oração" é utilizado no lugar de "orar", "ministrar louvor" é utilizado no lugar de "cantar uma música". "Ministério" está associado às funções sacerdotais do ministro, seja este pastor, diácono auxiliar, diácono, obreiro ou qualquer liderança que ocupe cargos de hierarquia das igrejas. No caso da ICC, só pode ser ministro em um "ministério" os fiéis considerados membros que tenham concluído o curso Instituto de Desenvolvimento Espiritual (IDE), seja batizado por imersão, seja dizimista, participe mensalmente dos cultos de "ministérios". Esses são alguns critérios estabelecidos pela ICC, divulgado em um folheto ao final dos cultos.

mesa de som, com o notebook ligado a um projetor utilizado para acompanhar as leituras bíblicas, as letras dos hinos gospel e exibe os eventos da semana ao final do culto, este espaço é chamado de house music. Na mesma sequência, ao lado da mesa existe um galão de água em uma prateleira pendurado na parede e ao lado um suporte de copos descartáveis. Próximo encontra-se uma porta com alguns equipamentos de cozinha, com microondas, garrafas, copos e mesas e cadeiras de plástico.

Ao entrar pelo salão principal, após ser recebida pelas três mulheres na recepção, faltava dez minutos para o início do culto, em cima do palco o "ministério de louvor" cantam, composto por quatro mulheres, com uma das mãos levantadas mostrando a palma das mãos e na outra segurando o microfone, ao som do cantor e pastor da Soul Igreja Batista, Kleber Lucas, a música "Deus cuida de mim"[18]. Na frente do palco, três jovens do sexo masculino estão vestidos com blusa branca de manga longa, calça legin azul e nos pés sapatilha, estes jovens vestidos iguais, compõem o "ministério de dança" realizam performances no momento do "louvor", que dura cerca de 20 a 30 minutos. Nota-se a tecnologia audiovisual, o projetor reproduz a letra da música na parede ao canto esquerdo do palco, o som potente, iluminação à meia luz, com luzes coloridas. Algumas fileiras próximas ao palco estavam ocupadas, escolhi sentar na primeira cadeira da última fila à esquerda, uma pessoa se aproximou e me entregou uma bíblia, na capa um adesivo com a logo do "ministério de recepção". Passado o momento de abertura do culto com a apresentação musical e de dança, as luzes são acesas, nota-se uma decoração no palco com balões rosa e letras coladas na parede escrito "Delas para ele", no dia anterior ao culto de domingo, foi divulgado na página da rede social instagram da igreja o tema do culto voltado para o dia das mulheres.

As luzes se acendem e o pastor sobe ao palco/altar para o "momento da pregação da palavra", este veste calça e camisa social. Inicia a "pregação" afirmando que "o crente tem que viver em luta", destacando a necessidade constante do combate espiritual contra as forças demoníacas que buscam minar a fé dos fiéis, uma ilustração da centralidade desse combate na prática pentecostal. Essa perspectiva de uma batalha espiritual constante ecoa a visão de Robbins (2004), que argumenta que o pentecostalismo se baseia em um "dualismo encantado", no qual o mundo é dividido entre as forças de Deus e as forças do mal, e os

[18] É significativo das mediações com o universo evangélico mais amplo que as músicas executadas sejam aquelas largamente difundidas no meio pentecostal, através de grupos gospel como Toque no Altar, Arautos do Rei ou de artistas como Aline Barros, Cassiane, Cristina Mel, Kleber Lucas e outros (NATIVIDADE, 2017, p. 19).

crentes estão em constante luta contra estas últimas. Segundo Mariz (1999), a teologia da batalha espiritual, destaca como esse fenômeno religioso, profundamente enraizado no pentecostalismo e neopentecostalismo, surge como uma resposta às transformações e tensões da modernidade. A autora argumenta que a teologia da batalha espiritual reflete tanto a continuidade quanto a ruptura com a religiosidade popular brasileira, ao mesmo tempo que incorpora elementos éticos e cosmológicos que reforçam uma visão dualista do mundo. No entanto, a autora também ressalta que, mesmo rejeitando práticas de outras religiões, o pentecostalismo mantém um sincretismo implícito, especialmente na forma como reinterpreta o universo sobrenatural e os rituais de exorcismo (MARIZ, 1999, p. 38-39).

O discurso exalta a importância da oração e da persistência na fé, mesmo diante das adversidades, encoraja os fiéis a "permanecerem em Jerusalém até que do alto sejam revestidos de poder", uma referência à experiência dos discípulos de Jesus que aguardavam em Jerusalém a promessa do Espírito Santo. A ênfase na perseverança e na confiança na promessa divina, mesmo em face de dificuldades, é um tema recorrente na teologia pentecostal e se reflete na experiência de muitas mulheres pentecostais que "aguardam no Senhor", como descrito por Mafra (2012).

O pastor utiliza a história bíblica de Raabe, a prostituta que ajudou os espias israelitas a conquistar Jericó, para ilustrar a importância da fé e da confiança em Deus. Raabe é apresentada como um exemplo de alguém que "descansou em Deus" e permaneceu firme em sua fé, mesmo diante da incerteza e do medo. Essa narrativa reforça a ideia de que a fé em Deus é essencial para superar as adversidades e alcançar as promessas divinas. A história de Raabe também pode ser interpretada como uma metáfora da jornada espiritual do crente, que enfrenta desafios e obstáculos em sua caminhada com Deus, mas que, através da fé e da perseverança, pode alcançar a vitória.

Entre os aspectos citados na "pregação" está a moralidade, alertando os fiéis contra o perigo de "dar lugar ao diabo" e de "ocupar a terra inutilmente" refletem a visão pentecostal da vida cristã como um combate constante contra as forças do mal. Esses aspectos aparecem como parte de um processo de eticização da religião, no qual a moralidade é utilizada para definir fronteiras claras entre os salvos e os perdidos (MARIZ, 1999). O destaque na conduta moral e na necessidade de viver uma vida que agrade a Deus é outro elemento central na teologia pentecostal e se reflete nas preocupações dos fiéis da ICC com a "essência", a

“relevância” da igreja evangélica e na necessidade de evitar o “pecado”, como observado por Souza (2014). As palavras ditas pelo pastor ilustram como as narrativas bíblicas são utilizadas para transmitir e reforçar esses valores e crenças, fornecendo modelos de comportamento e exemplos de fé a serem seguidos pelos fiéis.

Durante a “ministração da palavra” que dura cerca de 30 minutos, a performance do culto na Igreja Cristã Contemporânea, é marcada por uma expressividade intensa e um forte apelo emocional. O pastor, com seu tom de voz alto e os gritos durante a “pregação”, busca despertar nos fiéis um fervor religioso e emocional com a mensagem transmitida, essa forma de “pregação”, carregada de emoção e teatralidade, visa criar uma atmosfera de intensa conexão com o divino, incentivando os fiéis a se entregarem à experiência religiosa. Os “intercessores”[19] e outros oficiais, andam pelos corredores no momento da pregação com as mãos levantadas, palmas abertas e orando em voz alta. Seus movimentos e expressões corporais criam uma sensação de envolvimento com o discurso apresentado, convidando os presentes a participarem ativamente da experiência coletiva de fé. Durante este momento o “ministério de louvor” inicia uma música de fundo a fala do pastor, que enfatiza a necessidade de “viver para Deus”, e incentiva as pessoas que estão em seus assentos a ficarem de pé, e diz, “só precisa fazer um gesto que vamos até você” para orar os que manifestam interesse. Esse momento é popularmente conhecido como “apelo”[20] (NATIVIDADE, 2017).

Ao redor as pessoas estão em suas próprias orações, uns de joelho, outros gritam e pulam pelo corredor da igreja. Na fileira da frente ao meu assento, uma mulher expressa um movimento jogando o tronco para frente e para trás, batendo um pé no chão e falando em uma língua não identificada, muitos oram de olhos fechados e mão para cima com as emoções exaltadas, gritos estridentes, sons de gemidos e choros. Uma mulher com aparência jovem, vestida com o colete azul escrito “intercessão” para ao meu lado com uma mão sobre meu ombro e diz no meu ouvido: “Deus mandou dizer, que você precisa do Espírito Santo na sua vida”, e segue andando pelo salão da igreja. A jovem se coloca como um canal direto da

[19] Os intercessores desempenham um papel multifacetado nas igrejas pentecostais, atuando como pontes entre o divino e os fiéis, facilitadores da experiência religiosa e representantes da instituição. Durante o culto, eles circulam entre os presentes, impondo as mãos sobre suas costas ou peito, sua função principal é orar e interceder pelos presentes.

[20] “apelo” momentos em que novatos e outras pessoas presentes são chamadas a entregar a vida a Jesus, renovar seu compromisso religioso (se já tiver “aceito a Jesus”) ou simplesmente receber uma oração voltada para objetivos específicos (NATIVIDADE, 2017, p. 18).

comunicação divina, um papel que é frequentemente atribuído àqueles que vivenciam o êxtase religioso e são vistos como profetas. Essa experiência extática, permite aos fiéis "sentir a presença de Deus", resultando em diversas manifestações espirituais como a glossolalia, profecias e visões. O destaque no Espírito Santo reforça a importância central dessa figura, é visto como o agente de transformação espiritual, capacitando os fiéis a experimentar os "dons espirituais", incluindo a glossolalia e a profecia, que permite o acesso ao conhecimento "oculto aos olhos humanos" (SILVA; SILVEIRA; SOUZA, 2018; RICCI, 2007).

Os intercessores uniformizados e outros membros circulam pelo salão principal observando o ritual e orando com as mãos posicionadas nas costas ou na cabeça das pessoas que se encontram em êxtase. As expressões corporais intensas, representam a glossolalia, um fenômeno central no pentecostalismo, entendido como evidência do batismo no Espírito Santo e como porta de entrada para outros dons espirituais (RICCI, 2007). As expressões como "glória a Deus", "amém" e "aleluia", gritadas pela plateia em meio à "pregação", funcionam como marcadores discursivos que pontuam momentos de confirmação da mensagem religiosa. Esses gritos, acompanhados de pessoas orando de joelhos dobrados no chão e olhos fechados, demonstram a entrega emocional dos fiéis à experiência religiosa e a busca por uma conexão íntima com o divino. Natividade (2017) ao tratar da liturgia da Igreja Cristã Contemporânea situada no bairro da Lapa, na região central do Rio de Janeiro, afirma:

> A liturgia seguia um estilo pentecostal leve, sem exorcismos, mas que invocava a presença do Espírito Santo. Contudo, essas experiências se tornavam mais intensas e dramáticas em rituais privados, como vigílias e cultos de libertação, nos quais era comum que pessoas caíssem ao chão, em experiências místicas descritas como "derramamento" do Espírito Santo. O templo, às vezes, era tomado por experiências de transe mais intensas, ligadas à presença do Espírito Santo na igreja. Contudo, não é comum ali ocorrerem exorcismos ou transes ligados à incorporação de entidade tida como maléfica. Todas as atividades religiosas são mediadas pela música e pela execução do louvor, quando os fiéis reconhecem a presença de Deus no templo. Seguem-se palmas, gritos, sussurros, murmúrios, que demonstram a intensidade da experiência emocional naquele momento ritual (NATIVIDADE, 2017, p. 18).

A figura do pastor, com sua pregação enérgica e apelos emocionais, também com presença da teologia da prosperidade[21], encontra paralelo com elementos do

[21] A Teologia da Prosperidade consta entre as principais mudanças doutrinárias e axiológicas ocorridas no chamado neopentecostalismo, vertente pentecostal encabeçada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Defendendo que os cristãos, enquanto sócios de Deus ou financiadores da obra divina, estão

neopentecostalismo como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), posteriormente fui informada que alguns membros são originários desta igreja, incluindo as pastoras responsáveis pela ICC do município de Nova Iguaçu. Importante destacar que a IURD não permite que mulheres assumam cargos de pastoras ou bispas, uma limitação que está formalmente estabelecida no estatuto da igreja. A posição pastoral das mulheres está condicionada ao casamento com homens que já ocupam cargos de bispos ou pastores. A dinâmica de poder na instituição é marcada por uma divisão de gênero, onde o acesso ao espaço performativo de poder é mediado pelo matrimônio e pela conformidade às normas de gênero delineadas pela igreja (TEIXEIRA, 2018). Chegado o momento do dízimo e ofertas, o discurso do pastor se revela como uma performance retórica que une elementos teológicos e apelos emocionais que visam mobilizar os fiéis a contribuírem financeiramente para a igreja.

Neste momento, a "pregação" inicia com a passagem registrada em Hebreus 12.2, evocando a imagem de Jesus Cristo em sua jornada de sacrifício e superação, culminando em sua ascensão ao lado de Deus, essa narrativa, que ecoa a teologia da batalha espiritual, visa encorajar os presentes a vencerem seus próprios desafios, representados pela "incredulidade" e pelo "medo de ofertar e dizimar". Afirma, "Precisamos dos dízimos e ofertas de Deus e da sua fidelidade para a gente chegar até os confins da terra", essa declaração atrela a fidelidade financeira à capacidade da igreja de cumprir sua "missão evangelizadora", incentivando as contribuições financeiras.

O discurso se apoia na teologia da prosperidade, que associa a fidelidade financeira à bênção divina. A Teologia da Prosperidade rejeita a ideia de que a salvação está associada à pobreza ou ao sofrimento, promovendo, em contrapartida, a prosperidade material como um reflexo da bênção divina e da força da fé. Esse discurso está alicerçado em uma lógica de ação, onde o fiel é incentivado a tomar iniciativas concretas para melhorar sua vida econômica e espiritual, aqui e agora (MESQUITA, 2007, p. 202). O pastor cita que os dízimos e ofertas permitirão que a igreja chegue "até os confins da terra" e enfatiza os benefícios materiais, como o conforto do espaço físico da igreja, reforçando a ideia de que a contribuição financeira trará recompensas tanto espirituais quanto materiais. A liderança, ao

---

destinados a ser prósperos, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos, esta teologia, oriunda dos EUA, derruba por terra o velho ascetismo pentecostal e concorre para pôr em xeque a tese que vê afinidade entre o pentecostalismo e o "espírito do capitalismo" (MARIANO, 1996).

afirmar que: “se você está sentado numa salinha com ar condicionado, com ventilador, com água geladinha é o seu dízimo e as suas ofertas que contribuem para isso”.

> A teologia da prosperidade promove uma forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal, deslocando o eixo da salvação da alma para a conquista do bem-estar material e da felicidade terrena. (MARIANO, 1996, p. 25).

A história bíblica de Raabe, a prostituta que ajudou os espias israelitas e foi recompensada por sua fé, é utilizada como exemplo de como a confiança em Deus leva à prosperidade. Essa narrativa, que se conecta à teologia da prosperidade, reforça a ideia de que a contribuição financeira é um investimento que trará retorno, tanto na vida presente quanto na futura, a crença numa divindade recompensadora (MARIANO, 1996).

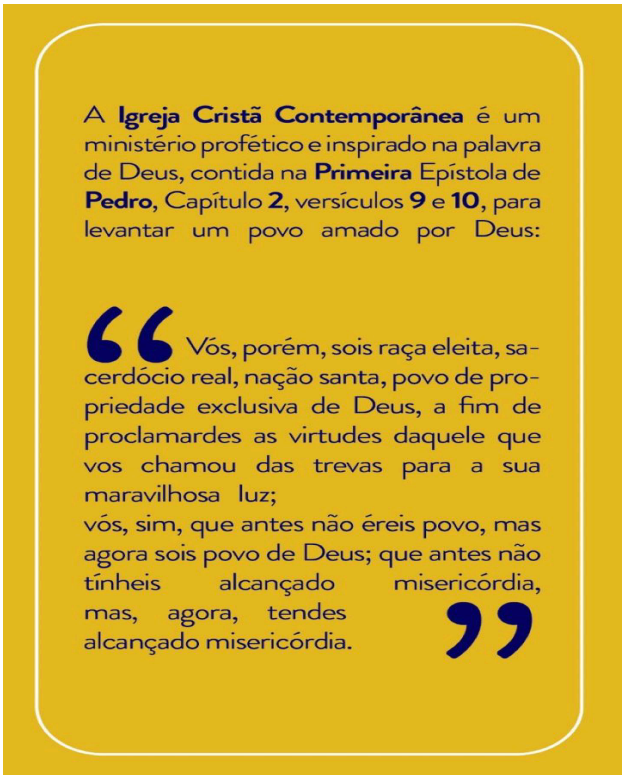
O pastor personifica os sentimentos de incerteza como “bagagens” que precisam ser deixadas para trás, no sentido de que a contribuição financeira é um ato de fé e confiança em Deus, alerta sobre a influência do “inimigo” que busca “sugar da mente” a certeza da importância do dízimo e da oferta[22]. A repetição da expressão “não deixe” reforça a urgência do combate espiritual e pede para os fiéis não cederem às dúvidas e medos, a narrativa da batalha espiritual, serve como um motivador, colocando a contribuição financeira como um ato de vitória contra as “forças do mal”. A contribuição financeira assume uma dimensão social e comunitária, reforçando os laços de “pertencimento” à congregação. Ao contribuir com o dízimo, o fiel se torna integrante oficial da igreja e compartilha responsabilidades na realização das atividades da congregação, a necessidade de ser dizimista para compor um “ministério” reforça essa dinâmica.

O discurso é feito por uma linguagem simples, com repetições e perguntas retóricas que buscam envolver as pessoas presentes, o destaque na “certeza da fé” e na necessidade de “viver o novo” reforça a ideia de que a contribuição financeira é um passo importante na jornada espiritual do crente. Cita como referência os “crentes bereanos”, que buscavam confirmar nas escrituras os ensinamentos de Paulo, visa maior credibilidade ao discurso do pastor e reforçar a autoridade da Bíblia, outra promessa narrada é a volta de Jesus, que cria um senso de urgência e importância em relação à contribuição financeira.

[22] As lideranças citam constantemente sobre a importância do dízimo e ofertas para manter os custos da igreja, como o aluguel, conta de luz e água da denominação em Nova Iguaçu.

Finalizando a “pregação”, dois oficiais, um homem e uma mulher uniformizados com um colete azul, escrito “intercessão”, se posicionam em lados opostos do palco, na mesma direção, segurando envelopes amarelos e azuis. Os envelopes amarelos são para as ofertas e os azuis para os dízimos. É oferecida a máquina de cartão para a oferta e o dízimo, e no telão fica exposto o QR Code para transferência bancária de forma digital. O envelope amarelo é entregue para todas as pessoas presentes no culto, incluindo o pastor. Nesse momento, o “ministério de louvor” sobe ao palco e canta de maneira festiva, percorrendo o palco de um lado para o outro, enquanto os ofertantes caminham até uma cesta de palha em frente ao palco/altar para entregar os envelopes. Após o chamado “momento do louvor”, uma mulher, membro do “ministério de louvor”, pede para que todos ergam o envelope acima da cabeça para uma oração. Seguem os avisos das atividades religiosas para a próxima semana e o culto se encerra com uma oração final e uma passagem bíblica baseada em 1 Pedro 2:9-10 (figura 5), recitada em todos os cultos, por toda a igreja.

FIGURA 5 - Banner passagem bíblica 1 Pedro 2;9-10.



Fonte: Página do *Instagram* da ICC.

Segundo Geertz (1978), a passagem bíblica funciona como um sistema de símbolos

que estabelece disposições e motivações nos fiéis, moldando sua visão de mundo e reforçando a aceitação da autoridade religiosa. Ao proclamar os fiéis como “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus”, a oração reforça a mensagem de “acolhimento e pertencimento”, mesmo para aqueles que antes se sentiam “afastados” do espaço religioso, sendo nomeado como “povo de Deus”. O destaque na eleição divina e na “santidade” do “povo de Deus” pode ser interpretada como uma forma de afirmar a identidade de indivíduos LGBT, a “santificação” destaca a importância da conduta moral e da busca por uma vida que agrade a Deus. Ao se reconhecerem como parte do povo escolhido por Deus, os fiéis da ICC reafirmam sua dignidade e valor, contestando discursos de “exclusão e discriminação”.

Neste momento, o pastor pede para que todos permaneçam em seus assentos e solicita que os visitantes levantem as mãos e digam seus nomes. Assim o fiz, uma mulher e um homem jovens também se apresentaram como visitantes. Em seguida, todos os presentes iniciaram um corinho evangélico de boas-vindas: “Visitante, seja bem-vindo, sua presença é um prazer, com Jesus estamos dizendo, a Contemporânea ama você!”. O corinho foi cantado com animação e muitas palmas de todos os presentes.

Logo após a apresentação dos visitantes, um membro me entregou uma pasta contendo três panfletos, um questionário e um chocolate “bis” com um papel escrito “sua visita pede bis”, um trocadilho para o indivíduo retornar a igreja para um próximo culto. O primeiro panfleto continha o endereço de todas as Igrejas Cristã Contemporânea localizadas no Estado do Rio de Janeiro e os horários dos cultos. O segundo panfleto relata a história da igreja e alguns valores da denominação, como participar de um “ministério”, os dezenove “valores de excelência ministerial”, está a “aceitação” (não acepção de pessoas), “consagração” (leitura, jejum, busca e entrega), “santidade” (somos templo do Espírito Santo), “conversão e transformação” (um novo recomeço, uma nova vida), entre outros valores. O terceiro panfleto era um convite para participar do curso Instituto de Desenvolvimento Espiritual (IDE). O curso busca o estudo bíblico e o conhecimento sobre a doutrina da igreja. Em uma conversa com o diácono auxiliar Luiz, ele explicou que o IDE serve para conhecer a doutrina da igreja e que, ao fazer o curso, considera-se estar firmando raízes na denominação. Ao se formar no IDE, a pessoa pode ser “ministro” em um “ministério” e se torna membro oficial da igreja. O questionário solicitava a inserção de alguns dados (nome, e-mail, telefone) e perguntava como a pessoa conheceu a igreja. Entre as opções sugeridas estavam as redes sociais (Instagram e Facebook), a indicação por amigos ou

“outros” modos. Essas informações podem servir como retorno para as ações de evangelização traçadas pela igreja.

No decorrer da minha frequência, percebi que ao término dos cultos, divulgam as redes sociais da igreja, pedindo para todos “seguirem, comentar nas publicações e compartilhar as redes sociais”, sobretudo a página do *Instagram e do Facebook*, indicadas como principais canais de divulgação de eventos e atividades da congregação. Ao final do culto um oficial chama todos para a frente do palco/altar para um registro fotográfico compartilhado na página do instagram da igreja, ao longo dos meses frequentando a denominação, percebe-se que todos os domingo após o culto é feito um registo fotográfico e divulgado nas redes sociais da ICC de Nova Iguaçu. Na figura 6 mostra a decoração temática do culto, uma liderança da igreja se posiciona em primeiro plano, da esquerda para a direita estão uma pastora e o pastor que ministrou o culto da noite, entre outras lideranças e membros, a liderança de colete azul, está vestindo o uniforme do ministério da intercessão.

FIGURA 6 - Registo fotográfico do primeiro culto.



Fonte: Página do Instagram da ICC N.I.

Após preencher as respostas, dirigi-me ao bebedouro, observando a movimentação pós-culto. Algumas lideranças vieram me cumprimentar, interessadas em saber como conheci

a igreja. Entre as lideranças, estava a pastora responsável pela ICC de Nova Iguaçu, que, ao manifestar meu interesse pela denominação, me convidou para conhecer o IDE. A denominação não conta com um espaço de socialização comum nas igrejas cristãs, a cantina. No entanto, ao término do culto, a igreja esvazia rapidamente. Um total de quarenta e duas pessoas estavam presentes no culto. Cerca de seis pessoas se reúnem para caminhar até a Rodoviária de Nova Iguaçu ou até o ponto de ônibus em frente ao Top Shopping, para seguir em destino a outras áreas da cidade. A partir do momento em que comecei a interagir com os fiéis, passei a ir embora em grupo para o ponto de ônibus, pude estabelecer conversas e compreender melhor sobre a igreja. Vale ressaltar que a maioria das lideranças possuem carro, que ficam estacionados na frente da igreja e uma pequena parcela dos fiéis se locomovem por meio do transporte público.

Sobre o perfil dos fiéis, a partir das observações nos cultos e eventos, evidenciou-se uma participação predominante de sujeitos que se identificam como "homens gays" e "mulheres lésbicas". Em contrapartida, a presença de outras identidades de gênero, como pessoas transgênero, mostrou-se menos frequente, embora não inexistente. A presença esporádica de indivíduos transgênero, tanto homens quanto mulheres, sugere que a igreja, apesar de majoritariamente frequentada por homossexuais cisgênero ou como chamado por adeptos da denominação "homoafetivos"[23], também conta, ainda que em menor número, pessoas com diferentes identidades de gênero. No total, observei um homem jovem transsexual ou trangênero e duas mulheres transsexual ao longo da frequência na congregação. A aparência dos membros e lideranças, em sua maioria, segue um modelo binário de performance de gênero, normativas entre homens e mulheres. Os homens geralmente usam roupas sociais, calça e camisa. As mulheres vestem camisetas sem decote, vestidos na altura do joelho, saia longa, calça jeans, e cabelos longos, usam batom e pintam as unhas. Também encontram alguns homens e mulheres que expressam sua identidade de gênero de maneiras que fogem à norma, como mulheres com cabelo raspado, calça jeans e camiseta, e homens com roupas justas, unhas pintadas e voz aguda.

---

[23] O termo "homoafetivo" ou "homoafetividade" é constantemente utilizado na linguagem da Igreja Cristã Contemporânea, no lugar de "homossexual" e "homossexualidade". Nota-se uma simbologia da "homoafetividade" representando uma identidade integrada, em que o amor pelo parceiro é visto como extensão do amor a Deus. Ao adotar uma linguagem que evoca afeto e não apenas sexualidade, a ICC se aproxima de discursos secularizados de direitos humanos, como o reconhecimento legal das uniões estáveis, sem abandonar sua base teológica.

A performance de gênero observada, em que homens se vestem com roupas sociais e mulheres com vestidos e maquiagem, reflete a força da heteronormatividade, em um espaço que se pretende "inclusivo" à diversidade sexual. A heteronormatividade, como argumenta Butler (2003), opera através da naturalização de um sistema binário de gênero, no qual masculino e feminino são definidos em oposição e atrelados a uma orientação sexual específica. Essa lógica binária é perpetuada por diversas instituições sociais, incluindo a religião, que, como sistema cultural, atua para moldar as disposições e motivações dos sujeitos (BUTLER, 2003; GEERTZ, 1973). A participação em rituais e cerimônias religiosas reforça determinadas concepções de gênero e sexualidade, incentivando a conformidade com a norma.

2 - Estrutura religiosa e posições eclesiásticas da ICC Nova Iguaçu

No domingo, sete de abril, cheguei à igreja uma hora e meia antes do culto, para observar o Instituto de Desenvolvimento Espiritual (IDE), que funciona como um grupo de estudo sobre o livro da bíblia e a doutrina na igreja em 25 lições, após a conclusão do curso é emitido um certificado para a formatura do novo membro oficial. Os encontros ocorrem duas vezes na semana, sempre uma hora e meia antes do culto, na quinta-feira das 18h30 às 19:30 e no domingo das 16h30 às 18h.

As portas abertas convidavam à entrada, e o som de um hino gospel - “Debaixo de Tuas Asas” - preenchia o ambiente. Diante de mim, a organização para o culto se desenrolava, um jovem com trajes de dança, ensaiava no altar, sentei-me na última fileira do salão ainda vazio, observando o ensaio. Minutos depois, o diácono auxiliar Luís surgiu de uma sala lateral, cumprimentando-me calorosamente e perguntando se eu estava aguardando para conhecer o IDE. Confirmei meu interesse e fui guiada a uma pequena sala no segundo andar, o espaço era simples, com uma estante de bíblias e apostilas, três fileiras com quatro cadeiras e duas poltronas à frente. Ao entrar, deparei-me com um jovem trocando de roupa, visivelmente surpreso com minha presença, gentilmente, ofereci-me para sair, mas ele assegurou que seria rápido. O diácono auxiliar e eu aguardamos do lado de fora, a porta fechada, até a saída do jovem. Neste momento de espera a liderança me oferece água e desce para buscar enquanto aguardo do lado de fora da sala.

Ao entrar na sala, sento na primeira fileira de cadeiras, em poucos minutos o diácono sobe as escadas com dois copos de água, se acomoda em uma poltrona e me entrega uma apostila com a foto do Marcos Gladstone, pastor presidente na capa. O diácono auxiliar explica que a apostila foi desenvolvida pelo pastor presidente e é utilizada na formação do curso da doutrina da igreja, alerta que não é permitido tirar foto da apostila e justifica dizendo ser necessário assegurar os direitos autorais do conteúdo utilizado no curso.

Durante a conversa o diácono, com curiosidade, questiona sobre o escopo da pesquisa: “Você pesquisa só a fé cristã ou todas as religiões?” (Luís, informação verbal). Respondo: “Não, somente a contemporânea”. A conversa se aprofunda, e o diácono busca delimitar ainda mais o campo de estudo: “Você não vai para a matriz africana, nada disso, essas religiões que vieram da África, ocultismo, só a fé cristã mesmo, né?”(Luís, informação

verbal). Confirmo meu interesse exclusivo na fé cristã. A busca por especificidade continua: “A fé cristã, evangélica ou católica também?” (Luís, informação verbal). Respondo: “Somente a evangélica”. O diácono, então, faz uma conexão histórica: “Só depois de Martinho Lutero, com a Reforma Protestante, né?” (Luís, informação verbal). Com o foco da pesquisa desvendado, o diácono compartilha sua perspectiva:

> Bom saber, fica até mais fácil da gente entender para o mundo existem vários caminhos que vão levar a Deus, mas isso para o mundo. Para nós evangélicos, o único caminho é Jesus Cristo, não existe outro caminho” (Luís, realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

O diácono auxiliar expressa sua compreensão de que outra religiões podem até mencionar Jesus e a “salvação”, mas, para os evangélicos, essas crenças são “mundanas” e divergem do que Deus prega, sendo essa a única a “verdade”. A liderança usa o exemplo da fé católica, mencionando a crença em santos e na Virgem Maria, práticas que não têm valor para os evangélicos, ressalta que não está criticando, apenas apontando diferenças de crença. A conversa se encaminha para a questão da multiplicidade de deuses em algumas religiões, o que considera confuso e divergente de sua própria fé. A liderança ao perguntar sobre dúvidas a respeito da ICC, questiono sobre o termo “igreja inclusiva”, neste momento ele pergunta: “você é homoafetivo?” (Luís, informação verbal), confirmo com a cabeça, a liderança abre um sorriso, que demonstra uma tentativa de estabelecer uma conexão e inicia a explicação:

> Porque inclusiva? Na verdade, tinha o nome de igreja dos gays, LGBT, GLS, naquela época, ainda era essa sigla menorzinha. E ele (Marcos Gladstone) veio com essa concepção porque, na igreja tradicional, nós que somos homoafetivos vamos até um ponto ali. Ou a gente vive em um esconderijo, eu vivo a minha vida privada fora da igreja, me relaciono com a pessoa do mesmo sexo, muitas vezes moro com a pessoa do mesmo sexo, mas na igreja não. Se eu levar (a pessoa), tenho que tratar como minha amiga, meu amigo, minha prima ou meu primo. A gente nunca é aceito como casal. Quando eles percebem isso, quando a gente fala ou eles descobrem, o que nos é dado? Você está em pecado, Deus abomina sua vida, essa é uma escolha sua, você escolheu o pecado, você tem como ficar livre do pecado. Vamos fazer uma sessão, uma campanha, o nome que se dê, para que você não tenha mais esse demônio, que você não tenha mais esse pecado”. (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

A fala da liderança expressa a vivência de pessoas “homoafetivas” dentro do espaço religioso considerado “tradicional” nas igrejas católicas, protestantes e pentecostal, que

estabelece a sexualidade desse grupo social como algo negativo ligado ao “pecado”, a necessidade de uma “vida dupla” ou de “esconder” o relacionamento, evidencia a “exclusão”. Continua a explicação:

> Muitos vão dizer que é demônio, pecado, opção, escolha, mas a gente entende que nós nascemos assim. Eu acredito que, não sei se cem por cento, mas a grande maioria não escolheu. Se você pudesse escolher, acredito também que a grande maioria não escolheria ser homoafetivo, porque é difícil. Você luta contra uma sociedade muito hipócrita, que nos persegue, homofóbica. Dentro da sua família, você sofre homofobia, discriminação. Quem quer viver isso? Ninguém.(Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

O diácono auxiliar contesta a visão patologizante da “homoafetividade”, associada ao “demônio”, “pecado”, “opção” ou “escolha”, afirmando que “nós nascemos assim”. A noção de “cura” da sexualidade é criticada pela liderança, ainda que a “cura” seja uma crença aceita pela denominação, no entanto direcionada a males do “mundo”, traumas ou até doenças psicológicas, assegurando um “milagre” de Deus. A liderança afirma que a ICC não é a primeira igreja considerada “inclusiva” no Brasil, no entanto, o “boom” desta denominação ocorre em maio de 2010, quando os pastores presidentes, Marcos Gladstone e Fábio Inácio, foram convidados para um debate no programa de televisão “SuperPop”, apresentado por Luciana Gimenez na emissora RedeTV!:

> Foi aí que teve o boom da Igreja Cristã Contemporânea, descobriram que existia uma igreja gay, até então a gente era taxado assim, não falava igreja inclusiva, falava igreja gay, a gente ficou com esse nicho de ser uma igreja gay. Então só gay que pode frequentar, não, mas só gay que vai, por que é uma igreja gay, um hétero não vai querer ir em uma igreja gay, se eu sou hétero o que vou fazer em uma igreja gay, mas se eu sou hétero e minha filha é gay, em uma família heteronormativa com um filho gay, eu posso ir lá porque é uma igreja inclusiva, então eu vou com a minha filha ou filho nesse ambiente eclesiastico, por isso o nome Igreja Cristã Contemporânea e incluisiva. (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

A participação no programa de TV dos pastores presidentes da denominação impulsiona a visibilidade da igreja, como uma maneira também de “evangelizar”, atraindo o público. A mudança de nomenclatura de “igreja gay” para “igreja inclusiva” marca uma tentativa de sair de um recorte específico e ampliar o alcance da igreja, deixando de ser uma igreja direcionada somente a homossexuais para alcançar heterossexuais. Durante os cultos e eventos da igreja as lideranças costumam afirmar um dos slogans da igreja “levando o amor de Deus a todos sem preconceito”. Segue sua narrativa afirmando a existência de indivíduos

que foram “excluídos” do espaço religioso devido sua sexualidade, sendo necessário um lugar onde essas pessoas possam conciliar sua identidade de gênero e/ou orientação sexual com sua espiritualidade, sem ter que “renunciar” a uma parte de si mesmas. Uma alternativa para não viver no “mundo”, segundo o diácono auxiliar Luís:

> A igreja inclusiva é justamente para trazer esse público que em outrora ficou de fora. Então, por isso esse nome, igreja inclusiva, porque a gente inclui todo o mundo, não podemos excluir, não vai ser uma igreja partidária, só entra gay, apesar de ser uma grande maioria gay, porque foi o lugar em que fomos aceitos (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

Vale aproximar essas colocações com a pesquisa de Fátima Weiss de Jesus (2010), em seu trabalho “A Cruz e o Arco-Íris”, oferece uma definição operacional da “igreja inclusiva”, caracterizando-a como aquela que: compatibiliza sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs (JESUS, 2010, p. 132). Em complemento, Natividade e Oliveira (2009), exploram a dimensão teológica da “inclusão”. Essa perspectiva teológica, denominada “teologia inclusiva”, coloca em discussão o dogma religioso que condena a homossexualidade, esforçando-se por oferecer leituras bíblicas alternativas, que visam apagar os estigmas que incidem sobre a diversidade sexual (NATIVIDADE, 2017, p.21). O discurso do diácono auxiliar contínua:

> Nós, como evangélicos, sabendo quem somos e buscando a Cristo, entendemos que precisávamos ter um lugar, tenho que viver uma mentira, não é que seja uma mentira, mas não é a sua realidade, é uma fantasia, não é sincero, você sente o constrangimento se vier um pastor, e vai acontecer na igreja tradicional, vindo com uma marretada de Levítico, Coríntios; você fala assim: ‘caramba, ele está falando de mim, ele vai vir com força!’, você não acredita naquilo ali, ou você vai ficar com raiva e vai decidir ir para o mundo mesmo, ‘não quero saber de religião!’, ou vou me entregar para quem me aceita, que é na igreja inclusiva ou para outras religiões. Até a igreja católica tem uma abertura maior para os homoafetivos, eles estão entendendo que Jesus nos aceita do jeito que somos, não cem por cento, mas algum nicho já está indo. (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

Furtado (2021) destaca que a igreja Católica se encontra em um processo de amadurecimento em relação à diversidade sexual e de gênero. Apesar dos avanços no discurso de “acolhimento”, a doutrina oficial ainda não justifica os direitos e as relações das pessoas LGBT. Apesar da mudança de nome e do discurso de “inclusão”, a fala do diácono também revela os desafios na construção de uma igreja “verdadeiramente inclusiva”. destaca-se alguns questionamentos recorrentes de que a igreja, apesar de se declarar

“inclusiva”, carece de acessibilidade física, como rampas e elevadores, evidenciando a complexidade da inclusão. No entanto, o diácono afirma que:

> Não é esse tipo de inclusão que estamos falando aqui. Claro que, se um cadeirante gay vier à nossa igreja, ele será recebido, mesmo não sendo possível subir para a aula do IDE, nós descemos com a aula, vamos tornar esse ambiente viável para ele. (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

A narrativa do diácono auxiliar destaca uma tensão entre o “ideal” de inclusão e as limitações da realidade material da denominação. A ausência de recursos para implementar adaptações arquitetônicas mais amplas, como elevadores e banheiros adaptados, é reconhecida, mas a igreja busca soluções criativas para superar as barreiras físicas. Ele define a igreja inclusiva como “um lugar que inclui todo mundo, foi o lugar em que nós fomos aceitos” (Luís, informação verbal), oferecendo uma alternativa a todos aqueles que se sentem rejeitados ou incompreendidos em outros espaços religiosos, com ênfase em pessoas gays, lésbicas, bissexual, transsexual e travesti (LGBT). Ao visualizar o futuro, a liderança expressa uma esperança de mudança geracional direcionada a religião e diversidade sexual:

> Acredito que nós, não sei se a minha geração vai viver isso, mas vocês que são mais novos, eu acredito que vai viver um tempo em que as igreja tradicionais vão entender que a gente faz parte do reino, eu creio, não vai mais ser necessário viver em uma igreja inclusiva, você vai em qualquer igreja e vão te aceitar no ministério, vai poder ser um pastor, umas pastora, obreiro, diácono, o que for, porque hoje em dia não pode. Como homoafetivo, jamais seria um diácono auxiliar ou obreiro em uma igreja tradicional. Permaneceria como membro, mas com limitações. Não poderia sequer ser batizado, pois, segundo eles, o batismo não representaria a redenção dos meus pecados, já que não me arrependi e não mudarei. Mas como transformar algo que é intrínseco à minha essência? Essa incompreensão da nossa natureza é daí que vem o conceito da igreja inclusiva. (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

Ao tratar do questionamento sobre a categoria “igreja inclusiva”, o diácono auxiliar destaca alguns aspectos como justificativa, a recusa em reconhecer a orientação sexual como parte da identidade de uma pessoa e a exigência de “transformação” ou “arrependimento” como ações necessárias para seguir uma trajetória religiosa evangélica. A liderança explica um pouco sobre a Igreja Cristã Contemporânea, reconhece que muitos oficiais provêm de outras igrejas, cada um carregando consigo suas próprias tradições e compreensões da fé. Batista, presbiteriana, assembleiana, universal, católica, quadrangular entre outras igrejas, e cada denominação possui suas particularidades, seus costumes e suas formas de expressar a

fé. Menciona algumas diferenças de denominações. Enquanto a Igreja Cristã Contemporânea adota o batismo por imersão pois, segundo Luís:

> Você precisa ser mergulhado para nascer um novo homem. Se você foi batizado e só molhou a cabecinha lá a gente não considera que você é batizado, mas se você considera batizado não iremos te obrigar. Na nossa doutrina a gente acredita que é por imersão, mas a outra doutrina cristã não precisa, servimos ao mesmo Deus, ao mesmo texto só que a nossa doutrina pede isso, se você quer fazer parte da nossa doutrina é bom que você se batize novamente. (Luís, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

Destaca que, embora respeite outras formas de batismo, a imersão é considerada essencial em sua doutrina, simbolizando o renascimento em Cristo, outras igrejas, como algumas presbiterianas, realizam o batismo por aspersão (derramamento de água sobre a cabeça). O batismo de crianças não é realizado na ICC, ao contrário de outras denominações que praticam o batismo infantil. Essa diferença se baseia na crença de que o batismo é um ato consciente de fé, que só pode ser realizado por aqueles que compreendem e aceitam Jesus como seu salvador.

Sobre os considerados “dons espirituais” Luís afirma que em algumas igrejas, como a Assembleia de Deus, valorizam a manifestações de dons espirituais, como as glossolalias e revelação, na ICC, os dons são reconhecidos, no entanto, há um cuidado em orientar aqueles que possuem a buscar o pastor ou pastora antes de compartilhar suas revelações com outros membros, segundo o diácono auxiliar Luís, essa postura visa evitar possíveis mal-entendidos. Afirma que o estilo de pregação pode variar entre os pastores e pastoras da ICC, enquanto alguns pregadores são mais enérgicos e emotivos, outros adotam uma abordagem mais tranquila e reflexiva, cada pregação é diferente, reconhece que os membros vêm de diferentes tradições religiosas, cada uma com suas subjetividades. Ao ingressarem na igreja, eles são convidados a se “moldar” para uma nova experiência de fé, o “novo de Deus”, mesmo que isso implique em deixar para trás algumas práticas e hábitos antigos.

Ao tratar da hierarquia da igreja o diácono auxiliar faz comparação com uma escada, que conduz ao topo, onde se encontram os pastores e pastoras, cada degrau representa um estágio de aprendizado e serviço. Na base da escada estão os obreiros, que, embora

convidados a servir não são consagrados com a unção do óleo[24], representando um estágio inicial de aprendizado e preparação para os próximos níveis. Elucida, que na doutrina da igreja, o obreiro não pode impor as mãos sobre a cabeça das pessoas durante as orações, um ato reservado aos diácono/diaconisa, diácono/diaconisa auxiliar e pastor/pastora. O próximo degrau é o diaconato, alcançado através da ordenação e da unção com óleo. O diácono, além de assumir responsabilidades administrativas e de assistência aos membros, também pode impor as mãos durante as orações, um gesto simbólico de bênção e intercessão. Acima dos diáconos estão os diáconos auxiliares, que, além de suas funções diaconais, estão em processo de aprendizado para se tornarem pastores. Eles auxiliam os pastores e pastoras em suas atividades e se preparam para assumir a liderança espiritual da igreja.

O caminho para se tornar membro na ICC, é explicado pelo oficial da seguinte maneira: a primeira vez que a pessoa vai a igreja e continua frequentando é considerada visitante, a partir do momento que ela decide participar do IDE, o programa de estudo bíblico e doutrinário, é um sinal que deseja se tornar membro. Ao concluir o IDE, a pessoa se torna oficialmente membro da igreja e pode participar de um "ministério", o diácono auxiliar afirma que: a maioria acaba aceitando o convite, pois entende a importância de servir. Eu, por exemplo, comecei na recepção e continuo até hoje. O IDE me tomou um ano, mas geralmente leva menos tempo para quem frequenta todas as aulas.

FIGURA 7 - Mural com os ministérios da Igreja Cristã Contemporânea .

[24] O derramamento de óleo na cabeça de um oficial significava que ele havia sido separado para servir a Deus, reafirmando os votos do oficial, na doutrina da Igreja Cristã Contemporânea esse ritual só ocorre quando se torna diácono/diaconisa, diácono/diaconisa auxiliar e pastor/pastora.



Fonte: Acervo Pessoal 2024.

A imagem acima, (figura 6), mostra um quadro de avisos azul da Igreja Cristã Contemporânea Nova Iguaçu, com um símbolo de sol radiante no canto superior esquerdo, representando a logo da igreja. Abaixo do título, há uma grade organizada com papeis e imagens representando os ministérios da igreja. Na primeira linha, encontra-se o "ministério de recepção" com um símbolo de aperto de mão, o "ministério de intercessão" com mãos em oração e o "ministério de teatro" com máscaras teatrais, o "ministério total adoração" e o "ministério de louvor" esses três últimos "ministérios" são formados pelo mesmo grupo de membros e lideranças, são pessoas que cantam e dançam nos cultos ou em eventos da igreja. O "ministério das famílias", "ministério de ação social" e o "ministério infanto juvenil" se caracterizam de maneira diferente dos demais "ministérios", estes são considerados "rede"[25], em uma conversa com a pastora Carla, explica que:

[25] Segundo a pastora Carla, algumas "redes" têm nomes de "ministério" dada a importância da denominação religiosa. O "ministério" é caracterizado pelo trabalho dos membros da igreja, a "rede" é caracterizado como "assistência" e "acolhimento".

> No ministério o membro trabalha já na rede a pessoa é acompanhada, mesmo as que não fizeram o IDE, pode participar. O ministério de famílias é uma rede por não ter função de trabalho, as pessoas estão ali participando, sendo alimentadas (de Deus), o ministério de famílias existe para que as pessoas sejam acolhidas e acompanhadas (Carla, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 21 de julho de 2024).

Entre as ações da "rede", no final de todos os cultos é feita uma roda de oração para todas as famílias, todos ficam de mãos dadas na frente do palco/altar, cada indivíduo pode fazer um pedido e em seguida uma liderança ora pelo pedido de cada um presente. A roda de oração, realizada ao final de cada culto, pode ser vista como um ritual de proteção e fortalecimento espiritual para as famílias. Entre as ações deste "ministério" que funciona como "rede" é um mural com fotos das famílias localizado no lado esquerdo do palco/altar, outra atividade deste "ministério" são os cultos direcionado às famílias, como o "clamor pelas famílias", são correntes e campanhas de oração importantes para a denominação, segundo a pastora Carla:

> Deus é poderoso e se levantará em nosso favor, pois, ataques estão vindo sobre os nossos filhos, pais e irmãos, não podemos ficar parados diante dessa afronta do inferno. Para essa situação mudar, depende unicamente da sua ação e oração. (Carla, conversa realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 21 de julho de 2024).

É notório a cosmologia dualista, que divide o mundo entre as forças do bem e do mal, e que essa cosmologia molda a forma como os pentecostais experimentam e narram suas vidas. A linguagem de "ataques" e "afronta do inferno" utilizada pela pastora Carla, funciona como um sistema simbólico que visa a gerar nos fieis disposições e motivações da "realidade" Geertz (2008). O "ministério de ação social" é uma "rede" que funciona por colaborações de alimentos, produtos de higiene pessoal e de limpeza que são destinados a famílias que recebem as cestas básicas. Ao final dos cultos, no momento dos avisos a liderança pede para quem puder colaborar com um alimento ou produtos de higiene que deposite no cesto localizado ao lado da porta de vidro, na entrada do salão principal. O "ministério infanto juvenil", também é uma "rede" caracterizado por atividades infantis. No segundo andar da igreja há uma sala com decoração infantil, cadeiras e brinquedos. No entanto, durante todo o período de observação no campo, nenhuma atividade infantil foi realizada na igreja, a pastora Carla, narra que o "ministério de infanto juvenil" da igreja sede participam muitas crianças, diferente da denominação de Nova Iguaçu. O quadro apresenta a diversidade de "ministérios", com cores, símbolos e imagens que tornam visualmente

informativo. O diácono auxiliar explica que no quadro falta o “ministério house music” que se refere a parte tecnológica da igreja, como o jogo de luz e som. A liderança explica os critérios avaliados de um recém membro ao servir em um ministério pelos pastores/as e demais adeptos a denominação religiosa:

> Você é observado pela comunidade e pelos líderes, sua dedicação, caráter e relacionamento com os i**rmão**s são avaliados, com o tempo, caso demonstre maturidade espiritual e compromisso, pode ser convidado a se tornar um obreiro. O obreiro assume responsabilidades adicionais na igreja, além de continuar atuando em um “ministério”, existe um curso específico para obreiros, atualmente online, com duração de um ano. Durante esse período, o obreiro é preparado e se aprovado, apresentado à igreja. Nossos cursos e discipulados visam unificar a visão da igreja e alinhar a todos com os propósitos dos nossos pastores presidentes. É importante que, mesmo com experiências anteriores em outras igrejas, estejamos abertos a aprender e nos adaptar à forma como nossa comunidade entende e pratica a fé, seja em relação a dízimos, ofertas, imposição de mãos ou qualquer outro aspecto. (Luis, realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 07 de abril de 2024).

O diácono auxiliar Luís evidencia a busca por normatização de crenças e práticas, como dízimos, ofertas, imposição de mãos e entrega de profecias, por meio de cursos e discipulados, outro aspecto é a centralidade da figura do líder e a difusão de um texto teológico homogêneo como elementos-chave para a expansão da igreja.Sobre as práticas da denominação a liderança explica que: “Estamos começando a criar essa coisa de deixar de sermos um monte de denominação juntas, para sermos uma única denominação com uma identidade própria” (Luís, informação verbal). A necessidade de criar uma “base” comum para a igreja, mesmo que isso implique deixar para trás as experiências e conhecimentos adquiridos em outras denominações, reflete a importância da integração social na construção da identidade religiosa. Para Dubet (1994), a integração é uma das lógicas da ação que estruturam a experiência social, na qual o indivíduo busca fortalecer suas conexões ao grupo. No contexto da nova igreja, a integração se dá por seguir um conjunto de crenças e práticas que definem a identidade do grupo e que os diferenciam de outras denominações.

Afirma que na Igreja Cristã Contemporânea possui uma estrutura clara, com cargos que refletem o crescimento espiritual e o compromisso com a “obra”: membro, obreiro, diácono, diácono auxiliar, pastor e pastores presidentes. Cada etapa envolve estudo e aprovação das lideranças. Durante a conversa, aguardamos a chegada dos participantes do curso, no entanto, nenhum participante se fez presente, sendo assim pude conversar com a liderança, a conversa foi interrompida por um membro, pedindo para que o diácono auxiliar

se direciona-se ao gabinete pastoral para iniciar os preparativos do culto. O diácono auxiliar Luís demonstrou receptividade em conversar e esclarecer minhas dúvidas sobre a igreja. A partir desse dia, passei a chegar mais cedo em todas as minhas idas ao campo, buscando encontrar a liderança. Progressivamente, estabeleci uma relação de proximidade e confiança com essa liderança dentro do espaço religioso, se tornando um dos interlocutores da pesquisa.

2.1 - Campanha portas abertas: o discurso da prosperidade para uma vida de sucesso

Durante o mês de abril de 2024 foi realizada a campanha[26] das "Portas Abertas"[27] na ICC de Nova Iguaçu. Campanhas e correntes se configuram como práticas rituais centrais, profundamente enraizadas na vida congregacional dos fiéis, este assume um compromisso em relação a um "propósito" específico, estendendo-se por várias semanas e seguindo uma estrutura temática definida pelos dias da semana (MAFRA, 2001). A primeira semana da campanha se deu sobre a temática da "porta da salvação" trabalhada nos cultos de quinta-feira e domingo. A segunda semana os cultos de quinta-feira e domingo intitulados "porta para uma vida de sucesso". A terceira e última semana trata sobre a "porta da família". Ao longo deste capítulo será analisada a liturgia e simbolismos no culto intitulado "portas para uma vida de sucesso", do dia 18 de abril de 2024, quinta-feira, às 19h30, da campanha Portas Abertas, ministrado pelo pastor presidente Marcos Gladstone, observe abaixo o banner de divulgação do culto (figura 12).

FIGURA 8 - Banner da campanha "Portas Abertas" .



Fonte: Página do *Instagram* da ICC- Nova Iguaçu.

[26] As campanhas são intervalos em que as práticas rituais cotidianas ganham força perante metas específicas, tendo uma temática como fio condutor (MAFRA; SWATOWISKI; SAMPAIO, 2012, p. 93).

[27] Com base na análise feita na rede social instagram da Igreja Cristã Contemporânea, a campanha "Portas Abertas" é promovida todos os anos.

Antes de iniciar a análise vale ressaltar a decoração para a campanha “Portas Abertas”, elaborada para transmitir visualmente as mensagens centrais da campanha. A peça central, uma porta aberta de madeira, pintada de cor amarela com uma chave colada, se destaca no centro do palco/altar, observe a decoração na imagem abaixo (figura 13). A porta aberta, por sua vez, representa a entrada para uma “nova vida”, livre de obstáculos e repleta de “bênçãos”, durante o culto foi distribuído uma chave dourada para cada um presente, com o aviso de que a chave deveria ser levada aos cultos durante toda a campanha, como um símbolo religioso.

FIGURA 9 - Decoração da campanha “Portas Abertas”.



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Chego à igreja 30 minutos antes do início do culto, para observar a chegada do pastor presidente. O culto contou com a presença de cerca de 30 pessoas. Essa foi a primeira visita[28] de Marcos Gladstone à unidade da ICC de Nova Iguaçu no período de observação da pesquisa na denominação. As pastoras responsáveis pela ICC-N.I, Carla e Simone, aguardam

[28] A ICC costuma fazer esse trânsito entre as lideranças de outras unidades da denominação localizadas no Rio de Janeiro ou em outros estados como São Paulo e Belo Horizonte. As lideranças de outras unidades visitam as igrejas em cultos e atividades ao longo do ano.

a chegada de Marcos, que estaciona seu carro na porta da igreja e entra pelos portões, acenando para os membros e lideranças presentes. O pastor cruza o salão principal e se dirige ao gabinete pastoral, sala localizada atrás da porta de nuvens do lado direito do palco.

O culto realizado no mês de abril, intitulado "Portas para uma vida de sucesso", iniciou com uma saudação do pastor presidente Marcos Gladstone, que destacou o simbolismo deste período como um tempo de bênçãos e oportunidades. Afirma que este é o momento de buscar a Deus com fervor, clamando para que portas se abrissem. Com entusiasmo, Gladstone engajou os presentes ao perguntar quem já havia vivido "portas abertas" e incentivou a congregação a se comprometer com a campanha.

O pastor presidente inicia sua narrativa com um testemunho pessoal, convidando a membresia a refletirem sobre as "portas" que Deus estava prestes a abrir em suas vidas. Em seguida, introduziu o relato da aquisição de um sítio para a ICC, uma história que, segundo ele, representava um grande marco na caminhada de fé da denominação. Segundo Marcos Gladstone a busca pelo sítio havia começado muito anos antes, motivada pelo desejo de criar um espaço adequado para retiros espirituais e eventos da igreja.

> Por muito tempo, procuramos um lugar que fosse nosso. Fomos a vários lugares, mas parecia que todas as portas estavam fechadas. Era como se o sonho estivesse distante demais (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024). .

Descreveu as primeiras tentativas frustradas de encontrar o local ideal, mencionando a falta de recursos financeiros como o principal obstáculo, durante este período, ao longo de sua fala o pastor questiona as limitações que ocorreram na sua trajetória, relacionando as limitações vividas pela membresia presenta nas fileiras da denominação e a crença de cada indivíduo no divino diante aos obstáculos: "Houve momentos em que nos perguntávamos: será que Deus realmente quer isso para nós? Mas algo em nossos corações dizia: continuem semeando" (Marcos, informação verbal[29]). O testemunho cristão tradicionalmente remete à transformação vivida pelo indivíduo, a qual é apresentada como evidência da "graça divina". Segundo Dullo (2011), o testemunho da exemplaridade se diferencia ao destacar que este ultrapassa a introspecção e assume uma dimensão de outwardness (projeção para fora). O autor explora como a "dádiva cristã" se manifesta na criação de vínculos que unem os indivíduos por meio de relações de gratidão e solidariedade. O testemunho do pastor Marcos não apenas relata sua

[29] Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024.

trajetória de superação, mas posiciona sua experiência como um paradigma para os membros da igreja, estabelece uma relação de exemplaridade.

O acontecimento chave no testemunho ocorreu quando, em janeiro, o pastor recebeu uma ligação inesperada de um antigo pastor auxiliar, da denominação em que frequentou na infância a juventude, a Igreja Evangélica Congregacional do Brasil (IECB), que estava enfrentando dificuldades pessoais e financeiras. Há cinco anos, havia descoberto uma grave enfermidade que progressivamente o impediu de andar, limitando sua mobilidade ao uso de um andador e, atualmente, de uma cadeira de rodas. Essa condição também o impossibilitou de continuar cuidando de um sítio de sua propriedade. Durante o mesmo período, ele enfrentou um processo de autodescoberta em relação à sua orientação sexual, reconhecendo-se como homossexual e compartilhando isso com sua esposa. No entanto, essa revelação foi seguida por grande tensão no relacionamento e por fim, a separação.

Segundo Marcos Gladstone, apesar de todos esses desafios, o homem relatou ter encontrado inspiração na Igreja Cristã Contemporânea (ICC) e na trajetória do pastor Marcos. Ele lembrou como o pastor havia superado adversidades, reconstruído sua vida, seguido a Jesus e hoje vivia em harmonia com a família. Além disso, mencionou que, durante esse tempo, viu fotos antigas que resgatam memórias do Marcos em sua juventude, quando participava de atividades no sítio. Em uma delas, o pastor aparece carregando uma escada com outros adolescentes para a montagem de um evento da igreja. Nesse momento a fotografia é exibida no telão da igreja. Essas lembranças o levaram a pensar no sítio e na possibilidade de vendê-lo para a igreja. Ele contou que, ao ver as imagens, sentiu que Deus o havia tocado para tomar essa decisão. Esse pastor, relatou Marcos, possuía um sítio que havia sido avaliado em 1,6 milhão de reais, mas, devido à necessidade urgente de vendê-lo, ofereceu o imóvel por 800 mil reais, em condições especiais de pagamento. A liderança destacou a aparente impossibilidade dessa oferta, reforçando o caráter providencial do momento: “Quem, em sã consciência, faria uma proposta como essa? Eu sabia que era Deus agindo” (Marcos, informação verbal[30]).

No entanto, o pastor também narrou os desafios enfrentados mesmo após a oferta inicial. Ele descreveu como a ex-esposa do vendedor, inicialmente contrária à venda, criou obstáculos que quase comprometeram o negócio, pois estava negociando a venda do imóvel

[30] Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024.

com uma “igreja gay”, ela sugeriu que fosse oferecido também para outras igrejas. O pastor presidente associa os obstáculos ao mundo mágico religioso da batalha espiritual, relacionando a oração como “arma” para vencer a batalha: “Era como se o inimigo estivesse tentando fechar a porta que Deus havia aberto. Mas continuamos orando, declarando que essa terra seria nossa” (Marcos, informação verbal). O pastor explica que o terreno possui uma área de 30.000 metros quadrados, localizado na estrada do Canavial, endereço conhecido para a denominação que costuma alugar sítios nesta localidade para os retiros da igreja. Segundo Marcos Gladstone, quando o pastor auxiliar comprou esse terreno, ele estava vivendo sua juventude na IECB. Relatou de forma breve o episódio em que contou sobre sua sexualidade na ICEB: “diferente das práticas comuns em muitas igrejas, o pastor titular não me expulsou ou me humilhou” (Marcos, informação verbal). O pastor da igreja IECB afirmou que o desejo era passageiro, aconselhando Marcos a arranjar uma namorada, ficar noivo e se casar, acreditando que essas ações fariam o desejo desaparecer. O pastor seguiu a orientação e ficou noivo por cinco anos, mas conta, com um tom de humor, que os desejos persistiram: “E olha que eu fiquei noivo cinco anos e não passou (risos), imagina se eu casasse, imagina a catástrofe que seria , essa minha luta” (Marcos, informação verbal).

Durante as negociações para a compra do sítio, Gladstone, relatou que tomou a decisão de comprar um par de botas, como um gesto de “ato profético”, a bota carrega o simbolismo da realização do seu pedido através da fé: “comprei uma bota pra poder tá andando, falei em nome de Jesus, com essa bota eu vou estar trabalhando” (Marcos, informação verbal). Enfatiza a importância de “atos proféticos”, afirmando que a vida cristã é construída sobre essas declarações de fé que ilustram elementos neopentecostais de conectar o mundo material ao espiritual através de objetos e rituais simbólicos (MARIANO, 1996). A liderança assina o contrato de compra do imóvel no mês de abril, menciona que tem visitado o local quase diariamente, embora ainda esteja em estado inicial, coberto de mato. Ao exibir os documentos de posse, a igreja celebrou com aplausos e manifestações de “aleluia” e “glória a Deus”. O testemunho da liderança sobre a compra do sítio apresenta sua experiência como um exemplo de fé que pode levar à superação de barreiras e o cumprimento da promessa divina, narrativa que revela o *lócus* da prosperidade. Segundo Mariano (1996):

> Com promessas de que o mundo seria locus de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a tendência de

> acomodação de várias denominações pentecostais aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas (Mariano, 1996, p. 27).

O pastor Marcos Gladstone inicia um momento esperado do culto, destacando a importância de “atos proféticos” como expressão de fé. Convoca a membresia a participar ativamente e destaca o símbolo central da campanha, uma chave dourada distribuída a todos: membros, lideranças e visitantes. Antes de iniciar o momento em que os fiéis passem pela porta, como símbolo do seu “ato profético”, o pastor diz em voz alta: “Quando você entrar por essas portas, vai passar com a nossa chavinha, dando glória a Deus!” (Marcos, informação verbal). Nesse momento, todos levantaram suas chaves douradas enquanto o ambiente foi tomado por aplausos e exclamações de “amém” e “glória a Deus”. As chaves representam o poder de abrir novas possibilidades e superar barreiras, a passagem pela porta compõem a dinâmica performativa (OLIVEIRA, 2017). Segundo Mafra (2000), os rituais pentecostais frequentemente utilizam símbolos para construir um elo entre os fiéis e o transcendente, ampliando a acessibilidade e o impacto emocional do rito.

O pastor continuou explicando que a chave deveria ser levada a todos os cultos durante a campanha, ressaltando que o esquecimento não seria um problema, mas incentivando o compromisso contínuo, como extensão da fé (MAFRA, 2000). Marcos, orienta os fiéis a usarem a chave como um ponto de contato simbólico, representando as portas que desejam abrir em suas vidas (GEERTZ, 1989). Explica:

> Você vai pensar onde quer entrar. É um concurso? É trabalho? É um empreendimento novo? Você tem que se comprometer. Não adianta vir só hoje, tem que continuar batendo na porta até entrar. (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

A teologia da prosperidade desloca o foco do neopentecostalismo para uma compensação no presente, destacando a necessidade de persistência e envolvimento ativo do fiel (MARIANO, 1996). Em seguida, ele apresentou uma pasta com documentos pessoais, referindo-se ao “kit” que simbolizava seus pedidos ou desejos: “Esse kit tem várias portas que eu quero entrar. Isso tudo aqui é porta, é processo, é iniciação. Aqui estava a escritura do sítio. Deus já foi abrindo as portas”. O pastor incentiva os fiéis a trazer itens representativos das “portas” que desejam abrir, carteira de trabalho, contratos, documentos jurídicos e até aplicativos de banco abertos em celulares. Ele diz:

> Traz o aplicativo do banco, a conta bancária, os cartões. Coloque aqui e

> peça: Pai, abre essa porta, faz o teu mover na minha vida. Senhor, abençoa a minha vida financeira, abre as portas. (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

A promessa de compensação é visível na narrativa do pastor e a mobilização da membresia durante o culto, com a presença de itens simbólicos com a própria decoração da campanha, a "porta aberta" , a carteira de trabalho, cartão de crédito, chave do carro entre outros itens ligados ao material. Segundo Weber, o ascetismo protestante promovia uma ética de contenção e acumulação que, indiretamente, impulsionava o "espírito do capitalismo" (WEBER, 1982, p. 317). A relação entre fé e prosperidade é um dos elementos do neopentecostalismo, que rompe com o velho ascetismo pentecostal ao incorporar uma teodicéia de compensação no presente, prometendo aos fiéis não apenas salvação espiritual, mas também sucesso e prosperidade terrena, como soluções práticas e imediatas para seus problemas cotidianos (MARIANO, 1996).

O momento de intercessão foi marcado por um forte envolvimento da congregação. O ministério de louvor iniciou uma música criando um clima de espiritualidade e emoção (NATIVIDADE, 2017). Enquanto isso, uma fila se formava organizada pela liderança ao lado do palco. Os pastores alinharam-se, formando um corredor de oração, onde cada pessoa recebia uma intercessão antes de subir ao palco. Assim o fiz, segui a fila para receber a oração e passar pela porta com a chave dourada da campanha na mão. No altar, uma porta física simbolizava o ato profético.

Os participantes passavam pela porta segurando suas chaves douradas, enquanto declaravam bênçãos e profecias sobre suas vidas. Muitos traziam itens significativos, como carteiras de trabalho, chaves de carro recém-adquiridos, papel de processo seletivo, documentos de processos jurídicos e contratos, reforçando suas intenções "na presença de Deus", em que o mundo material é integrado à experiência religiosa (MARIANO, 1996). Cada ato era acompanhado por louvores e orações fervorosas, destacando a importância do simbolismo para a igreja. Ao passar pela porta, as pessoas retornavam aos seus assentos e permaneciam em oração, algumas se ajoelharam, outras permaneciam de pé com as mãos erguidas e os olhos fechados, sussurrando palavras na busca de manter o contato com o divino. Após todos terem atravessado a porta, o pastor Marcos retornou ao palco para dar continuidade à pregação. A liderança agradeceu a participação da congregação, exaltou a fé demonstrada e declarou que a campanha representava uma oportunidade para todos

experimentarem a abertura de portas de prosperidade em suas vidas por meio do poder de Deus.

Para contextualizar espiritualmente o testemunho inicial, Gladstone conectou sua experiência à passagem bíblica de Gênesis, capítulo 26, que narra a trajetória de Isaque em Gerar, todos abrem a bíblia para acompanhar a pregação. O pastor destaca o momento em que Isque, mesmo enfrentando adversidades, escolheu permanecer na terra e semear, confiando nas promessas de Deus: “Assim como Isaque cavou poços e enfrentou contendas até alcançar o Rehobot, o lugar de paz e prosperidade, nós também precisamos persistir. A promessa está lá, mas é preciso lutar por ela” (Marcos, informação verbal). Após iniciar a leitura do primeiro versículo, o pastor pede aos fiéis que coloquem a mão no coração para uma oração pedindo bênçãos e prosperidade para a igreja:

> Ó Deus, abençoe, Pai, a nossa vida. Abençoa, Senhor, a igreja Contemporânea em Nova Iguaçu. Abençoa esta terra para que, aqui, Senhor, seja uma terra próspera, uma terra abençoada, um lugar, Pai, de pessoas que vivem milagres, que vivem portas abertas. Eu ministro que se abram os céus sobre este lugar, em nome de Jesus. A liderança pede para todos repetirem em coro: “portas abertas, portas abertas, portas abertas”, a igreja aplaude. (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

Ao retomar a pregação, o pastor destacou a tentativa de buscar soluções rápidas e aparentemente promissoras, simbolizadas pelo Egito, que representavam oportunidades de fuga das dificuldades: “E, às vezes, estamos vivendo alguns processos em Deus. E só pensamos o quê? Ah, eu tenho que sair daqui! Ah, eu tenho que fazer! Sabe, há coisas que você precisa entender sobre o processo. Resista ao diabo e ele, o que fará? Fugirá de você” (Marcos, informação verbal). Na passagem bíblica, Isaque enfrentou fome severa na terra e recebeu a instrução de não descer ao Egito, alertou sobre a importância de permanecer na terra no processo que Deus designou, resistindo às adversidades. O pastor Marcos comparou essa passagem à realidade dos fiéis:

> Muitos hoje querem pular de igreja em igreja, de emprego em emprego, de relacionamento em relacionamento, mas essa inconstância impede o florescimento. Se você não cria raízes, como pode esperar colher frutos?. (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

O pastor Marcos, continua a narrativa seguindo a história de Isaque, destacando a longa jornada de busca por águas em terras áridas. Essa imagem metafórica é utilizada para

ilustrar os desafios e obstáculos que os fiéis enfrentam em suas vidas, afirma que, assim como Isaque, muitos de seus ouvintes têm cavado poços por anos, buscando as bênçãos de Deus em diversas áreas de suas vidas, como relacionamento, financeira e saúde. A cada poço cavado por Isaque, corresponde uma etapa na jornada espiritual dos fiéis. O primeiro poço, “Esec”, representa as disputas e contendas que surgem quando buscamos as bênçãos de Deus. Segundo Marcos, muitas vezes nos encontramos em conflitos com outras pessoas ou com nós mesmos, impedindo que desfrutemos das “bençãos” divinas.

O segundo poço, “Sitna”, simboliza o ódio e as forças malignas que se opõem à prosperidade. A liderança afirma que o diabo busca constantemente impedir que alcancemos nossos objetivos e sabotar nossos relacionamentos. A imagem do diabo é frequentemente utilizada na narrativa do pastor como um espírito que busca a “destruição” e afasta o indivíduo de suas conquistas e da sua “salvação”. Com entusiasmo, o pastor anuncia a descoberta do terceiro poço, “Rehobot”. Este poço representa a abundância, a prosperidade e a paz:

> Amados, que nome poderoso! Rehobot. Significa espaço amplo, lugar de liberdade, de prosperidade. É o lugar onde Deus nos concede tudo o que precisamos e muito mais. Isaque, após enfrentar tantas dificuldades, finalmente encontrou o seu Rehobot, o seu lugar de descanso e abundância. E eu creio que cada um de vocês também está prestes a encontrar o seu Rehobot. (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

A superação das dificuldades é atribuída à intervenção divina, como a transformação simbólica da experiência vivida pela liderança (MAFRA, 200).

Com um tom de voz cada vez mais alto, a liderança pede para que todos repitam: ‘Eu vou encontrar o meu Rehobot!’. A frase é repetida três vezes em voz alta, como se recitassem um mantra de prosperidade. Marcos prosseguiu, utilizando uma linguagem simples, marcada por uma forte carga emocional, conectando a história de Isaque com as experiências de vida dos fiéis:

> Talvez você esteja passando por um momento difícil, se sentindo preso em uma situação que parece não ter saída. Mas eu quero te dizer que Deus está preparando algo especial para você. Ele está abrindo um novo caminho, um lugar de abundância e bênçãos. Acredite nisso!”. “Fecha os olhos e imagine

> um lugar onde você se sente em paz, seguro e amado. Um lugar onde todos os seus sonhos se realizam. Esse é o seu Rehobot. Um lugar de fartura, de alegria e de realização". A congregação, de olhos fechados, permanece em profundo silêncio por um minuto, até que a liderança diz: "Abre os olhos e repita com fé: 'O meu Rehobot chegou!'. (Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

A congregação, contagiada pela emoção, ergue as mãos aos céus, agradecendo a Deus pelas promessas de bênçãos e prosperidade. A liderança adverte contra a "tentação" de desistir diante dos primeiros obstáculos, utilizando o termo "barata tonta" para descrever aqueles que abandonam seus objetivos. Enfatiza a importância de profetizar bênçãos sobre suas vidas, afirmando que "aquilo que você chama, é o que está celebrando na sua vida", a frase "semear com a boca" é utilizada para afirmar o poder das palavras na manifestação da fé. O ato de "semear com a boca" aquilo que se deseja alcançar, dialoga com o conceito de "pedagogia prospectiva" da antropóloga Clara Mafra (2000), em que a palavra não apenas expressa uma intenção. mas atua como ferramenta performativa de construção do futuro (MAFRA, 2000, p.198). Na narrativa do pastor, a confissão verbalizada é mais do que um exercício de fé: é a materialização de um propósito que se insere em um ritual dinâmico de conexão entre o campo e o transcendente. Ao longo da pregação, o pastor utiliza diversas estratégias para envolver a congregação. Ele faz perguntas retóricas, como "Diga oportunidade: oportunidade", e incentiva a participação ativa dos fiéis, como ao pedir que repitam frases e orações.

A história de Isaque, que se tornou um homem rico e influente após ter obedecido à ordem divina, é utilizada como um modelo para os fiéis. O pastor relaciona a prosperidade material com a espiritual, afirmando que aqueles que seguem a Deus serão abençoados em todas as áreas de suas vidas. Chegando ao versículo doze, segue a passagem: "Isaque semeou naquela terra e no mesmo ano, colheu a cem por um" (Marcos, informação verbal[31]), esta é utilizada para ilustrar o princípio da semente e da colheita. A narrativa da liderança alerta contra a tentativa de abandonar a igreja ou buscar atalhos quando as coisas ficam difíceis: "Às vezes, o terreno parece árido, mas é exatamente ali que Deus quer que você cresça. Pare de olhar para fora e comece a investir onde você está. Você não está aqui por acaso". Continua a narrativa afirmando para a membresia que Deus os levou até a denominação para o crescimento espiritual e pessoal de cada um, afirmando que "ninguém está aqui por acaso", pois quando o indivíduo criar raízes e se "firmar" na igreja, Deus fará a colheita prosperar, no

[31] Marcos, culto realizado na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024.

tempo certo, conforme a história de Isaque.

A narrativa bíblica de Isaque, utilizada para apresentar a prosperidade, está relacionada à colheita, como fruto da fé e da obediência a Deus. Essa valorização da transformação individual dentro de um "tempo de espera" reflete a tensão entre a autonomia do indivíduo e a submissão transcendente (MAFRA, 2000). No contexto do culto, essa tensão é mediada pelo pastor, que orienta os indivíduos a interpretar suas experiências de vida como parte de um plano divino em andamento.

Marcos narra um segundo testemunho, que fala sobre a transformação na vida de um membro da igreja. Quando começou a visitar a denominação, ele trabalhou como cuidador de idosos e, com "esforço e fé", tornou-se um empresário bem-sucedido: "Hoje ele tem seis empresas e pode testemunhar as vitórias do Senhor em sua vida", ressalta a lógica da transformação por meio da fé. Segundo Mafra (2000), os testemunhos não apenas relatam sucessos, mas também produzem uma pedagogia narrativa, orientando como transformar sua própria vida através de um modelo ritual e comportamental (MAFRA, 2000, p.165). Dirigindo-se especificamente à diversidade sexual, o pastor fala sobre os desafios enfrentados por esses fiéis:

> Principalmente você que é LGBTQIA +. Nossa família muitas vezes cobra mais de nós. A família diz: sua irmã pode ser tudo, seu irmão pode ser tudo, mas você não. Se não, eles justificam: está vendo, foi por causa desse caminho que ele escolheu. Dessa sexualidade. Mas, em nome de Jesus, temos que buscar no Senhor, cavar poços e prosperar nesta terra de inveja. (Marcos, realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

A exemplaridade, como aponta Dullo (2011), exige que o indivíduo não apenas supere sua condição de exclusão, mas se torne também um transmissor da mensagem salvífica, um elo no ciclo missionário.

Neste momento, inicia-se uma oração. As luzes principais são apagadas, e efeitos de luzes coloridas iluminam o salão principal. A liderança pede que portas espirituais e materiais sejam abertas: "Senhor, abre o poço de possibilidades, traz vida e prosperidade. Faça a causa ganha desses processos, abençoe negócios e conceda habilidades para a venda". A membresia responde com intensa participação, incluindo manifestações como glossolalias e declarações

de fé, como: “Senhor, abre a porta! Abra a porta!”. O ministério de louvor inicia o momento musical com a canção “Toda Sorte de Bênção”, de Davi Sacer. Enquanto os membros cantam e batem palmas, a letra da música é exibida no telão localizado ao lado esquerdo do palco. O culto apresenta uma dinâmica performática, durante os momentos de louvor e oração, a membresia participa ativamente, levanta as mãos, dança e, muitas vezes, manifesta emoções intensas, como o choro e êxtase (NATIVIDADE, 2017). Essas manifestações, comuns no pentecostalismo, são vistas como expressões legítimas da presença do Espírito Santo.

Após o louvor, o pastor Marcos Gladstone retomou a palavra para iniciar o momento destinado aos dízimos e ofertas. Retoma a história de Isaque para seguir sua narrativa:

> Se Isaque, naquela terra, no mesmo ano colheu cem por um porque o Senhor o abençoou, enriqueceu o homem, prosperou e o fez riquíssimo, de maneira que os filisteus tinham inveja. Quem precisa de um milagre na vida financeira?” Alguns fiéis levantaram os braços em resposta. O pastor prosseguiu: “Quem precisa de uma grande bênção de suprimento? Deus tem para a sua vida! E, sem muitas delongas, o segredo é a semeadura. Se você não semeia corretamente, não vai colher. Quer uma fruta? Primeiro, precisa de uma semente. (Marcos, realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

Apresenta então, o envelope especial, para o dízimo das “portas abertas”: “É a primeira vez que utilizamos esse envelope para a campanha na Contemporânea. Este mês, todos os contemporâneos devem dizimar, todos! Em nome de Jesus. Há coisas que você só precisa obedecer. Você fez uma venda? Separe a décima parte e entregue ao Senhor. Se acontecer de fazer duas vendas, entrega o dízimo das duas. Seja fiel ao Senhor!”. A liderança pega um envelope e mostra ao público, dentro do envelope há uma chave de papel para cada um assinar seus dados e o propósito, para que as lideranças orem por cada dizimista.

Marcos lembra de um episódio, em que Deus o revelou sobre a vida profissional de um pastor, da ICC de São Paulo:

> Contei, que Deus abriria uma porta profissional para ele, com um cargo melhor. Ele estava participando de um processo seletivo, mas na mesma semana não passou. Imagine a situação, parecia loucura. Mas eu disse: Pedro, não desista, vamos fazer um propósito até acontecer. E na primeira reunião após o retiro de carnaval pelo Google Meet, ele contou: ‘Pastor, entrei pela porta! Fui aprovado, já comecei na nova função, meu salário dobrou, troquei de carro, e tudo mudou’. (Marcos, realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

A narrativa apresenta a capacidade de reinterpretar adversidades como parte de um plano maior, mas também uma demonstração do poder de Deus (MAFRA, 2000). O pastor, enfatiza em voz alta: “Profetizo que este mês todas as bênçãos financeiras vão acontecer na sua vida! Mas você precisa semear. Isaque semeou e colheu cem vezes mais. Quem já dizimou e precisa de um milagre, entregue uma oferta também. Agir com fé é o caminho para o impossível!”. O testemunho e a trajetória de outros membros e lideranças é apresentado como uma “prova” de eficácia do engajamento religioso, funcionando como um incentivo para outros fiéis adotarem práticas semelhantes, como o dízimo, ofertas e preservarem a obediência ao divino.

O momento seguiu com o ministério do louvor conduzindo a música, enquanto os fiéis se dirigiam ao altar para depositar seus envelopes em um cesto. Após a música, o pastor pediu que todos estendesse as mãos em direção ao cesto e iniciou a oração:

> Senhor, fecha a boca do devorador, em nome de Jesus. Repreendemos todo espírito de miséria, cancelamos toda maldição de pobreza e escassez. Ministramos a tua palavra, que é verdade. Isaque semeou naquela terra, e nós estamos semeando nesta terra. Eu profetizo cento por um! Ainda esta semana, haverá milagres. Abril é mês de milagres! Senhor, prospera a vida do Teu povo, em nome de Jesus. Amém. (Marcos, realizada na Igreja Cristã Contemporânea de Nova Iguaçu no dia 18 de abril de 2024).

O pastor Marcos Gladstone convidou todos a repetir: “Eu recebo a prosperidade financeira, as bênçãos de Deus na minha vida.” A igreja ecoou em uníssono, finalizando com um sonoro “glória a Deus”. A narrativa do pastor presidente e o simbolismo do ritual, exemplificou o tema central da campanha: a fé em Deus como chave para abrir portas espirituais e materiais, utilizando a ideia de que a experiência religiosa deve produzir resultados tangíveis na vida do fiel (MARIANO, 1996).

Na sequência, o pastor Marcos anunciou o retiro de carnaval 2025, exibindo fotos do local e detalhando os valores: mil duzentos de trinta à vista ou em dez parcelas de cento e quarenta e sete reais. Ele ressaltou a exclusividade dos quartos suítes e incentivou a membresia: “Você vai fechar hoje o retiro porque você quer ser abençoado. Fecha sua suíte, amém? A partir de agora, você vai receber o melhor de Deus na sua vida”. Explica que as lideranças estavam posicionadas na entrada do salão para facilitar o pagamento com carnês ou maquininhas de cartão. Por fim, o pastor desceu do palco/altar, cedendo espaço a um pastor local que saudou os visitantes e passou os avisos da semana. Ele pediu que todos se levantassem para a oração final, encerrando o culto. Nesse momento, algumas lideranças,

juntamente com o pastor presidente, dirigiram-se ao gabinete pastoral, enquanto os demais membros e lideranças seguiram para casa. Alguns caminharam até o ponto de ônibus, enquanto outros se dirigiram aos seus carros. Assim, o salão principal foi gradualmente esvaziado.

O discurso do pastor Marcos, ao relacionar a compra do retiro de carnaval à obtenção das bênçãos divinas, exemplifica a centralidade da Teologia da Prosperidade nas práticas eclesiais de igrejas neopentecostais. Essa lógica, que associa diretamente o investimento financeiro no campo religioso à prosperidade espiritual e material, é descrita por Ricardo Mariano (1996) como uma característica marcante do neopentecostalismo. Ele afirma que essa teologia transforma o fiel em um "sócio de Deus", para quem a entrega de recursos à igreja é vista como um ato de fé que legitima o direito de reivindicar bênçãos divinas.

Para Paul Freston (1993), esse modelo de reciprocidade espiritual reflete uma adaptação ao contexto das sociedades de consumo, onde os rituais religiosos incorporam práticas comerciais e valores de mercado. O incentivo ao fechamento de suítes e o uso de maquininhas de cartão no culto descrito reforçam como a Teologia da Prosperidade opera na interseção entre fé e práticas econômicas cotidianas, legitimando a ideia de que o esforço financeiro do fiel será recompensado por Deus. Essa relação transacional entre doação e bênção redefine o ato religioso como um investimento no qual o retorno esperado é a prosperidade individual, tanto espiritual quanto material. A prática descrita no culto dialoga com o conceito de "performance religiosa", conforme proposto por Clifford Geertz (1989), ao evidenciar como os símbolos religiosos são mobilizados para conferir sentido e legitimar ações concretas no cotidiano dos fiéis. O destaque na exclusividade das suítes e na personalização da experiência religiosa durante o retiro de carnaval demonstra como as práticas neopentecostais ressignificam o espaço sagrado, transformando-o em um local de consumo simbólico, onde as bênçãos divinas são apresentadas como acessíveis, tangíveis e exclusivas para aqueles que se engajam financeiramente.

A campanha "Portas Abertas" realizada na ICC é um exemplo emblemático de como a Teologia da Prosperidade estabelece uma "ética de consumo" em que poupança e investimento tornam-se práticas legitimadas pela fé (MESQUITA, 2007). Durante a campanha, elementos simbólicos como chaves douradas e uma porta física no altar foram utilizados para representar o poder de abertura de novas possibilidades na vida dos fiéis, em áreas como trabalho, finanças e relacionamentos. A dinâmica performativa do culto,

incluindo a passagem pelos objetos simbólicos e a interação com elementos materiais como carteiras de trabalho e aplicativos bancários, reflete a integração entre o mundo espiritual e material, característica central do neopentecostalismo e da Teologia da Prosperidade.

2.2 - Breves considerações sobre sexualidade no cristianismo: debate litúrgico e proselitismo religioso

O cristianismo, em sua essência, se diferenciou significativamente da cultura greco-romana na qual emergiu, especialmente em sua concepção de pessoa e sua relação com o mundo. Enquanto o paganismo se caracterizava por uma harmoniosa integração entre as leis da sociedade e as forças da natureza, o cristianismo introduziu a noção de uma alma individual e universal, conectada a um Deus que transcende o mundo material. Essa nova perspectiva implicou em um distanciamento da vida terrena e uma busca constante pela "salvação" em um plano espiritual superior. No cerne dessa mudança de paradigma, a sexualidade se tornou um campo de batalha, um espaço de conflito entre os desejos do indivíduo e a busca pela pureza e "santidade" diante de Deus. A "concupiscência", ou seja, o desejo sexual desordenado, emergiu como um obstáculo a ser superado, e a castidade se tornou um ideal a ser seguido (DUARTE; GIUMBELLI, 1995)

Segundo Dantas (2010) nos primeiros séculos da era cristã, a sexualidade foi um tema central nas discussões religiosas, aparecendo em pregações, tratados teológicos, orientações doutrinárias e códigos morais. A igreja cristã, tanto católica quanto protestante, preocupou-se intensamente com a vida sexual dos fiéis, buscando orientá-la e controlá-la conforme suas prescrições.

A partir do século XII, a sacramentalização do matrimônio tornou-se uma estratégia chave para a Igreja Católica ampliar seu controle sobre a vida conjugal. Transformar o casamento em um sacramento permitiu à hierarquia eclesiástica exercer poder legítimo sobre ele, consolidando a instituição do matrimônio sob a tutela da igreja. O celibato clerical, regulamentado na mesma época, reforçou a autoridade dos teólogos na normatização da relação conjugal, afirmando a competência do clero para moralizar a intimidade dos casais. A literatura monástica dos séculos IV ao VI, destinada aos homens que viviam isolados em monastérios, ilustra a obsessão da Igreja com o controle do desejo sexual. Estes textos tratavam o combate à fornicação e forneciam técnicas de vigilância da "carne" aos monges, destacando mais o imaginário do desejo do que o perigo do ato sexual em si (DANTAS, 2010). A busca pela "salvação" e a construção da "Cidade de Deus" moldaram as práticas e os códigos de disciplina sexual no cristianismo.

No século XIX, houve uma mudança significativa na percepção da relação entre sexualidade e religião. De acordo com Peter Gay (1998), os prazeres sexuais encontram expressão nas práticas religiosas, tornando a religião um refúgio seguro para a sexualidade, ao mesmo tempo em que inibia suas manifestações indesejáveis. A religião, assim, não eliminava os impulsos sexuais, mas os utilizava para reforçar a crença religiosa, conforme as teses psicanalíticas que surgiram no final do século XIX. Peter Gay (1998) argumenta que a sociedade vitoriana, em particular, via a religião como um meio de canalizar os impulsos sexuais para formas aceitáveis de comportamento, como o casamento e a procriação. Essa perspectiva é reforçada por Freud, que postulou que a repressão dos impulsos sexuais não os eliminava, mas os redirecionava para outros aspectos da vida, incluindo a espiritualidade e a moralidade (GAY, 1998).

A influência da religião na sexualidade também pode ser vista na forma como a moralidade sexual foi moldada por normas religiosas, que promoviam a castidade e a fidelidade conjugal como ideais. Essa intersecção entre sexualidade e religião contribuiu para uma sociedade onde a sexualidade era rigorosamente controlada, mas também fundamental para a identidade e a prática religiosa. Além disso, a psicanálise do final do século XIX e início do século XX começou a desvendar as complexidades dessa relação, sugerindo que a repressão sexual promovida pela religião poderia levar a neuroses e outros problemas psicológicos. Freud e seus seguidores destacaram como os conflitos internos entre impulsos sexuais e normas sociais religiosas poderiam impactar a saúde mental, evidenciando a necessidade de um entendimento (GAY, 1998).

No século XX, a psicanálise trouxe a sexualidade para o centro das discussões sobre a existência humana, desafiando antigas normas e abrindo caminho para movimentos de liberação sexual, feminismo e direitos homossexuais. A desvinculação entre sexo e procriação, facilitada por métodos contraceptivos, marcou uma era de transformações profundas na relação entre sexualidade e religião (DANTAS, 2010).

Essa visão pejorativa da sexualidade, em especial da homossexualidade, se perpetuou ao longo dos séculos, influenciando a teologia, a moral e as práticas das igrejas cristãs. No contexto brasileiro, a influência do catolicismo e, posteriormente, das igrejas evangélicas, contribuiu para a construção de um imaginário social que estigmatiza pessoas LGBTQIA+.

James Green (2000) em sua obra “Além do Carnaval”, aponta que a homossexualidade era vista como um desvio e uma ameaça aos valores morais da sociedade.

> Quando dois homens estavam envolvidos, o Ofício da Sagrada Inquisição que se instalou em Portugal em 1553, assim como o código penal portugês consideravam tanto o penetrador quanto o receptor dos sodomitas. Uma pessoa culpada por essa ofensa era condenada à fogueira e podia ter suas propriedades confiscadas. Entre 1587 e 1794, a Inquisição portuguesa registrou 4.419 denúncias. Estas incluíam tanto os suspeitos de terem praticado sodomia quanto os que forneciam confissões atestanto o fato de terem cometido o “pecado abominável e pervertido (GREEN. J. 2000, p. 55).

No regime republicano, a partir de 1889, a homossexualidade deixa de ser criminalizada no Brasil. Porém, como o título do capítulo do livro de James Green (2000) diz: “Legal, mas nem tanto”, as práticas que fogem da heteronormatividade ainda eram tratadas como ilegais, repercutindo no imaginário social da população daquele período, e sendo propagado até os dias atuais em criação de estigma social (GOFFMAN, 1980) aos LGBTQIA+. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, movimentos sociais e grupos minoritários de direitos civis começaram a questionar a “dominação” religiosa sobre a sexualidade, reivindicando o direito à livre expressão de suas identidades e práticas sexuais. Eric Hobsbawm, em sua obra “Era dos Extremos”, trata do século XX como a “Era dos Extremos”, uma analogia para tantos acontecimentos extremamente significativos (HOBSBAWM, 1997). Hobsbawm (1997) discute as primeiras grandes guerras de destruição em massa, enfatizando como as guerras do século XX mobilizaram grandes porções da população e utilizaram quantidades imensas de recursos, resultando em mudanças sociais profundas, como o fortalecimento do poder do trabalhismo organizado e a revolução no emprego de mulheres fora do lar (HOBSBAWM, 1997).

Hobsbawm analisa o século XX como um período de rápidas transformações, onde cada década trouxe mudanças significativas e diversas, refletindo a velocidade dos acontecimentos históricos (HOBSBAWM, 1997). Esses processos de contestação levaram ao surgimento de novas formas de religiosidade, como as igrejas com membros e lideranças com sexualidades não hegemônicas, que buscam interpretar a Bíblia de maneira positiva à diversidade sexual.

O pentecostalismo no Brasil, como um dos segmentos religiosos mais dinâmicos e em constante expansão, ocupa um papel de destaque no cenário religioso e social do país. Essa

tradição cristã, com suas raízes no início do século XX, apresenta características marcantes que influenciam suas relações com questões contemporâneas, como a diversidade sexual. Dentro da perspectiva apresentada por Machado et al. (2011), uma análise da postura pentecostal sobre a homossexualidade evidencia um forte alinhamento a princípios moralistas, heteronormativos e excludentes, ainda que existam váriações em suas interpretações e práticas. Os dados apresentados no estudo revelam que, no universo pentecostal, a homossexualidade é frequentemente associada ao pecado, à queda moral ou até mesmo às influências espirituais negativas, como possessões demoníacas (MACHADO et al., 2011).

O estudo conta com entrevistas semiestruturadas que possibilitaram captar os discursos de líderes religiosos sobre suas posições em relação a homossexualidade com base em suas experiências, interpretações doutrinárias e práticas pastorais. A análise dos discursos foi orientada pela metodologia de análise temática, conforme sugerida por Bardin (1977), que consiste na identificação de núcleos de sentido expressivos no conteúdo das falas dos entrevistados. Esse tipo de análise busca compreender como as narrativas individuais refletem tanto as normas institucionais quanto os contextos culturais e históricos em que estão inseridos (MACHADO et al., 2011, p. 83).

A escolha dos líderes religiosos entrevistados também refletiu a diversidade interna das tradições cristãs, especialmente no campo evangélico, que é caracterizada por um alto grau de fragmentação e pluralidade. Foram incluídos representantes de igrejas com diferentes matrizes teológicas e posições sociais, como a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Igreja Evangelho Quadrangular. Essa diversidade foi considerada essencial para captar as variações nas interpretações bíblicas e nas práticas pastorais em relação à homossexualidade. Além disso, os pesquisadores buscaram identificar como as posições dessas lideranças dialogavam com os discursos sociais contemporâneos sobre direitos humanos, diversidade sexual e pluralismo religioso (MACHADO et al., 2011, p. 82-84).

A metodologia adotada pelos pesquisadores permitiu evidenciar como as concepções sobre homossexualidade são influenciadas por uma combinação de fatores, incluindo a formação teológica dos líderes, as tradições específicas de suas denominações e o contexto sociopolítico mais amplo. Por exemplo, líderes pentecostais, como o “ancião” da Congregação Cristã no Brasil, descobriram um forte alinhamento com leituras literalistas da

Bíblia, que interpretam a homossexualidade como um desvio da ordem divina. Esse discurso é frequentemente reforçado por argumentos criacionistas que enfatizam a complementaridade natural entre homem e mulher como fundamento das relações sexuais e familiares. No entanto, mesmo entre esses grupos mais conservadores, as entrevistas revelaram contradições e propostas, com alguns líderes mostrando abertura para homossexuais em suas denominações religiosas, ainda que de forma limitada e condicionada ao abandono de práticas homoafetivas (MACHADO et al., 2011).

Além disso, a análise das entrevistas evidenciou como o poder pastoral nas roupas pentecostais opera não apenas como um mecanismo de controle coletivo, mas também como um instrumento de vigilância individual. Como observado por Foucault (1984), citado por Machado et al. (2011), o poder pastoral se manifesta na capacidade dos líderes religiosos de orientar e disciplinar a justiça em relação às normas de conduta moral, incluindo aquelas relacionadas à sexualidade. Essa dimensão do poder pastoral foi particularmente evidente nas falas dos líderes pentecostais, que relatam práticas de aconselhamento e orientação determinadas a “corrigir” ou “redirecionar” os comportamentos inadequados. Essas práticas refletem uma abordagem pastoral que busca alinhar a subjetividade dos indivíduos às expectativas morais e doutrinárias da comunidade de fé (MACHADO et al., 2011, p. 97).

Líderes religiosos, tanto católicos quanto evangélicos, articulam estratégias para intervir em debates legislativos e propor projetos que restrinjam os direitos civis das pessoas LGBTQIA+. Exemplos incluem a oposição ao PLC 122/2006, que buscava criminalizar a homofobia, e a exclusão ao “kit anti-homofobia” elaborado pelo Ministério da Educação. Essas ações evidenciam uma tentativa de consolidar uma aliança entre religião e política como forma de perdurar valores conservadores e limitar avanços no campo dos direitos humanos (MESQUITA; PERUCCHI, 2016).

A construção da sexualidade como pecado no cristianismo é um processo histórico gradual e complexo, enraizado em interpretações de textos bíblicos e por contextos culturais e sociais. A tradição cristã, ao longo dos séculos, tem se pautado por uma visão da sexualidade como algo potencialmente “pecaminoso”, especialmente quando dissociada do casamento heterossexual e da procriação (SILVA, 2021).

Essa visão é evidenciada em diversas passagens bíblicas, como no livro de Levítico, que proíbe relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo: “Não te deitarás com homem como se fosse mulher; é abominação” (Levítico 18:22). Nas cartas de Paulo, encontramos condenações à “impureza” e à “luxúria”: “Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia…” (Gálatas 5:19). Essas interpretações dos textos bíblicos tem sido utilizada ao longo da história para justificar a discriminação e o afastamento de pessoas LGBTQIA+ dos espaços religiosos e da sociedade em geral.

Antes da invenção da sodomia, as atividades sexuais que não se conformavam às normas heteronormativas e procriativas eram geralmente condenadas sob a categoria mais ampla da luxúria. No entanto, a sodomia emergiu como uma categoria específica e altamente estigmatizada, marcando um ponto de virada na história da sexualidade ocidental. Jordan (1997), destaca que a invenção da sodomia foi tanto um ato de construção teológica quanto um ato de descoberta retórica. Teologicamente, a sodomia foi construída a partir de interpretações de textos bíblicos, como a história de Sodoma e Gomorra, e de ideias sobre a lei natural. Retoricamente, a sodomia foi descoberta como uma ferramenta poderosa para promover agendas morais e políticas.

A história de Sodoma e Gomorra, descrita em Gênesis 19, é um dos exemplos mais emblemáticos da associação entre sexualidade e pecado no cristianismo. A destruição dessas cidades tem sido interpretada por muitos como um castigo divino pela prática da homossexualidade, embora essa interpretação seja contestada por diversos estudiosos. Silva (2021), argumenta que “o pecado de Sodoma não se referia à homossexualidade em si, mas sim à falta de hospitalidade e à violência contra estrangeiros” (SILVA, 2021, p. 56).

Jordan (1997) cita em seu livro diversas passagens bíblicas que mencionam Sodoma, como Ezequiel, Judas e Pedro, entre outros. Essas passagens descrevem a violência e as punições infligidas à cidade de Sodoma, associando-as a pecados como “desejo de impureza”, adultério e até mesmo suborno. A citação abaixo reflete estas passagens refletidas pelo o autor.

> Certamente parece refletir tradições não bíblicas que identificavam o pecado de Sodoma com irregularidade sexual. Em nenhum dos casos se refere necessariamente à cópula entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, em Judas, esses mesmos pecadores são culpados de aceitar subornos - um pecado que exercita o autor por mais tempo (JORDAN, p. 31, 1997).

A condenação da homossexualidade no cristianismo se intensificou na Idade Média, com a ascensão da igreja Católica e a influência da teologia de Santo Agostinho, que via a sexualidade como expressão da concupiscência e do pecado original. A partir do século XI, com a criação do termo "sodomia" pelo teólogo Peter Damian, a homossexualidade passou a ser vista como uma categoria específica de pecado, associada à blasfêmia e à depravação moral. Jordan (1997) afirma que a criação da sodomia como uma categoria específica de pecado sexual marcou um ponto de virada na história da sexualidade ocidental, influenciando significativamente a compreensão e o tratamento da homossexualidade.

A estigmatização da homossexualidade foi reforçada por eventos naturais, que eram frequentemente atribuídos à ira divina provocada pelos sodomitas. Tremores de terra, epidemias e fome eram vistos como punições divinas por práticas sexuais consideradas antinaturais. Em 1542, um terremoto e uma tempestade na região do Mugello levaram o grão-duque Cosme I de Médicis a restabelecer punições severas contra a sodomia, ilustrando como a teologia influenciava diretamente a legislação e a vida cotidiana (Grieco-Matthews, 2008). Na Idade Média, a sodomia tornou-se um termo sinônimo de práticas sexuais não reprodutivas, incluindo sexo anal e outras formas de intimidade consideradas desviantes. A condenação da sodomia não se limitava à esfera religiosa, teve também um impacto significativo na legislação secular.

No Brasil, por exemplo, a sodomia foi um crime até a Constituição de 1824, e mesmo após deixar de ser criminalizada, práticas como "atentado ao pudor" foram usadas para reprimir homossexuais (MOTT, 2008, p. 284). A relação entre religião e sexualidade no Brasil é marcada por uma história de repressão, onde a moralidade cristã influenciou fortemente as atitudes sociais e legais em relação à homossexualidade. Segundo Luis Mott:

> ...a repressão familiar e social aos sodomitas, cuja orientação sexual era considerada gravíssimo pecado contra a natureza, tão execrando que não devia sequer ter seu nome pronunciado – "nefando" significa aquilo que não pode ser falado, crime de lesa majestade humana e divina, merecedor por determinação de Deus e do Papa, da pena de morte! (MOTT, 2008, p. 163-164).

Essa visão negativa da homossexualidade era amplamente difundida pela Igreja, que via qualquer relação de afeto entre pessoas do mesmo sexo como um comportamento abominável. Conforme Anjos (2002), a homossexualidade é conceituado como uma

característica própria da natureza humana, em vez de um atributo negativo ou uma patologia.

Durante o período colonial, a Inquisição desempenhou um papel crucial na criminalização da sodomia, perseguindo e punindo severamente aqueles que eram acusados de tais atos. A influência da moral judaico-cristã e a leitura fundamentalista da Bíblia perpetuaram a homofobia, que se manifesta em atitudes de intolerância e violência contra homossexuais. Mesmo após a abolição das leis que criminalizavam a sodomia, a polícia e a sociedade encontraram outras maneiras de discriminar e reprimir os homossexuais, utilizando acusações de ‘atentado ao pudor” para justificar a perseguição (SILVA, 2021).

Portanto, a construção da sodomia como pecado e a estigmatização da homossexualidade no cristianismo é um processo histórico complexo, profundamente enraizado em interpretações teológicas e influenciado por contextos culturais e sociais. Este legado continua a impactar a visão da sexualidade até os dias atuais, perpetuando a visão negativa a pessoas LGBT tanto em espaços religiosos quanto na sociedade em geral.

O debate sobre bíblia e homossexualidade está presente no site da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Esse diálogo é evidenciado tanto nas discussões disponíveis em seu site oficial quanto nas atividades realizadas pela denominação, um exemplo disso foi o evento intitulado “Bate-Papo sobre Inclusão”, realizado em 07 de julho de 2024, banner da atividade pode ser observado abaixo (figura 8), na igreja em Nova Iguaçu, uma hora antes do culto de domingo. Reunidos no salão principal, membros e lideranças da igreja discutem as interpretações de algumas passagens bíblicas usadas para justificar a “exclusão” de pessoas LGBT. Sob a condução da pastora Carla e um diácono auxiliar, o evento serviu como um espaço de diálogo teológico, enfatizando a necessidade de questionar as traduções bíblicas.

FIGURA 10- Banner “BATE PAPO SOBRE INCLUSÃO” .



Fonte: Página do *Instagram* da ICC-NI.

Ao iniciar o debate, a pastora Carla destaca como, ao longo do tempo, edições modernas da Bíblia introduziram termos inexistentes nos textos "originais" para justificar posições de exclusão. Ao citar passagens como 1 Coríntios 6:9, a pastora argumenta que palavras como "sodomitas" e "homossexuais" foram adicionadas ou reinterpretadas com intenções excludentes:

> Eles vão colocar palavras na Bíblia que não têm, para poder dizer assim: 'não pode, homossexualidade é pecado'. [...] Tira a palavra sodomita e coloca homossexuais, e coloca pecado da homossexualidade. A gente precisa começar a procurar os escritos mais antigos, procurar dicionários mais antigos para entender aquelas palavras. A Bíblia é soberana, mas a gente precisa começar a procurar os escritos mais antigos, ver como está escrito lá no dicionário, e é aí que a gente começa a ver a maldade naquelas pessoas que estão fazendo as novas edições da Bíblia. (Carla, bate papo sobre inclusão na Igreja Cristã Contemporânea no dia 07 de julho de 2024).

No site[32] da ICC, cita que passagens como 1 Coríntios 6:9 foram traduzidas de forma a incluir o termo "homossexuais", inexistente nos manuscritos "originais". Em grego, o termo *arsenokoitai*, frequentemente traduzido como "sodomitas" ou "homossexuais", tem interpretações controversas e, segundo a ICC, está relacionado a práticas de exploração sexual, como a prostituição ritual, e não a relações homoafetivas consensuais. Além disso, palavras como *malakoi* (traduzida como "afeminados" em algumas versões) carregam um peso cultural e histórico que não corresponde às relações amorosas e respeitosas entre

[32] Site da Igreja Cristã Contemporânea. Ver em: https://www.igrejacontemporanea.com.br/homossexualidade . Acesso em: 17/10/2024.

pessoas do mesmo sexo.

A narrativa da liderança religiosa afirma que os textos bíblicos não condenam a homossexualidade, mas as interpretações e novas edições da bíblia que busca afirma uma nova hermêneutica que contribui para o discurso "excludente", a pastora cita a necessidade de buscar por dicionários bíblicos judeu para entender as palavras que foram modificadas. Continua sua fala dizendo: "é sempre a minoria massacrada, que não pode nada. Eles encontram respaldo na religião para afirmar o preconceito, Jesus vivia com os humilhados e oprimidos". A liderança segue sua fala justificando a sua narrativa com a passagem bíblica de de Atos 10:34 que diz: "Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável". A pastora conclui dizendo: "sendo assim, os excluídos foram lançados para fora pelos ditos religiosos que se acham porteiros do céu".

Durante o debate, os participantes discutiram passagens amplamente usadas para justificar o "pecado" contra pessoas LGBT. A história de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19) foi um dos exemplos citados. Tradicionalmente, interpreta-se que a destruição das cidades foi resultado da prática da homossexualidade. No entanto, a ICC, alinhada a interpretações teológicas ditas "progressistas", argumenta que o verdadeiro pecado de Sodoma foi a falta de hospitalidade e a violência contra estrangeiros, como sugerido em Ezequiel 16:49 e citado por Jordan (1997) no início do capítulo. A passagem de Levítico 18:22 "Não te deitarás com homem como se fosse mulher; é abominação." É explicada pela ICC que o termo "abominação" (toebah), no contexto hebraico, refere-se a práticas de ritual associadas à idolatria e não a relações homoafetivas. Essa perspectiva é fundamental para a "teologia inclusiva" defendida pela igreja.

Essa perspectiva teológica, denominada "Teologia Inclusiva", coloca em discussão o dogma religioso que condena a homossexualidade, a partir de suas interpretações do universo religioso, à luz de valores que tornam a homossexualidade positiva (NATIVIDADE, 2017, p.21).

> Segundo Feitosa (2010, p. 13) como o próprio nome indica, Teologia Inclusiva seria uma ramificação da teologia tradicional, que busca incluir as minorias sociais, que ele coloca como "categorias socialmente estigmatizadas" (p. 13) citando mulheres, negros e homossexuais. É tomado como eixo central desta teologia o "Amor de Deus" pelo ser humano de forma incondicional. Feitosa diz que o discurso religioso tradicional lhes

> negara este amor por séculos. De forma que a Teologia Inclusiva preenche um lapso deixado pela Escritura Sagrada cristã, deixando de observar a diversidade humana existente (FERREIRA, 2016, p.26)

Para Ferreira (2016), ao negar o "amor de Deus" a homossexuais, a teologia cristã hegemônica teria perpetuado a exclusão e o preconceito por séculos. Nesta perspectiva a pastora Carla afirma a importância da "teologia inclusiva" que utiliza de leituras alternativas das passagens bíblia, com ênfase na crença de que a bíblia não condera a homossexualidade e conclui a narrativa da atividade com o slogan da igreja "Levando o amor de Deus a todos sem preconceitos". No da ICC, destaca-se que a condenação à homossexualidade é resultado de traduções modernas, que inseriram termos e interpretações inexistentes nos "textos originais".

Boaventura de Sousa Santos (2014), se propõe a analisar a crescente relevância da religião na vida pública, um fenômeno global que se manifesta de formas variadas. O autor argumenta que a globalização não é um processo monolítico, mas sim uma teia de duas globalizações opostas: a hegemônica e a contra-hegemônica. A globalização hegemônica é caracterizada pela primazia do mercado, liberalização do comércio, privatização da economia e desregulação do capital financeiro, enquanto a globalização contra-hegemônica engloba os movimentos sociais e ONGs que lutam contra o capitalismo, a opressão colonialista, a desigualdade social e a destruição ambiental.

De acordo com Santos (2014) o conceito de "localismos globalizados", que são soluções locais que, por meio do poder econômico, político e cultural de quem as promove, expandem seu âmbito a todo o globo, ou seja, a imposição de normas e valores locais, como a visão ocidental de sexualidade, como se fossem universais. A resolução ocidental da questão religiosa, que confina a religião à esfera privada, é um exemplo de localismo globalizado. O autor argumenta que essa resolução tem sido questionada em muitas partes do mundo, incluindo o mundo ocidental, o que se manifesta na reivindicação do papel da religião na vida pública.

O autor então se concentra nas teologias políticas, que ele define como "os diferentes modos de conceber a intervenção da religião, como mensagem divina, na organização social e política da sociedade" (SANTOS, 2014, p. 37). Ele propõe uma tipologia das teologias políticas, classificando-as em quatro categorias: "pluralistas", "fundamentalistas", "tradicionalistas" e "progressistas".

As teologias pluralistas concebem a revelação como um contributo para a vida pública e a organização política da sociedade, mas aceitam a autonomia de ambas. Elas gerem a tensão entre a razão e a revelação procurando um equilíbrio entre ambas. Santos argumenta que as teologias pluralistas são "uma concepção humanista da religião" (SANTOS, 2014, p. 41). As teologias fundamentalistas concebem a revelação como o princípio estruturante de organização da sociedade em todas as suas dimensões. Elas estão normalmente ligadas ao escrituralismo, o que significa que a organização da vida social e política deve seguir a interpretação literal dos livros sagrados. Santos argumenta que as teologias fundamentalistas são anti modernas e que buscam restabelecer na terra a sociedade mística e o Estado dos primórdios da história da religião.

> Almond, Appleby e Sivan, por sua vez, oferecem a seguinte definição de fundamentalismo: refere-se a um padrão discernível de militância religiosa com que os autodenominados "verdadeiros crentes" tentam travar a erosão da identidade religiosa, fortificar as fronteiras da comunidade religiosa e criar alternativas viáveis às instituições e comportamentos seculares (2003, p. 17). (SANTOS, 2014, p. 40).

As teologias tradicionalistas intervêm na sociedade política defendendo, como a melhor solução para o presente, as regulações sociais e políticas do passado. Elas fazem uso dos dados teológicos de modo a enfatizar as ideias políticas que reconduzem a autoridade política à autoridade religiosa com o propósito de proporcionar à política a estabilidade e imunidade que a religião possui. Essa teologia se caracteriza por defender as estruturas de poder existentes e negar a legitimidade da distinção entre a "religião dos oprimidos" e a "religião dos opressores". A postura da ICC, nesta perspectiva, é considerada uma distorção da "verdadeira" fé.

As teologias progressistas criticam a associação da religião e das suas estruturas hierárquicas à ordem patriarcal e à subsequente legitimação do patriarcalismo e da submissão das mulheres. Elas reconstroem a teologia e a leitura dos textos fundacionais com base nas experiências emancipatórias das mulheres no interior das religiões.

> Segundo as teologias progressistas cristãs, a separação do espaço público e privado funcionou sempre como forma de domesticar ou neutralizar o potencial emancipador da religião, um processo que contou com a cumplicidade e mesmo com a participação ativa das teologias conservadoras (SANTOS, 2014, p. 48).

A Igreja Cristã Contemporânea se contrapõe em diversos pontos à teologia tradicionalista, a qual, segundo Boaventura de Sousa Santos (2014), ignora ou deslegitima as experiências dos "oprimidos". A hermenêutica desenvolvida pela ICC, propõe uma nova interpretação do texto bíblico, em que a Palavra não impõe aos homossexuais a necessidade de mudar sua orientação sexual ou abdicar relações sexuais/afetivas (Natividade, 2017). A ideia central de que "Deus aceita os homossexuais como eles são" é compreendida pelo termo "pedagogia da aceitação", direcionado ao fortalecimento da autoestima e auxílio, para que pessoas LGBT transformem a percepção negativa de si em uma identidade positiva cristã LGBT. Do ponto de vista sociológico, essas ações refletem um movimento pela tomada de poder religioso por pessoas LGBT, tornando possível o exercício de funções eclesiais, atividade tradicionalmente negada em denominações conservadoras a homossexuais que exerçam sua orientação sexual de forma pública (NATIVIDADE, 2008; 2017).

No entanto, a ênfase na "santidade" e a crença na própria doutrina como "única" e "verdadeira", como expresso na fala do diácono auxiliar da ICC no subcapítulo 1.3, se contrapõe à ideia de *zona de contato* conceito que se refere a espaços de interação entre diferentes culturas e religiões, como o caso da ICM-Rio com a inclusão "ecumênica" (SANTOS, 2014; AZEVEDO,2021). A "santidade", nesse contexto, pode ser interpretada como uma forma de normatização e controle, onde a "inclusão" se dá mediante a determinados padrões de comportamento e moralidade, a denominação religiosa reconhece que: "O evangelho não mudou, a diferença da Contemporânea para às demais igrejas evangélicas é o acolhimento a comunidade LGBTQIA+, pecado continua sendo pecado e ponto final". Essa busca por normatização se distancia da perspectiva progressista proposta por Santos (2014), que enfatiza a importância da autonomia e da diversidade.

No dia 15 de setembro de 2024, durante a 18ª Parada do Orgulho LGBTQIA+ no município de Nova Iguaçu, o banner da chamada do evento pode ser observado na figura 9, a Igreja Cristã Contemporânea realizou uma ação de evangelização que contribui para a análise sociológica, da "homossexualidade santificada" e das relações entre o sagrado e o profano (NATIVIDADE, 2010; ELIADE, 1992). Esse evento revela aspectos sobre as estratégias religiosas contemporâneas, que são atravessadas por tensões entre "acolhimento" e "exclusão", reafirmação de valores tradicionais e busca por relevância social.

FIGURA 11 - Banner "18° Parada do Orgulho LGBTI+ de Nova Iguaçu"



Fonte: Página do Instagram do Grupo Ellos[33].

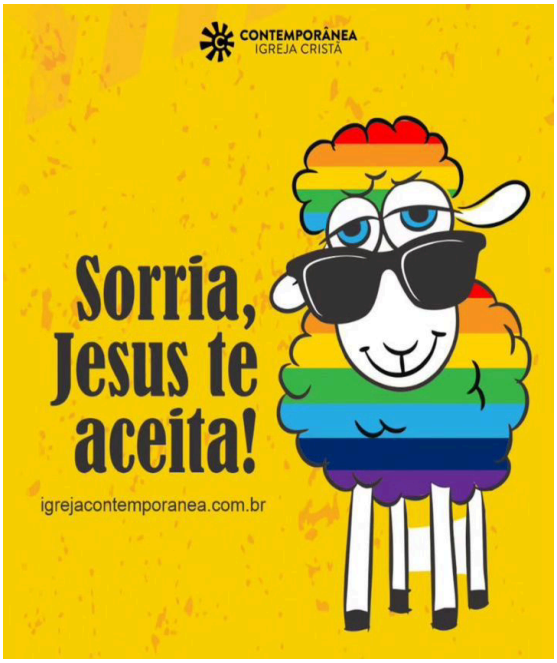
O evento ocorreu na Praça dos Direitos Humanos, um local simbólico para a luta por visibilidade e direitos civis da comunidade LGBTQIA+. No trajeto percorrido até chegar à igreja, nota-se uma lentidão no trânsito devido a localização do evento na via principal do município que liga outros municípios da Baixada Fluminense, conhecida como Via Light, além da movimentação de pessoas com bandeiras LGBTQIA+ e acessórios com a cor do arco-íris. A Igreja Cristã Contemporânea, localizada nas proximidades do centro, utilizou a oportunidade para propagar sua mensagem religiosa, mas o fez de forma que evitasse o contato direto com o evento. Uma hora antes do culto dominical, programado para às 18 horas, lideranças e membros se reuniram na igreja para uma concentração onde, de forma planejada, realizaram uma oração conduzida pela pastora Carla, em que pedia direcionamento ao divino, para "trazer vidas para Jesus". Vestindo camisetas com o slogan "Sorria, Jesus te aceita!", o grupo destinado a evangelização foi caminhando da ICC até o local determinado, aproximadamente quatro minutos de caminhada, entre as orientações passadas pelas lideranças é de que os membros se posicionem em ruas adjacentes ao evento principal, distribuindo panfletos e abordando as pessoas que se dirigiam ao evento. Segundo De Paula (2008), a prática proselitista realizada com mensagens curtas e panfletos é uma forma direta de alcançar potenciais adeptos. Foi recomendado não chegar próximo a Parada do Orgulho LGBTI+, o limite territorial estabelecido pelas lideranças se dá pela separação de um evento

[33] O Grupo Ellos é uma organização não governamental (ONG), direcionada ao público LGBTQIA+, que organiza atividades, palestras e eventos no município de Nova Iguaçu. Ver em : https://www.instagram.com/ogrupoellos/ Acesso em: 27 de dezembro de 2024.

“mundano”, que corresponde a comportamentos considerados distantes de um comportamento “santificado” estabelecido pela denominação, uma das lideranças explica que a evangelização é para “salvar vidas do mundo”.

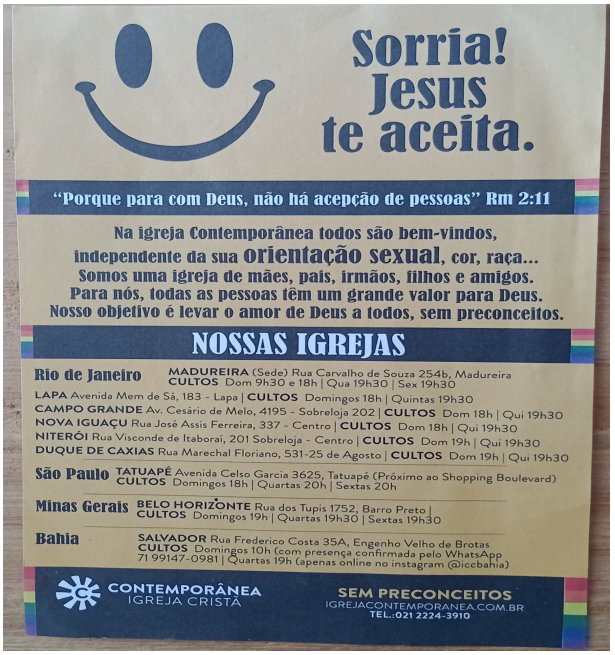
Durante as ações da igreja, as pessoas passavam em direção ao evento e os membros e lideranças param algumas pessoas para explicar sobre a igreja, a sua localização, as outras unidades presentes no Estado do Rio de Janeiro, falam para todos que passam: “Jesus te ama” ou “Jesus te aceita”, e fazem um convite para participar do culto, entre os indivíduos que passam pelo local, a maioria pega o panfleto e segue para o evento. As imagens abaixo, figura 10, mostram o banner com o slogan da igreja “Sorria, Jesus te aceita!”, frase escrita na camiseta das lideranças e membros com o rosto sorrindo em cor amarela, e a figura 11, o panfleto de evangelização, utilizado na 18° Parada do Orgulho LGBTQIA+ do município de Nova Iguaçu.

FIGURA 12 - Banner “Sorria, Jesus te aceita”



Fonte: Página do *Instagram* ICC-NI.

FIGURA 13 - “Panfleto de evangelização”.



Fonte: Acervo Pessoal 2024.

Essa estratégia evidencia a postura dual da igreja em relação à população LGBTQIA+. De um lado, a frase escolhida para o slogan destaca a “aceitação” de Jesus Cristo. Por outro lado, a decisão de permanecer fora do perímetro do evento reforça a ideia de que a Parada do Orgulho LGBTQIA+ é vista como um espaço “mundano”, em oposição à

“santidade” que a igreja busca preservar. Segundo o antropólogo Marcelo Natividade (2010), essa abordagem pode ser compreendida no âmbito de uma “homossexualidade santificada”, que procura reconciliar a experiência LGBTQIA+ com a doutrina cristã por meio de uma hermenêutica que privilegia a diversidade sexual, mas que também estabelece limites para essa integração. A igreja não rejeita abertamente a comunidade LGBTQIA+, ao contrário, ela reconhece sua existência e se posiciona como um espaço onde esses indivíduos podem encontrar acolhimento espiritual. Contudo, faz isso mantendo um distanciamento simbólico e territorial que sublinha a tensão entre o sagrado e o profano (ELIADE, 1992). No Brasil, o campo religioso é marcado por uma pluralidade de agentes em constante disputa por legitimidade.

A delimitação espacial também reflete uma preocupação com a própria identidade da igreja. A denominação projeta uma imagem que seja simultaneamente atraente para novos convertidos e coerente com suas bases doutrinárias. No caso da Igreja Cristã Contemporânea, isso significa posicionar-se como uma alternativa “inclusiva” dentro do cristianismo, no entanto, mantendo paradigmas culturais e religiosos que ainda permeiam grande parte do campo religioso brasileiro (MARIANO, 2013). A evangelização durou cerca de quarenta minutos, na “rua do cemitério”, localizada atrás do TopShopping foi marcada como ponto de encontro para os grupos retornarem à igreja, para dar início ao culto.

3 - Trajetórias religiosas e experiências de vida de adeptos da ICC Nova Iguaçu

Este estudo propõe mergulhar nas teias de significados e experiências (GEERTZ, 1989) que compõem a identidade da Igreja Cristã Contemporânea no município de Nova Iguaçu, uma denominação que se autodenomina "inclusiva". A partir da lente de Howard S. Becker (1993) e sua sociologia interpretativa, buscamos compreender como as trajetórias individuais dos líderes e membros se entrelaçam para formar um mosaico singular de sentidos e práticas que definem essa denominação religiosa. A realidade social não é algo dado e imutável, mas sim um processo dinâmico de interação e interpretação, no qual os indivíduos, a partir de suas experiências e interações, atribuem sentido ao mundo que os cerca e constroem os sentidos. Nessa perspectiva, a identidade da Igreja Cristã Contemporânea não é algo preexistente, mas sim um produto da interação contínua entre seus membros, suas histórias de vida, suas crenças e seus valores. Ao narrar suas trajetórias, os interlocutores nos permitem vislumbrar os "fatos" que, nas palavras de Becker, moldaram suas experiências e os conduziram a essa comunidade religiosa. Após apresentar os aspectos institucionais, busco traçar as experiências subjetivas dos interlocutores, desvendando as diferentes etapas que marcaram suas vidas e os levaram a encontrar o espaço religioso (BECKER, 1993).

A análise das narrativas revela como as experiências de vida, marcadas por desafios, buscas e transformações, moldam a forma como esses indivíduos interpretam e vivenciam sua fé. As histórias de vida se tornam, assim, janelas para compreendermos a complexa dinâmica de construção da identidade religiosa. Ao longo da participação dos cultos e atividades da igreja, nota-se que o discurso das lideranças religiosas utiliza termos que orientam os princípios da instituição, como "santidade", "inclusão" e "transformação espiritual". Esses termos, repetidos com frequência nos cultos e atividades da igreja, funcionam como "fatos" no sentido beckeriano, ou seja, elementos do mundo social que adquirem significado através da interação e interpretação dos indivíduos.

O termo "santidade"[34] é entendido como um elemento que diferencia a igreja do "mundo". A denominação expressa preocupação com a ideia de uma igreja "inclusiva" sem normas, sem buscar uma separação do que é considerado "mundano", no entanto, valoriza a "santidade" como um processo de "transformação e purificação", alinhando-se aos princípios

[34] A "santidade" é um termo utilizado constantemente pela ICC.

cristão pentecostal, no sentido de ser a "imagem e semelhança de Deus". O segundo termo é a "inclusão", direcionada especificamente por ter como público alvo pessoas LBGT. Segundo o diácono auxiliar Luís[35], a denominação é um espaço "seguro", a denominação caracteriza-se como uma igreja pentecostal, com interpretações cosmológicas da vida religiosa e das experiências sexuais e de gênero da membresia e liderança (OLIVEIRA, 2017), a partir de discursos que moldam o comportamento desses indivíduos. Essa leitura do termo "inclusão" pela ICC, se distancia da interpretação feita pelo sociólogo Azevedo (2021), em sua tese o termo "inclusivo" é interpretado pelo pastor da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) como "ecumênico" no sentido de agregar diferentes crenças e práticas cristãs, possibilitando a convivência sem hierarquias.

A narrativa da "transformação espiritual" está relacionada à "cura" de feridas do "mundo", as lideranças relatam que vidas chegam desesperadas, em negação da própria orientação sexual e ou identidade de gênero e precisam de pessoas que se coloquem na "brecha" do mundo espiritual para cuidar dessas vidas, em oração para a "cura" dos males contra o "inimigo". A "transformação espiritual" segundo a narrativa das lideranças religiosas, precisa está em constante manutenção, para que não seja desfeita e leve o indivíduo à salvação divina, utilizando, por tanto, a batalha espiritual na necessidade de uma "luta" contra o "inimigo" para se manter no caminho da "salvação", a dualismo do "bem" e do "mal". Essa perspectiva se alinha com a noção de "dualismo processual" discutida por Mafra (2012). Segundo a autora, a salvação pentecostal não é um evento único e estático, mas um processo dinâmico que exige o engajamento ativo do indivíduo na busca por uma vida em harmonia com os princípios divinos. Os termos citados acima fazem parte da "missão[36]" da igreja que consiste em: "Apresentar a Deus a melhor versão de si para refletir a Luz do senhor Jesus; amando e acolhendo, sem preconceitos; impactando, curando, transformando e salvando vidas, porque o céu é o maior propósito da vida da Igreja Cristã Contemporânea", a "missão" da denominação implica um esforço constante para se aproximar do "ideal" proposto pela religião.

[35] Na página 33 o diácono auxiliar Luís, explica sobre o significado da "inclusão" que caracteriza-se exclusivamente pela possibilidade de conciliar a identidade de gênero e/ou orientação sexual com a vida religiosa.

[36] As "missões" da igreja se encontram em uma cartilha com a história, valores e normas da denominação, entregue no primeiro culto. Ao longo dos cultos e atividades da igreja nota-se os valores e normas na narrativa de membros e lideranças.

A pesquisa sociológica, em sua busca por compreender a complexidade da vida social, se depara com a necessidade de mergulhar no mundo subjetivo dos atores sociais. A história de vida, como método de pesquisa, se apresenta como uma ferramenta para desvendar as experiências, os significados e as interpretações que os indivíduos constroem em suas trajetórias. A partir de entrevistas realizadas com quatro interlocutores, três homens gays cisgênero e uma mulher lésbica cisgênero – um diácono auxiliar, um pastor, uma pastora e um recém-obreiro – buscaremos traçar uma abordagem da experiênecia religiosa e do processo institucional estudado, importante ressaltar que os interlocutores são apresentados por nome fictício e as entrevistas estão organizadas na sequência em que foram realizadas. Os relatos dos interlocutores nos permitem adentrar em suas trajetórias, revelando a riqueza e a complexidade do "lado subjetivo" da denominação (BECKER, 1994).

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas, norteadas por sete perguntas que buscam estimular a narrativa das trajetórias religiosas dos interlocutores. A ordem de apresentação das perguntas foi flexível e adaptável às respostas de cada liderança, buscando uma interação fluida durante a entrevista. O roteiro das entrevistas conta com as seguintes perguntas: "Onde nasceu?", "Poderia contar um pouco sobre sua infância e adolescência?", "Fale sobre sua família?", "Como foi seu primeiro contato com a religião?", as três últimas perguntas se direcionam para a denominação religiosa, "Como conheceu a ICC?", "Fale sobre sua trajetória na ICC?" e "O que se identifica na ICC?". A estrutura do roteiro partiu de um enfoque nas histórias de vida individuais, para então explorar o percurso religioso de cada interlocutor, com foco em suas percepções e nos significados atribuídos à denominação.

O contato com os interlocutores se deu no período de oito meses, do mês de março ao mês de novembro de 2024, o recorte temporal foi essencial para a seleção dos autores-chaves, pois a presença das lideranças são rotativas, mudando de unidade da denominação de acordo com a decisão dos pastores presidentes. A unidade da ICC do município de Nova Iguaçu é definida pela pastora Carla, como uma igreja que trabalha muito, pois os membros e lideranças em sua maioria trabalham em escala 6x1[37], logo os cultos de domingo são os mais numerosos, com a presença de cerca de 60 a 70 pessoas, o fluxo de fiéis varia ao longo do tempo, os cultos de terça e quinta são os menos numerosos. No entanto, a presença no espaço religioso se tornou constante durante os oito meses, tornando possível a aproximação com

[37] A escala 6x1 é um modelo de trabalho em que o funcionário trabalha seis dias consecutivos e tem um dia de folga.

alguns fiéis “engajados”, indivíduos que mantiveram uma frequência maior nos cultos e atividades da igreja no período em que estive presente, na qual possibilitou uma maior aproximação e diálogo ao longo da pesquisa. A ICC atribui o termo “visitante” para todas as pessoas que não iniciaram o Instituto de Desenvolvimento Espiritual (IDE), independente do tempo que frequente a igreja, só após a conclusão do IDE será considerada membro oficial, com certificado e formatura, tornando-se “irmão” ou “irmã” em Cristo.

As experiências de Ricardo, Luís, Lucas e Carla também ilustram as características gerais da “conversão minimalista” identificadas por Mafra (2000). Um elemento central é a temporalidade, que envolve momentos de reflexão e abertura para novos sentidos, conforme os indivíduos vivenciam um “tempo de espera” em que seus referenciais anteriores são reinterpretados à luz de novas possibilidades (MAFRA, 2000, p. 74). Além disso, a relação com os referenciais culturais e simbólicos anteriores não é de ruptura, mas de ressignificação. Por fim, as narrativas apresentadas por eles destacam a importância da narrativa pessoal como um gênero estruturante da experiência de conversão, permitindo a construção de um sentido compartilhado na comunidade religiosa (MAFRA, 2000, p. 78).

As entrevistas tiveram duração aproximadamente de sessenta minutos cada, devido aos imprevistos do cotidiano, as entrevistas com o pastor Ricardo, o diácono auxiliar Luís e o obreiro Lucas foram realizadas de forma online pela plataforma do Google Meet, a entrevista com a pastora Carla foi realizada de forma presencial no gabinete pastoral da igreja, totalizando quatro entrevistas semiestruturadas. As entrevistas do diácono auxiliar e do obreiro foram solicitadas pelos interlocutores que fossem realizadas online, após algumas tentativas do encontro presencial.

Ricardo, 35 anos, professor e orientador pedagógico, formado em pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Ocupa o cargo de pastor da Igreja Cristã Contemporânea a treze anos e membro ativo a aproximadamente dezesseis anos. Nasceu no município de Belford Roxo e atualmente mora no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Se descreve da seguinte maneira: “Eu me entendo como um homem branco cis, mas sou bastante afeminado — pelo menos, para a sociedade, tenho um jeito mais afeminado. Minha voz é anasalada e, na minha forma de me expressar, gesticulo bastante com as mãos”. Ao se afirmar como um corpo “afeminado”, o interlocutor reconhece como seu corpo e comportamentos são lidos a partir dessas divisões simbólicas, em que

características como voz e gestos são codificadas como femininas e, portanto, desviantes do ideal masculino. O interlocutor reflete que a construção social reforça o androcentrismo, em que o masculino normativo é a referência universal e tudo que escapa a ele é marginalizado. Pierre Bourdieu (2012), trata o conceito de "violência simbólica" para descrever como as normas sociais são internalizadas de forma a parecerem naturais. "O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes" (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Ao refletir sobre a infância, como ele mesmo a descreve, foi uma infância "de qualquer criança gay" marcada por um sentimento de ser diferente das outras crianças, um sentimento que o acompanhou durante toda a sua infância. Na escola, era solitário, e suas relações mais próximas eram com as meninas. Afirma não se interessar pelas brincadeiras e assuntos dos meninos, que considerava "bobos". As meninas, por outro lado, lhe ofereciam um espaço de acolhimento e identificação, onde ele podia ser ele mesmo, sem se sentir pressionado a se encaixar e performar padrões de masculinidade que lhe eram estranhos (BUTLER, 2019).

A sensação de "ser diferente", que permeou a infância, é um tema recorrente nas narrativas de pessoas que não se encaixam nos padrões de gênero e sexualidade normativos. Goellner (2010) destaca a importância de reconhecer a diversidade de corpos, gêneros e sexualidades, e de questionar as normas que ditam o que é considerado "normal" e "desviante". A autora afirma que: "o corpo não é algo que está dado a priori. Ele resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc." (GOELLNER, 2010, p. 73).

A criação em um lar evangélico foi influenciada por sua avó e transmitida para sua mãe, que o levava à igreja desde o nascimento, juntamente com sua irmã, cinco anos mais velha. Essa vivência tornou-se parte integrante de sua vida, moldando suas crenças e valores desde a infância. A fé em Jesus e na igreja aparece como um elemento central em sua vida, mas também uma fonte de conflito e sofrimento, pois se sentia "diferente" e cita que a partir dos 8 anos de idade, começa a entender as acusações da igreja evangélica direcionada a sexualidade, e ter internalizado a ideia de que a homossexualidade era "coisa do demônio", reforçada por anos de pregações na igreja evangélica que frequentava desde a infância, ressalta que : "Eu acreditava que aquilo era um demônio e que eu tinha que expulsar do meu

corpo de alguma forma, e desconstruir essa ideia e entender que eu não era um demônio e na verdade eu sou assim, nasci assim, entender que era da minha natureza, aceitar isso foi um processo eu digo doloroso, não é fácil a gente que passou a vida inteira na igreja, foram 13 anos da minha vida ouvindo que eu tinha que me libertar, não me aceitando, negando aquilo que sentia e achando que era errado, me culpando por aquilo, é muito traumatizante isso".

A narrativa da liderança ilustra o impacto dos discursos religiosos na construção da identidade de pessoas LGBT, descreve um processo doloroso de internalização da culpa e do auto-repúdio, que culminou em anos de negação de sua sexualidade. Natividade (2008), analisa como os discursos evangélicos conservadores constroem a homossexualidade como um desvio moral e espiritual, utilizados para sustentar medos coletivos. Ele observa que a associação da homossexualidade ao demônio é uma estratégia que não apenas regula a sexualidade, mas também reforça a norma heterossexual como única forma legítima de desejo e prática sexual. Essa construção é marcada por dinâmicas de estigmatização que produzem sujeitos de "segunda categoria". Esse processo reflete o conceito chamado de "técnicas de sujeição", em que os fiéis são levados a reprimir suas experiências e desejos em conformidade com normas religiosas (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 126).

Somente ao ingressar na universidade, já adulto, conseguiu dar início ao processo de aceitação de sua sexualidade "Eu só aceitei o que sentia de verdade quando já estava na faculdade, no final do curso, ou seja, entre 2008 e 2009. Foi nesse período que comecei a entender que eu precisava sair do casulo. Até então, eu neguei muito isso". Ao relatar o período de transição na universidade, descreve um evento significativo, o primeiro beijo em um rapaz, que soou como "quase um tiro". Aos 22 anos, em uma boate acompanhado de uma amiga, descreve o ocorrido: "Quem frequenta boate sabe como é: você vê, gosta, passa e dá um beijo. Mas, para mim, não foi assim. Passou, o menino deu um beijo e seguiu, continuou dançando. Mas aquilo, para mim, foi quase um tiro, porque eu beijei um rapaz e gostei desse beijo". Contrasta essa experiência com o beijo que havia dado em uma menina anteriormente, afirmando que o sentimento despertado foi completamente diferente: "Eu já tinha beijado uma menina antes, mas não foi a mesma coisa. Eu não senti do jeito que senti aquele beijo", e logo após o acontecimento saiu da boate desesperado, senta na calçada e começa a chorar, "Eu sentei e chorei na mesma hora [...]. Foi um acordar para a vida, um 'não tem jeito, é isso aí, não tem como mais ficar negando". A amiga que estava junto, saiu ao seu encontro perguntando o que estava acontecendo e afirma em lágrimas: "Paulinha, eu sou gay, é isso,

não tem jeito", o interlocutor narra a história em gargalhadas.

Essa experiência, carregada de emoção e de significado, é um ponto de virada em sua trajetória, uma descoberta. Neste momento se estabeleceu um dilema, o sentimento de não conseguir mais negar a sexualidade e ao mesmo tempo todas as preocupações relacionadas à família, como contar para os pais, o sentimento de não poder mais ir à igreja. Após o primeiro beijo, decide se afastar da igreja evangélica: "Entendi que não tinha jeito, então vou pro inferno mesmo e já estou no inferno e no inferno ficarei, era o que eu pensava naquele momento. Mas, ao mesmo tempo, passava na minha cabeça todas as preocupações relacionadas à minha família. O que eu vou falar para a minha mãe? A igreja não me aceita, e eu não vou poder ir mais à igreja, ao mesmo tempo que eu não ia, sentia muita falta porque eu cresci crendo em Jesus, eu cresci amando a igreja, eu cresci servindo mas eu não podia mais". Ao revisitar essa memória, a expressão de descontração do interlocutor muda, sua voz fica trêmula e os olhos são tomados por lágrimas.

A decisão de se afastar da igreja se dá pelo sentimento de culpa e a crença na moral cristã (NATIVIDADE, 2008). Explica que durante os apelos dos cultos dominicais, quando os pastores convidam fiéis para aceitar Jesus, ele se sentia esmagado por um sentimento de "pecado": "Eu ia me sentir o pior dos pecadores, porque era exatamente esse o sentimento, um pecado sem tamanho. Porque aquilo ia ser uma vergonha para mim, só que ao mesmo tempo que eu não ia, sentia muita falta, porque eu cresci crendo em Jesus, eu cresci amando a igreja, eu cresci servindo mas eu não podia mais".

As pessoas LGBT, nascidas em famílias cristãs, quando anunciam sobre sua orientação sexual ou identidade de gênero para sua família, parentes e amigos, muitas vezes são excluídas do ciclo que faziam parte desde a sua infância, o discurso evangélico dominante tende a patologizar ou demonizar a homossexualidade, gerando um impacto direto no comportamento das famílias, que frequentemente reproduzem essas visões ao lidar com filhos ou filhas LGBT, algumas famílias conseguem superar os discursos religiosos. (PESSOA, 2017). E desta forma são afastadas da igreja que pertenciam, caso não se enquadre nas regras dos elementos doutrinários religiosos. Natividade (2008), argumenta que, o discurso religioso ao posicionar a homossexualidade como uma ameaça à ordem moral e espiritual, esses discursos não apenas marginalizam os indivíduos LGBT, mas também dificultam sua capacidade de aceitar e afirmar sua identidade. No entanto, esse despertar foi

acompanhado por um intenso medo de rejeição, especialmente em relação à sua família e à igreja.

O pastor descreve que antes de encontrar a ICC, vivenciava um sentimento de incompletude, mesmo em ambientes de "aceitação", como festas e momentos com amigos. Ele afirma: "Enquanto estava nesse cenário estava tudo bem, mas quando passa tudo isso é um vazio, um sentimento de solidão, um sentido de não completude [...] por mais que eu já tivesse entendido que era gay, eu ainda não aceitava". Essa sensação reflete o impacto que os discursos religiosos e sociais produzem nas subjetividades, modelando a percepção que o indivíduo tem de si mesmo (FOUCAULT, 1988). Reafirmando a ótica que: A homossexualidade é frequentemente demonizada nas igrejas neopentecostais, sendo vista como um problema espiritual que precisa de correção (MESQUITA; PERUCCHI, 2016, p. 112).

O primeiro contato com a ICC, foi através de uma campanha de outdoors espalhados pela cidade do Rio de Janeiro em 2009, no aniversário de três anos da igreja. "A igreja se formou em 2006, e em 2009, no aniversário de três anos, eles fizeram uma campanha e espalharam outdoor na cidade do Rio de Janeiro, divulgando e falando sobre a igreja. Os pastores presidentes estampavam esses outdoors, e foi assim que despertou em mim uma curiosidade de conhecer aquele lugar". Nesse momento, embora curioso, experimentou sentimentos de estranhamento e resistência, por ter como referência um discurso religioso que se afasta da proposta de Igreja Cristã Contemporânea, recorda os pensamentos conflitantes que surgiram: "Eu não sabia que igreja era essa, como funcionava essa igreja, como assim igreja de gay? Isso não deve ser certo, tem alguma coisa errada nessa história, esse povo vai tudo pro inferno. Eram as coisas que passavam na minha cabeça"

A localização da igreja contribuiu para aumentar sua curiosidade e, ao mesmo tempo, simbolizou uma ponte entre o território profano e o sagrado (ELIADE, 1992). A ICC estava situada ao lado do chamado "Bar das Quengas", na Lapa, um bairro conhecido por sua diversidade e vida noturna. O interlocutor narra que estava sentado no bar ao lado da igreja, sábado à noite e no final do culto, muitas pessoas saindo, indo embora, ao ver aquela cena comenta com seus amigos: "Gente, eu preciso ir nessa igreja para conhecer esse lugar". Apesar da vontade de visitar, revela ter sentido vergonha e insegurança devido à sua experiência religiosa anterior, que dificultou sua aproximação inicial: "Minha experiência com igreja era outra, e eu não sabia o que esperar. Tinha muita vergonha de ir, não sabia

como seria recebido".

Com o incentivo de um amigo, citado como "Peixoto" (nome fictício), decidiu ir ao culto. Neste período, era o mês de aniversário da igreja, e os cultos estavam sendo realizados no Teatro Municipal Serrador, na Cinelândia, região central do Rio de Janeiro. Descreve a primeira visita com emoção, enfatizando a sensação de "voltar para casa", retomando suas origens: "A sensação no culto foi de retorno às minhas origens, chegar à igreja, em um lugar normal, eram pessoas normais. Não era um show, não era uma boate. [...] Eu fui muito bem recebido e era um culto normal, uma igreja normal como qualquer outra igreja. [...] Era como se eu tivesse ficado muito tempo distante de casa e estivesse voltando para casa". Aqui, a ideia de "passagem" se manifesta como uma transição não apenas física, mas também emocional e espiritual, em que o sagrado é reconfigurado para receber identidades historicamente "desviantes" (BIRMAN, 1996).

A partir desse momento, compreende que não precisava mais escolher entre sua sexualidade e sua espiritualidade: "Ali eu me encontrei, naquele dia eu entendi que não preciso deixar de ser gay e não preciso estar longe desse lugar. Isso foi muito importante para mim, foi uma libertação, me senti completo. Foi quando percebi que estava em um lugar onde me senti verdadeiramente completo. Acredito que é isso: alcançar a plenitude como pessoa. Se a fé é importante nesse processo, para mim ela foi fundamental — voltar à igreja e poder estar em comunhão". A análise desse momento pode ser fundamentada no conceito de diversidade e no reconhecimento das múltiplas formas de vivência da sexualidade, como discutido por Goellner (2010). A autora ressalta que corpos, gêneros e sexualidades são construções sociais marcadas por um contexto cultural específico, o que implica em múltiplas possibilidades de subjetividades (GOELLNER, 2010).

Ao definir a ICC como uma "igreja normal", se opõe ao discurso entre religião e sexualidade, frequentemente marcado por estigmas. A experiência de Ricardo na ICC contrasta com a realidade do "fundamentalismo religioso". Esse espaço representa a "inclusão" e afirmação da diversidade sexual, onde a homossexualidade não é vista como "pecado", mas como parte da criação divina. Descreve sobre os acontecimentos do culto, cita sobre a estrutura religiosa e a liturgia: "No culto vai ter o ministério de louvor, o pastor pregando palavra, vai ter oração, a bíblia que a gente usa é a mesma que qualquer igreja usa, não tem uma bíblia diferente. É o mesmo texto bíblico". Para ele, essa familiaridade foi

importante para desmistificar a visão de mundo construída a partir da infância na igreja.

A partir dessa primeira experiência, Ricardo passou a frequentar a igreja regularmente, atribuindo o sentido de "acolhimento" a este espaço religioso, mas também um lugar onde poderia ressignificar sua relação com Deus e com a sua orientação sexual. O primeiro contato com a igreja se deu no ano de 2009, em dois anos o interlocutor se tornou pastor, traçou um rápido processo na hierarquia da igreja. Ricardo, define que na ICC pode realizar um sonho de infância ao se tornar pastor. Relembra que, quando criança observava as meninas que eram obreiras na igreja que frequentava e tinha o mesmo desejo: "Quando eu era criança e frequentava a igreja tradicional, eu via as meninas que eram obreiras, minhas amigas, eu sempre tive muitas amigas. E eu também queria ser obreiro, também queria estar na obra, poder ajudar, queria poder servir e eu nunca pude".

Segue a história com um episódio que marcou sua relação com esta igreja, durante uma tentativa de se tornar obreiro, foi rejeitado por seu comportamento considerado "afeminado": "Passei por algumas situações constrangedoras nesse sentido, e a última delas na igreja tradicional foi quando um pastor falou para mim que, enquanto eu tivesse aquele meu jeitinho, eu não ia ser obreiro porque eu tinha que ser diferente, e que, se eu quisesse, eu sairia daquela sala de uma forma diferente". Descreve o impacto dessas palavras: "Aquilo para mim foi como uma faca sendo enfiada dentro do meu peito. Eu saí dali dizendo: 'Não tem como, eu não consigo mudar'. Por mais que eu tentasse mudar a minha forma de andar, o meu comportamento, minha voz... eu não conseguia engrossar, não conseguia deixar de falar anasalado, não conseguia deixar de ser afeminado". As normas sociais, vinculam o comportamento dos indivíduos ao comprimento de papeis baseado em padrões de gênero (FOUCAULT, 1988). A partir dessas expectativas, indivíduos que fogem à norma, vivenciam um conflito entre seu pessoal e os valores religiosos internalizados.

A "aceitação" foi um processo gradual, que exigiu acreditar profundamente na ideia de que Deus o amava como ele era, marcado pela internalização de uma "verdade espiritual": "Quando eu descobri essa aceitação, porque foi uma descoberta, quando eu acreditei nisso... porque não basta alguém falar para você que Deus te aceita e te ama do jeito que você é, você precisa acreditar nessa verdade. E até eu acreditar nessa verdade foi complicado, mas quando tomei posse dessa verdade para a minha vida, meu amor, não quero voltar para o armário nunca mais". A "pedagogia da aceitação", fornece as bases para a transformação individual e

coletiva, unindo discursos e práticas que “acolhem” as diferenças e ressignificam as subjetividades em um contexto religioso (NATIVIDADE, 2017). No caso da liderança, a crença no “amor incondicional de Deus” não apenas desconstrói as normatividades “excludentes” impostas pelas igrejas católicas e protestantes, mas também geram uma nova narrativa positiva a essa identidade.

A liderança se refere a sua performance de gênero, como moldada por seu ambiente familiar e social, cresceu em um lar onde a figura masculina estava ausente devido à profissão de seu pai, caminhoneiro. Criado pela mãe e pela irmã, ele construiu laços e referências femininas fortes: “Minha facilidade de estar com meninas sempre foi maior, fazia amizade fácil com as meninas. Então ser diferente nessa construção, pelo menos na minha cabeça, é muito complicado, sobretudo porque eu não me identificava com os meninos de jeito nenhum. Os meninos gostavam de jogar bola, e eu nunca entendi futebol”.

O significado da Igreja Cristã Contemporânea para a liderança, está relacionado à reconciliação entre sua identidade de gênero, orientação sexual e a espiritualidade a partir da “aprovação divina” e pelo sentimento de “liberdade” para seguir sua vida religiosa e o exercício da sua sexualidade: “Estar na igreja para mim foi ter a minha aceitação, consegui me aceitar a partir de voltar a estar em comunhão e poder ser quem eu sou. Eu sou uma pessoa gay e sou feliz sendo quem eu sou a partir dessa aceitação. Como se eu precisasse da aprovação divina [...] foi esse o caminho que eu fiz, precisava ter essa aceitação em Deus para eu poder viver com mais liberdade”. Para Foucault (1988), dialoga com a ideia do poder como produtivo, não apenas repressivo. A ICC atua como um dispositivo que reorganiza os discursos de poder em torno da sexualidade, oferecendo novas possibilidades de subjetivação.

O processo de “aceitação” da própria sexualidade foi lento, descreve que sua visão mudou com o tempo, especialmente após encontrar a Igreja Cristã Contemporânea. O contato com a ICC se deu um ano e três meses após seu “afastamento” da sua igreja de origem. Ricardo lembra que, quando chegou na ICC, o slogan da igreja era: “Levando o amor de Deus a todos sem preconceito”, mas com o tempo o slogan se transformou para “Sorria, Jesus te aceita!”. Reflete sobre sua experiência no primeiro ano na igreja e após o período de quase dezesseis anos de denominação, atuando como pastor: “Quando eu cheguei na Contemporânea eu me entendia como uma pessoa gay, mas não me aceitava, se eu pudesse negar aquilo que eu sentia, eu negaria, se eu pudesse ser diferente, eu seria”. A visão de

mundo sobre sua sexualidade, começou a mudar à medida em que entende o "amor de Deus", mesmo sendo gay: "Após conhecer a igreja, após conhecer o amor de Jesus por mim, mesmo eu sendo uma pessoa gay, virou uma chave. Hoje, se falasse para mim, se você tivesse a oportunidade de morrer e nascer de novo, eu diria sim mil vezes, os gays são melhores (diz em tom de risada). Eu seria gay mil vezes"

A liderança relembra um período marcante na trajetória da ICC, quando a igreja ganhou destaque nacional devido à ampla visibilidade na mídia. Ele descreve como esse momento foi significativo tanto para sua jornada pessoal quanto para atingir maior alcance da igreja. Um dos eventos emblemáticos foi a realização do primeiro casamento entre pessoas do mesmo gênero transmitido pela televisão brasileira, no programa *Na Moral*[38], de Pedro Bial, em 2012. O evento oficializou a união do casal Aline Peixoto e Simone Queiroz, que à cerca de quinze anos, esperavam a aprovação do "casamento gay" no Brasil. Na foto da reportagem publicada no dia dezenove de julho de dois mil e doze, pelo jornal *Extra*[39], mostra uma foto do casal Aline e Simone ao lado dos pastores Marcos Gladstone e Fábio Inácio, fundadores da Igreja Cristã Contemporânea. Relembra o impacto que o casamento teve neste período: "Aquela cerimônia no Pedro Bial foi muito importante para a igreja. Foi o primeiro casamento gay mostrado na TV, e os pastores estavam lá, apoiando e celebrando. Isso mostrou para muitas pessoas que fé e amor podiam caminhar juntos, independentemente de quem você ama". O evento que oficializou a união do casal de mulheres, em uma cerimônia religiosa, foi amplamente divulgado pela mídia. No ano de 2020 o casal de mulheres lésbicas, Aline Peixoto e Simone Queiroz fundou uma igreja declarada "inclusiva" o Ministério Profético Yahweh (MIPY)[40], no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

Outros eventos midiáticos em destaque neste contexto, foram debates na emissora de rádio evangélica, Rede Melodia, a participação dos pastores no programa SuperPop, apresentado pela Luciana Gimenez, no ano de 2010. Menciona também o casamento dos pastores presidentes, que gerou grande repercussão: "Os pastores se casaram nessa época e o

[38] Programa Na Moral, casamento Aline Peixoto e Simone Queiroz exibido no dia 20 de julho de 2012. Ver em: https://gshow.globo.com/programas/na-moral/O-Programa/noticia/2012/07/na-moral-celebra-uniao-gay-com-direito-vestido-de-noiva-e-fortes-emocoes.html Acesso em: 23 de outubro de 2024.

[39] Ver reportagem em : https://extra.globo.com/noticias/rio/casal-evangelico-oficializa-uniao-em-primeiro-casamento-gay-na-tv-5519355.html Acesso em: 4 de dezembro de 2024.

[40] Instagram da igreja Ministério Profético Yahweh, ver em : https://www.instagram.com/mipy2020/ Acesso em : 23 de outubro de 2024.

casamento deles foi mídia em vários jornais, saiu no SBT, e eu fui no casamento deles". O casamento dos pastores presidentes foi realizado no Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro no ano de 2009, no site[41] da igreja é possível encontrar vídeo da cerimônia religiosa.

Ao citar a Rádio Melodia, uma emissora de rádio, sediada no Rio de Janeiro, transmite programação voltada ao público evangélico. Ricardo, compartilhou um episódio marcante de conflito entre a Igreja Cristã Contemporânea ICC) e uma grande denominação evangélica protestante, ocorrido no programa de rádio chamado Debate Melodia. Ele contextualiza a relevância desse programa no meio evangélico, destacando que é um espaço de ampla audiência, onde pastores discutem diversos temas religiosos. Os pastores presidentes da ICC, Marcos Gladstone e Fábio Inácio foram convidados a participar desse debate no ano de 2009, entre os debatedores, estava o pastor Silas Malafaia, uma figura em destaque do meio evangélico, descreve o tom do encontro como: "um debate bastante, como posso dizer, acalorado (fala em tom rindo), porque eles não aceitam de fato a gente". Apesar do conflito, a liderança ressalta que a ICC não busca aceitação ou reconhecimento das demais igrejas, afirma que o foco da denominação é "pregar" o amor de Jesus e acolher especialmente aqueles que foram "excluídos" por outras denominações religiosas: "A gente entende que o nosso trabalho é pregar o amor de Jesus, é falar do amor de Deus, é mostrar ao nosso público-alvo [...] porque é a comunidade que está fora das igrejas tradicionais, porque é a comunidade que é à parte, a comunidade que está excluída".

Segundo Ricardo, a ICC é aberta a todos, independente de orientação sexual ou identidade de gênero, mas reconhece que o principal público-alvo da igreja são pessoas LGBT, enfatiza a exclusão religiosa, sobretudo com pessoas transsexuais e transgênero[42]: "Se um homem trans vai em uma igreja evangélica e descobrem que ele é um homem trans, ele vai ser posto para fora ou vão dizer que, para ele frequentar, vai ser necessário negar a sua transgeneridade e seguir como uma mulher. No meu ponto de vista, isso é um crime". Define que a missão da ICC é oferecer um espaço onde todos possam viver sua fé sem precisar negar quem são "A gente quer alcançar esse público, falar que eles têm acesso, sim, à palavra de

[41] Ver em : https://www.igrejacontemporanea.com.br/videos/124/casamento-gay-pastores-da-igreja-contemporanea Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

[42] O termo transgênero ou transexual refere-se a pessoas que não se identificam com o gênero designado em seu nascimento. O termo transgênero é um termo "guarda-chuva" para todas as identidades trans, como homem trans, mulher trans, travesti, trans masculinos, entre outros.

Deus, podem, sim, cultuar, podem, sim, estar em comunhão".

Os anos iniciais da denominação religiosa e a relação com a mídia, teve impacto pessoal significativo para o pastor, pois coincidiu com o momento em que ele decidiu contar sobre sua sexualidade à sua mãe. Ele conta que, após assistir ao casamento dos pastores, o evento foi amplamente noticiado, o que gerou uma conversa difícil, mas "libertadora", com sua mãe: "Foi aí que despertou na minha mãe. Foi muita coincidência. No final de semana que eu fui a um casamento, no dia seguinte foi notícia em vários jornais, e ela me perguntou se eu tinha ido naquele casamento, se eu compartilhava daquilo que era um absurdo".

Diante dessa situação, entendeu que precisava compartilhar a verdade, descreve a importância de ser sincero para evitar conflitos futuros, especialmente porque desejava trabalhar nas ações da ICC, incluindo a participação em eventos como a Parada LGBTQIA+. Ele explica: "Eu queria estar nas paradas gays, mas é sempre noticiado, sai em jornal e revista. Imagina, eu estou na parada gay, divulgando a igreja, e apareço no jornal e minha mãe me vê pela televisão, ela não sabia de nada, ia ser um caos".

A maior dificuldade seria comunicar sua sexualidade à família, especialmente à mãe, que sempre teve o papel central em sua vida. "Eu tinha muito receio de contar para minha mãe, porque ela sempre foi muito ligada à igreja, e tudo que eu ouvia nos cultos sobre homossexualidade era extremamente negativo. Na minha cabeça, o medo de ser rejeitado por ela era maior que qualquer outra coisa". A cosmologia religiosa evangélica cria uma narrativa homogênea sobre a homossexualidade, que influencia as interações familiares (Pessoa, 2017, p.18).

A coragem para conversar com a mãe se deu após muito nervosismo. "Comecei falando que tinha algo importante para contar e que sabia que poderia decepcioná-la, mas que eu precisava ser honesto sobre quem eu sou. Quando finalmente disse que era gay, minha mãe ficou em silêncio por um tempo que pareceu uma eternidade. Foi todo aquele drama familiar dela chorar, dizer que não era aquilo que ela queria para mim. Eu disse que não era isso que eu queria para mim também, mas não posso mudar isso. E depois que eu contei para minha mãe, foi outro processo libertador. Por mais que não fosse isso que ela queria para mim, ela não me renegou e eu tinha o apoio da minha família, da minha mãe, e isso foi muito importante". O silêncio e a hesitação muitas vezes marcam os primeiros momentos de

revelação, refletindo a luta interna dos pais entre a aceitação dos filhos e a fidelidade aos preceitos religiosos (PESSOA, 2017, p. 62).

Apesar da dor inicial, percebeu que havia espaço para o diálogo: “Ela disse que me amava, mas que isso era muito difícil de aceitar, porque tudo que ela aprendeu na igreja dizia o contrário. Mas, mesmo assim, ela não me rejeitou. Isso foi um alívio enorme, embora eu soubesse que o caminho para a aceitação total seria longo”. A reação do pai, embora menos dramática, também trouxe desafios. “Meu pai foi mais direto, disse que não era algo que ele entendia, mas que não iria me tratar diferente por isso. Para mim, foi importante ouvir isso dele, porque sempre tive muito respeito pelo meu pai, mesmo sem termos uma relação tão próxima quanto a que tenho com minha mãe”. Essa disposição para o diálogo e a manutenção do vínculo afetivo exemplificam o que podemos chamar de “negociação afetiva” apresentada por Pessoa (2017). Segundo a autora, essa negociação ocorre quando os pais, inicialmente marcados pelos preceitos religiosos, começam a ressignificar seus valores e crenças à luz do amor pelos filhos (PESSOA, 2017, p. 61).

> Quando na situação do coming out[43] a reação de uma mãe evangélica, que tendo expressado toda a dor sentida em ter seus planos frustrados para seu filho, decide, por fim, a acolher esse filho, a moral afetiva sobrepujou qualquer espécie de moral religiosa que possa haver. Ao mesmo tempo, quando sua reação envolve agressões físicas e verbais direcionadas ao seu filho, é evidente que a moral afetiva foi suplantada pela moral religiosa (PESSOA, 2017, p. 60).

Esse processo é gradual e, muitas vezes, permeado por conflitos internos e externos, mas é fundamental para a reconstrução das relações familiares. Enfatiza que o apoio da sua mãe foi de suma importância para sua jornada, reflete sobre como suas próprias experiências influenciam sua atuação como educador e pastor. Menciona que sua vivência o capacita a orientar pais e mães que enfrentam conflitos relacionados à sexualidade de seus filhos: “Hoje eu trabalho em uma escola, atuando como orientador pedagógico em uma rede e como diretor em outra rede. [...] Tenho sempre a oportunidade de atender mães e responsáveis de alunos, e muitas das questões perpassam sobre essa questão da sexualidade do adolescente. É muito importante para o adolescente ter o apoio da família. Quando ele tem a mãe e o pai, pode ter o mundo inteiro contra ele que vai se sentir protegido”. Continua dizendo que alunos já o procuraram por verem nele uma possibilidade de “futuro”: “Já tive a oportunidade de ouvir

[43] A autora Pessoa (2017), cita que por coming out, se refere ao ato de revelar sua orientação sexual publicamente.

alunos quando eu estava em sala de aula como professor, alunos me procuraram porque viam em mim um exemplo. [...] Ver a possibilidade de ser diferente, ser gay e poder depois trabalhar, poder construir família, é muito importante que eles tenham esse ideal, essa visibilidade de saber que não está tudo perdido".

A liderança narra que um aluno, filho de pastor, o procurou em busca de apoio: "Teve uma situação em que um aluno era filho de um pastor da igreja tradicional, que era muito enclausurado. Ele me procurou para contar que era gay e tinha muito medo. Eu pude ouvir aquela história e contar para ele também a minha experiência de como foi, e hoje eu sigo ele e ele me segue nas redes sociais. Quando vejo ele livre com o namorado dele, postando foto, vejo o quanto isso foi importante na trajetória dele e eu fico muito feliz". O pastor descreve como, ao ouvir o jovem, compartilhou sua própria experiência de aceitação, com o objetivo de demonstrar ser possível viver plenamente sua orientação sexual sem vergonha ou culpa. Essa conversa foi significativa, não apenas para o aluno, mas também em sua própria trajetória como líder religioso e educador.

Ricardo atribui as palavras "liberdade", "se sentir completo" e "felicidade" à Igreja Cristã Contemporânea, que desempenhou um papel essencial em sua construção identitária. Afirma que sem esse encontro com a fé "inclusiva", teria dificuldade em encontrar a "plenitude" em sua vida adulta: "Atribuo muito esse meu pensamento, essa minha construção identitária, à minha ligação à igreja, que foi essencial nesse meu processo. Acho que se eu não tivesse tido esse encontro com a igreja, possivelmente na minha maturidade eu ia seguir com a minha vida, mas não me sentiria completo, feliz". Para Ricardo, viver plenamente sua identidade é uma condição indispensável para a qualidade de vida, reflete sobre como, antes de aceitar quem era, carregava o peso da vergonha e da culpa. Hoje, com a liberdade de ser ele mesmo, rejeita os julgamentos e a exclusão que possam vir de outras pessoas: "É necessário ser completo, viver com naturalidade, não se sentir um peso ou uma culpa. Era assim que eu me sentia antes, a vergonha da família, e hoje não me sinto assim. Posso ser quem eu sou, e se tem alguém que não me aceita, o problema é dessa pessoa, está perdendo uma pessoa incrível, maravilhosa. Porque eu sou incrível, mas a pessoa não me aceita, então o problema é dela". A narrativa da liderança trata não apenas da sua própria trajetória de aceitação, mas também seu compromisso em apoiar outros jovens que enfrentam conflitos semelhantes. Segundo Ricardo, sua trajetória pode ajudar outras pessoas, incluindo pais de filhos LGBTQIA+, considera um presente ajudar outras pessoas a vencerem seus desafios.

Luís, 50 anos, gênero masculino, se autodeclara pardo, atua profissionalmente como gerente de vendas, possui ensino médio completo, é divorciado e vive em união com seu esposo há dezenove anos, pai de duas filhas, define sua orientação sexual enquanto homem gay. Nasceu no hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, e cresceu no bairro de Padre Miguel, zona oeste do estado. Luís, nasceu em uma família composta por sua mãe, pai, um irmão gêmeo e uma irmã mais velha. Sua infância, vivida no final da década de setenta, foi descrita como tranquila, criado em um ambiente evangélico, influenciado por sua mãe e avó materna, "ia para a igreja obrigado. A criança tem que acompanhar a mãe, então a gente ia. Quando chegou a adolescência, já não gostava, não queria estar na igreja, e nesse período me afastei, mas sempre vivenciando o evangelho. Nunca fui para outras religiões". Na adolescência decide não frequentar mais a igreja. Luís, cresceu ao lado de seu irmão gêmeo, com quem compartilhou brincadeiras na infância e estudou na mesma sala na escola até a oitava série.

Relembra os apelidos que recebeu desde a infância, associados a sua expressão de gênero, "Sempre tive, desde a infância, aqueles apelidos femininos: o viadinho, desculpa a expressão, mulherzinha, bixinha". Essas palavras contribuíram para os conflitos internos, especialmente por ter um irmão gêmeo univitelino, "a minha cópia", com quem era frequentemente comparado. Reflete sobre o desejo de não ser "diferente".

Ao falar da sua infância, relata que, embora tivesse gostos considerado "mais feminino", não havia uma compreensão sobre sua orientação sexual neste período, em parte devido à falta de acesso à informação sobre questões de diversidade sexual: "naquela época, não tínhamos a tecnologia que temos hoje, as coisas eram de difícil acesso, eu me percebia diferente mas não sabia o que eu era ainda". Inicia a entrevista com um episódio marcante em sua trajetória, fala sobre a figura de um primo mais velho. Explica que durante reuniões de família, passada a primeira infância quando começa a entender melhor as pessoas e a si mesmo, observa o tratamento dado a um primo, que havia sido casado com uma mulher com quem teve uma filha, mas depois se divorciou e construiu uma relação homoafetiva. Esse primo era frequentemente alvo de julgamentos e comentários depreciativos, diziam: 'Como pode um homem que já foi casado agora viver com outro homem?'". O que fez com que Luís, desenvolvesse receio de passar por situações similares, apesar disso, reconhece semelhanças entre ele e seu primo, o que leva a refletir sobre como seria tratado pela família

caso sua orientação sexual fosse revelada.

Descreve que, durante sua juventude, a sociedade era mais "fechada" em relação à sexualidade, especialmente no que diz respeito a homossexualidade. O termo "gay" não era amplamente utilizado, eram utilizadas expressões depreciativas, comuns neste período: "Não existia esse termo, a gente usava um termo depreciativo. Era viado, boiola, sempre uma coisa bem ruim". Vivenciou um conflito interno durante a adolescência, quando começou a perceber sua atração por homens enquanto tentava se encaixar no modelo heteronormativo estabelecido socialmente (FOUCAULT, 1988). "Eu percebia naquele sentimento ali bem contraditório, eu achava os homens muito bonitos. As mulheres eu admirava, mas tentava me encaixar naquele meio, não entendia nem o que era hétero. Dizia que era normal: 'Eu sou normal'". O termo "normal", em diálogo com a teoria de Foucault (1988), problematiza o conceito de normalidade, compreendendo-o como uma construção social que visa à manutenção da ordem e do poder.

Apesar dos conflitos internos, seguiu as expectativas sociais, namorou meninas "mas sempre de olho nos meninos", conheceu sua ex-mulher quando tinha 16 anos, já tinha namorado outras meninas mas nunca realizado práticas sexuais, "e quando começamos a namorar, eu com 16 anos e ela já tinha 19, nos relacionamos antes de casar durante quatro anos". O casamento aconteceu quando Luís tinha 20 anos, e dessa união nasceram suas duas filhas[44], "a Esther tem 27 anos e a Ruth tem 23 anos".

A influência religiosa contribuiu para os conflitos internos, "a coisa do ser evangélico, de como ser evangélico", já que, desde cedo, ouvia mensagens negativas em relação à homossexualidade. "A gente sempre ouvia que o gay ia para o inferno, não podia, e que era maldição". Apesar de vivenciar a juventude distante da igreja, ao se casar, começa a frequentar a Igreja Presbiteriana com sua esposa, pois a mãe dela era membro dessa denominação em que se casaram. Luís participou das atividades da igreja como visitante, como a Escola Dominical e os cultos de domingo, após o casamento passaram a ir como membros, apenas sua ex-esposa se batizou na igreja, ele só ia como acompanhante, justifica suas ações dizendo: "Naquele processo, eu já sabia quem eu era. Então, achava que não poderia estar naquele lugar. Como eu iria me batizar sendo quem sou, vivendo um desejo

[44] Foi atribuído nomes fictícios às filhas do interlocutor Luís.

sexual diferente. Mesmo casado, eu já tinha o desejo, só não colocava em prática, mas já sentia desejo de estar com um homem". Continuou frequentando a Igreja Presbiteriana durante aproximadamente cinco anos, até que sua ex-esposa saiu da igreja, e ele deixou de ir também: "ficamos um bom tempo sem frequentar nenhuma igreja, e foi assim até a separação".

No terceiro ano de casados, nasceu a primeira filha do casal, Luís expressou sua vontade de não ter mais filhos, mas sua então esposa, insistiu em tentar um menino. Embora relutante, aceitou a ideia, e o casal planejou o nascimento da Ruth, sua segunda filha. No entanto, o nascimento da segunda filha, desencadeou um processo interno que ele descreve como transformador: "não sei te dizer se virou uma chave, mas aquele desejo que eu conseguia reprimir aflorou, veio com muita força na minha mente. Tipo assim, como que você faz agora?". Esse desejo, relacionado à sua orientação sexual, começou a impactar diretamente sua vida conjugal.

A relação sexual com a esposa tornou-se cada vez menos frequente até desaparecer completamente, pois desejava se relacionar com homens, mas não se permitia explorar essa possibilidade. Um dos fatores citados por Luís, que intensificaram o conflito interno, foi o contexto social e a preocupação com os riscos do HIV na década de 1990: "Eu tinha muito medo disso, de ir para a rua, fazer alguma coisa, pegar um vírus desses que até então era aquela coisa da morte certa e trazer para dentro da minha casa". Com o passar do tempo, o distanciamento físico e emocional do casal se intensificou. Ele descreve que, apesar de amar o papel de chefe de família e o casamento sem vida sexual ser confortável para ele, as exigências sociais e religiosas o pressionaram.

A busca por uma solução levou-o a frequentar cultos de "libertação" em uma igreja conhecida por práticas de exorcismo e campanhas de "cura" espiritual: "Comecei a procurar sozinho o culto de libertação, porque diziam que era um demônio. Então, vou buscar. Fui a uma certa igreja que é muito famosa pela libertação e comecei a frequentar as terças-feiras, certinho". O discurso da "cura gay" é promovido por igrejas neopentecostais no Brasil. Essas igrejas fundamentam suas práticas em uma visão dogmática e essencialista da sexualidade humana, tratando a homossexualidade como algo a ser corrigido através de práticas religiosas (TRINDADE, 2019). Mesmo após completar as campanhas religiosas, ele não sentiu mudanças em seus desejos e, então, resolveu buscar ajuda médica. Durante a consulta com

um urologista, ele relatou uma meia-verdade sobre a situação, dizendo que não conseguia se relacionar com a esposa sem revelar o real motivo: “Eu falava para ele que não conseguia ter relação com a minha esposa. Ele perguntava o motivo, mas eu falava que não sabia. Mas eu sabia que não sentia desejo por ela”.

Mesmo após uma série de exames e tratamentos, o médico concluiu que não havia nada de errado fisicamente, “meu corpo estava normal, os hormônios perfeitos, o médico disse que poderia ser da minha cabeça, ansiedade e trabalhar muito”. Ele tentou usar medicamentos para melhorar sua vida sexual, mas, com o tempo, os remédios se tornaram ineficazes, iniciou tomando um remédio considerado “fraco” e com o tempo foi passando para os com efeitos mais fortes, “Quando eu tomava, conseguia uma certa relação, mas depois não conseguia mais”, o interlocutor cita ter tentado diversas dicas, como fazer uma noite romântica ou mesmo ir a um lugar diferente. Diante da ineficácia dos tratamentos e do peso emocional de continuar forçando uma relação, ele decidiu desistir, começou a evitar o contato com a ex-esposa. Neste período os horários de trabalho eram bastante diferentes, isso fez com que os encontros fossem raros, Luís chegava em casa muito tarde e ela saia muito cedo, “e nas folgas eu dizia sempre que estava cansado”. O casal, que já vivia em horários desencontrados devido às rotinas de trabalho, chegou a um consenso sobre a separação: “Durante três anos, a gente não se encontrava muito. [...] Foi quando ela disse: ‘Vamos sentar e separar. Não dá mais para viver assim’. A gente sentou, nos separamos, e eu não falei para ela o que realmente estava acontecendo”. Luís afirma que o seu casamento sem a parte sexual era perfeito para ele, pois amava cuidar das filhas, amava cuidar da casa, enfatiza que sempre amou o papel de chefe de família, cita o pensamento presente nos anos 80 em que o homem deveria ser o provedor, a cabeça da família, “eu gostava muito disso, gostava mesmo, mas batia de frente com a coisa do sexo”.

Logo após a separação, ele conheceu seu atual esposo, um encontro que marcou o início de sua primeira relação afetiva com outro homem. Ele descreve esse momento com entusiasmo: “Eu me separei da minha ex-mulher em abril, e em maio conheci meu esposo. Quando conheci, eu falei: agora estou livre, posso viver o que eu sempre desejei viver. E aquilo foi uma paixão à primeira vista que eu tive por ele, literalmente”. No entanto, o início dessa relação foi desafiador, especialmente porque era a sua primeira experiência romântica com outro homem, enquanto seu companheiro já havia tido outros relacionamentos e

vivenciava sua orientação sexual enquanto homem gay desde a juventude.

Nesse período, os rumores começaram a se espalhar entre os familiares, e sua ex-mulher ficou sabendo de seu relacionamento. Optou por não falar diretamente com suas filhas, acreditando que elas eram jovens demais para compreender: “Eu ouvia que elas eram muito crianças, não precisam saber da sua vida sexual, maior besteira do mundo que eu fiz. Não aconselho ninguém a fazer isso. Criança não é alienada, criança conhece as coisas”.

Durante este período, enquanto vivia com o esposo, as filhas o viam apenas como um amigo da família, “a gente morava junto, mas ele era o amigo do papai”. Aos poucos, as meninas começaram a entender a situação, principalmente porque a mãe delas fazia comentários e soltava indiretas. Quando a filha mais nova fez 14 anos, decidiu conversar abertamente com elas, mas a notícia chegou às filhas antes por intermédio de outra pessoa, o que gerou ressentimentos: “Na época, as meninas me ligaram e falaram: ‘Pai, a gente precisa conversar com o senhor’. E eu já sabia o que era. Quando fui lá, veio um monte de acusações: ‘Por que você não falou? É um mentiroso! Não devia ter feito isso com a gente. A gente não aceita’”. Com o tempo, a relação com as filhas também passou por desafios. Após a conversa inicial, elas ficaram um ano sem falar com ele. No entanto, um episódio marcante ocorreu quando a filha mais nova, Ruth, se identificou como homossexual e enfrentou preconceito em sua igreja evangélica. A liderança relembra: “Ela estava namorando uma menina de dentro da igreja. A igreja descobriu, e foi aquela confusão. [...] Quando aconteceu esse lance da minha filha mais nova dentro da igreja, em que ela foi exposta e passou por todo aquele processo que a gente sabe que na igreja tradicional se vê, de ir na frente e ser exposto o seu pecado, pecado, você vai ser expulso e tudo isso ela passou, eu só soube depois de tudo feito”.

A experiência da filha mais nova do interlocutor, Ruth, reflete os desafios enfrentados por jovens LGBT em contextos religiosos, especialmente em relação ao preconceito e à exposição pública. Além disso, o relacionamento enfrentou outras pressões, incluindo a ameaça física de familiares da parceira de Ruth. O interlocutor relata que a mãe da namorada ameaçou agredir sua filha, o que motivou sua ex-mulher a procurar ajuda, ligou para Ricardo, que diante da situação, decidiu agir prontamente, indo até a igreja para conversar com a pastora responsável. Durante o encontro, buscou mediar a situação e proteger sua filha, deixando claro que não toleraria injustiças. O conflito foi resolvido dentro da igreja, mas o

episódio deixou marcas profundas em Alice. Ela acabou saindo da congregação, assim como a namorada, mas o trauma gerado pela exposição pública e o julgamento religioso impactaram sua relação com a espiritualidade: “Até hoje ela não quer saber de Jesus, devido a esse trauma. Está difícil de curar para ela, porque vem todo aquele conceito da coisa do errado, do julgamento. E hoje, quando eu falo de Jesus, ela fala: ‘Tá bom, pai, um dia quem sabe’”. O controle social, está presente nas denominações religiosas que muitas das vezes utilizam rituais públicos para reafirmar normas comportamentais, o que pode gerar traumas e afastamento (BIRMAN, 1996).

Apesar do ocorrido, ele permanece esperançoso de que sua filha possa, no futuro, reconstruir sua relação com a fé e superar o impacto desse episódio, que por outro lado aproximou a relação entre pai e filha. Hoje, ele vê suas filhas como jovens mulheres bem-resolvidas. A mais velha, Esther, é casada com um rapaz, e a mais nova, Ruth, namora uma jovem há dois anos.

Com relação à própria mãe, ele relata que ela foi bastante tranquila na aceitação, embora tenha expressado alguns questionamentos típicos de seu contexto religioso: "Minha mãe mora em Rio das Ostras, me ligou e falou: ‘Vem pra cá agora, que eu quero saber que história é essa desse rapaz que você diz ser amigo’. [...] Perguntei o que ela sabia e confirmei que era isso mesmo: o Antônio é meu namorado”. Durante essa conversa, ele enfrentou questionamentos sobre sua sexualidade e sobre o motivo de ter se casado com uma mulher. Luís responde com sinceridade: ““Ela perguntou: ‘Você sabia disso desde quando?’ E eu respondi: ‘Desde sempre’. ‘E por que você casou?’ Porque eu não queria ser diferente, não queria passar pela pressão”.

O relato revela que a mãe reagiu com o drama típico de alguém que está processando uma informação inesperada, mas, ao mesmo tempo, com um acolhimento surpreendente, considerando seu histórico religioso. Ela perguntou se havia algo que tivesse feito de errado para que ele fosse gay. A mãe, porém, tentou atribuir a orientação sexual dele à influência do namorado, mas ele esclareceu que sua sexualidade era algo que sempre existiu, independentemente de qualquer pessoa específica: “Ela acusou o rapaz, e eu disse que não era ele. Se não fosse o Antônio, ia ser o João, o Carlos, o José. Ia ser um homem, não ia ser mais uma mulher”. A mãe do interlocutor, embora tivesse algumas ressalvas baseadas em sua fé evangélica, mostrou-se receptiva à situação: “Ela foi muito tranquila na aceitação, apesar

de ser evangélica, todo aquele contexto da religião que oprime, que massacra, que diz que não pode. [...] Tem as ressalvas dela, de falar que Jesus vai libertar. Às vezes ela vem com esse papo e fala: 'Você sabe, né, meu filho, que isso é errado'. E eu respondo: 'Lá na glória a gente vai saber quem tá certo e quem tá errado. Eu creio que vou ter a salvação, a senhora crê que vai ser salva, então a gente vai se encontrar lá na glória e vamos perceber quem realmente estava certo'". Com relação ao pai, o interlocutor explica que, à época, ele já estava enfrentando um câncer recém-diagnosticado. A reação do pai foi direita, falou: 'Está tudo bem, não tem problema nenhum, vida que segue'". A revelação de sua orientação sexual gera um momento de crise, mas também abre um espaço para negociação e reconstrução dos laços familiares (PESSOA, 2017).

Após a separação com a ex-mulher, Luís passou dois anos com seu companheiro em Rio das Ostras, onde se dedicou a cuidar do pai, que enfrentava um câncer terminal, quando ele faleceu, retornou para a Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Nesse período, conheceu uma pastora que se casou no programa de TV do Pedro Bial, Aline e Simone, na época, eram pastoras da Igreja Cristã Contemporânea: "Eu vi o casamento delas no Pedro Bial e falei com meu esposo, porque eu já conhecia a pastora Aline, quando eu era casado, nós morávamos no mesmo bairro. Achei muito legal uma igreja inclusiva, foi quando eu ouvi falar sobre isso". Esse foi o primeiro contato de Luís com o universo das então chamadas "igrejas inclusivas", logo após esse episódio, os pastores presidentes da ICC, Marcos Gladstone e Fábio Inácio, participaram do programa de TV "SuperPop", apresentado por Luciana Gimenez. Essas aparições midiáticas despertaram sua curiosidade e o aproximaram do conceito de uma igreja que acolhesse a diversidade sexual, "sempre que eu via anunciando 'o pastor da igreja gay vai estar no programa', eu sempre assistia".

Após o recém retorno à Baixada Fluminense, Luís começou a frequentar a Igreja Nova Vida como visitante, permanecendo ali por cerca de um ano. Durante esse período, foi seu esposo quem o incentivou a conhecer a Igreja Cristã Contemporânea, localizada em Nova Iguaçu: "Meu esposo ficou sabendo que tinha uma Igreja Contemporânea em Nova Iguaçu. Ele falou: 'Aquela igreja da moça que casou no programa de TV tem em Nova Iguaçu, por que você não vai?'. Ele passou na porta da igreja e falou que era na rua da Promoinfo e tal, 'vai lá'. Aí eu pensei em conhecer. As pastoras atuais eram diaconisas na época".

Antes de conhecer a Igreja Cristã Contemporânea, Luís explorou outras denominações e práticas religiosas, narra que durante um tempo de sua vida, acreditava que

Deus estava em todos os lugares, em qualquer religião. No entanto, nenhuma dessas experiências supriu sua necessidade espiritual: “Cheguei a ir em outros lugares visitar, porque eu queria Jesus. Só que, para mim, não serviu”. Luís descreve o primeiro culto na ICC, destacando os sentimentos de vergonha e medo do que iria encontrar, de como ia ser. Ao entrar na igreja, se direciona ao último banco. No início do culto, um ministro de louvor chamou sua atenção de maneira inesperada. A semelhança da performance com a de uma conhecida cantora gospel, Ana Paula Valadão, o intrigou: “Eu achei aquilo muito interessante e, ao mesmo tempo, me espantou. Pensei: ‘Como assim esse homem está imitando a Ana Paula Valadão?’. Senti vontade de levantar e ir embora, só que eu fiquei”. Luís, após seu primeiro contato com a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), relata a sensação de acolhimento que encontrou. Sua narrativa sobre o primeiro culto reflete o impacto emocional e espiritual descrito por Natividade (2017), que associa as práticas litúrgicas da igreja ao “quebrantamento” e à transformação identitária.

Após o “momento do louvor” o culto continua com a “pregação”, a mensagem passada pelo pastor, responsável naquele dia, tiveram um impacto em sua vida, despertando em Luís, o desejo de retornar: “Foi me dando mais vontade de permanecer, e no próximo culto eu estava. No outro, eu estava também”. O interlocutor explica que sua experiência na Igreja Cristã Contemporânea foi única em comparação às outras denominações que havia frequentado anteriormente, como Assembleia de Deus, Presbiteriana e Nova Vida. Ele descreve as doutrinas dessas igrejas, destacando suas diferenças em relação à Contemporânea: “A Presbiteriana tem aquela coisa muito séria em que você não pode bater palma, não tem o falar em línguas. [...] E a Nova Vida, que é uma igreja mais aberta, mas ao mesmo tempo não tinha o falar em línguas em voz alta. [...] A Contemporânea, como é uma igreja muito nova, vem juntando pessoas de todas as outras denominações: Batista, Universal, Assembleiana, Presbiteriana, Quadrangular. Tem todas as denominações dentro da nossa denominação”. Essa diversidade é refletida nos cultos, que variam em estilo e abordagem dependendo da subjetividade e das experiências de cada liderança. Luís explica como essa pluralidade se manifesta na prática litúrgica: “As coisas vão mesclando. Alguns cultos são mais pentecostais, outros mais batistas até, eu posso dizer, mais tranquilos. [...] A gente está pegando essa identidade da Contemporânea”. Para Birman (1996), o sincretismo e a flexibilidade do pentecostalismo brasileiro, absorve práticas de diferentes denominações e as adapta às necessidades locais.

A Igreja Cristã Contemporânea (ICC), é considerada pela liderança, o espaço onde criou suas raízes espirituais, um processo que considera transformador: “Minha raiz foi criada e fortalecida na Igreja Contemporânea. [...] Eu já conhecia Jesus de ouvir falar, mas posição de me batizar eu sou batizado na Igreja Cristã Contemporânea. Sou um cristão enraizado na Igreja Contemporânea”. Ao longo de seus dez anos na igreja, vivenciou um crescimento gradual, em sua atuação ministerial, descreve esse percurso como algo natural e baseado em sua entrega ao trabalho espiritual: “Hoje sou diácono auxiliar com dez anos de igreja, mas nunca foi no sentido de galgar posições. Foi muito natural. Quanto mais eu me entrego, mais o Senhor me abençoa na coisa do ministério”.

O interlocutor descreve seu crescimento dentro da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), evidenciando o tempo de cada posição que ocupa na hierarquia da denominação. Como membro, foi o período de quatro anos, após esse período, assumiu a função de obreiro, posição que ocupou durante um ano e meio. Luís destaca que sempre esteve muito presente na igreja, em todos os cultos e atividades, com o passar do tempo e seu crescente envolvimento na denominação, foi promovido à posição de diácono, na qual permaneceu por três anos. Por fim, alcançou o cargo de diácono auxiliar, função que desempenha há três anos.

Após a conclusão do IDE, que geralmente dura de três a quatro meses, o indivíduo torna-se oficialmente membro da igreja e pode ser indicado para participar de um ministério. No caso do interlocutor, sua primeira experiência ministerial foi no Ministério de Recepção, logo após sua formatura como membro oficial da denominação: “Após a formatura teve o gabinete pastoral, e o pastor me indicou para o ministério de recepção. Nesse momento, comecei a servir como membro da igreja na recepção, tinha escala, uniforme, tudo direitinho”. Para ocorrer o crescimento ministerial, é necessário um convite pastoral, ressalta que a estrutura hierárquica da ICC inclui os cargos de membro, obreiro, diácono, diácono auxiliar, pastor e pastores presidentes. A liderança menciona que os cursos e discipulados têm o objetivo de unificar a identidade da igreja, consolidando uma base doutrinária própria e desvinculando-se das práticas de outras denominações das quais muitos membros são oriundos.

Segundo Luís, a ICC representa um espaço de transformação pessoal, aceitação, acolhimento e a possibilidade de viver sua orientação sexual e a espiritualidade de forma positiva: “Na Igreja Contemporânea, eu entendi que Jesus me aceitava do jeito que eu sou. Eu

não precisava usar máscara, não precisava fingir". Em relação a vida conjugal, narra que seu companheiro não é evangélico, e o fato de Luís, estar presente em todos os cultos e atividades, devido à sua dedicação à denominação, gerava ciúmes e inseguranças. Contudo, o tempo e as ações do interlocutor conseguiram mudar esse sentimento: "Muitas vezes tinha ciúme, ele dizia que eu só queria saber da igreja, que íamos nos separar. [...] Eu creio que hoje ele percebe Cristo na minha vida, nas minhas atitudes, na minha mudança de caráter, porque Cristo muda a gente, nos molda, a gente precisa ter o caráter de Cristo".

A partir dessa vivência, ele aconselha os jovens da denominação a buscarem parceiros dentro do ambiente cristão, enfatizando os perigos de um "jogo desigual" e as dificuldades de um relacionamento com alguém que não compartilha da mesma fé: "Eu não aconselho buscar fora do reino. [...] Muitos vão buscar fora, e, muitas vezes, você não está firmado na fé, pensando que vai buscar lá fora para trazer para dentro. Não. A gente acaba saindo, porque o amor pelo nosso companheiro, pela nossa companheira, fala muito mais alto do que o amor de Cristo". O diácono reconhece que pode ser desafiador encontrar alguém compatível dentro de uma única igreja local, mas aponta para a diversidade de comunidades da denominação como uma possibilidade de ampliar as conexões: "De repente, na sua igreja local não tem, mas na denominação você encontra. [...] Temos igrejas em Caxias, Campo Grande, Lapa, Niterói, São Paulo, Bahia e BH. Não é possível que em uma nação contemporânea a gente não encontre alguém, se estamos realmente buscando em Cristo". Cita também questões relacionadas ao contexto cultural e social dos relacionamentos homoafetivos fora do ambiente religioso, ressaltando que, no "mundo", práticas como o poliamor são mais comuns e podem ser um desafio para aqueles que buscam uma vida em Cristo: "Um relacionamento homoafetivo no mundo é muito complicado ainda, porque o mundo é do poli. Hoje o mundo é do poliamor: a gente pode namorar quantas pessoas quiser. [...] A monogamia para eles é careta. [...] Em Cristo, a gente consegue encontrar uma pessoa que sirva na mesma fé, que tenha o mesmo entendimento da palavra e que queira a mesma coisa" .

Para Luís, a ICC desempenha um papel importante na orientação e formação de relacionamentos saudáveis e centrados em princípios cristãos, como a preservação do corpo e o respeito mútuo. Ele reforça que a igreja não aceita a ideia de relacionamentos "descompromissados", mesmo entre pessoas homoafetivas, e promove valores que incentivam a castidade e o casamento: "Guarde o seu corpo, ele é templo de Cristo, é templo do Espírito Santo. Você precisa se guardar, você precisa se manter. [...] Em Cristo, a gente

consegue entender e buscar realmente o que ele quer: um relacionamento saudável, vivo, que ele reina, que ele cuida e preserva". A liderança conclui reforçando que a fé em Cristo é a base para um relacionamento bem-sucedido e que a ICC oferece um espaço de apoio, acolhimento e crescimento espiritual para que as pessoas vivam suas vidas em comunhão com Deus. Nota-se que a postura da denominação reflete entre o "acolhimento" e "normatividade", enquanto promovem aceitação, essa igreja frequentemente reafirma valores cristãos tidos como "tradicionais", como a monogamia e a castidade, oferecendo um modelo de vida em Cristo (NATIVIDADE, 2017).

Lucas, 48 anos, se autodeclara branco, atua profissionalmente como técnico de radiologia médica, é solteiro e define sua identidade de gênero e orientação sexual enquanto homem gay. Nasceu e cresceu no município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, onde vive até o momento atual, compartilhou sua experiência de vida e sua trajetória na Igreja Cristã Contemporânea (ICC), a partir da sua infância. Descreve a fase inicial da sua vida como alegre e divertida, marcada por brincadeiras com amigos, jogos e festas. As brincadeiras de rua, como pique-esconde, jogar bola, vôlei, queimada, bola de gude, carrinho de rolimã e as festas de quadrilha, eram atividades comuns e prazerosas, que ele relembra com saudade. Esse período era marcado por um senso de proximidade e interação física que, segundo ele, contrasta com a infância contemporânea, dominada por tecnologias digitais. Ao descrever a adolescência e a transição para a vida adulta, ele destaca os desafios dessa fase, mas também reconhece seu valor como um período de autodescoberta. "É uma fase turbulenta, porque a gente quer abraçar o mundo de uma vez só". Lucas, menciona como esse momento é marcado por muitas descobertas e desejos simultâneos, como estudar, trabalhar e namorar, o que, por vezes, gera frustração, mas também crescimento. "Ao mesmo tempo que é turbulento, é bom. É uma fase que você está se descobrindo".

No que diz respeito à sua relação com a religião, ele compartilha uma trajetória que transita por diferentes crenças: "Meus pais eram de centro de macumba, mas não era daqueles que eu não sei como dar um nome de um ou de outro. Sei que era daqueles que não faziam mal para ninguém". Essa visão está enraizada no processo de formação cultural brasileira, no qual a hegemonia cristã eurocêntrica construiu discursos que relegaram as religiões afro-brasileiras ao campo do exótico ou demonizado (BIRMAN, 1996). A fala de Lucas reflete uma tentativa de dissociar a prática religiosa de seus pais dessa "carga negativa", ao mesmo tempo em que revela uma internalização parcial dessa hierarquia simbólica, onde a

espiritualidade cristã ocupa um lugar de maior legitimidade social.

Durante a infância, ele também esteve ligado à Igreja Católica, onde foi batizado, fez a primeira comunhão e a crisma. Essa ligação com o catolicismo se manteve até os 20 anos. Sua transição para o universo evangélico foi gradual e influenciada por familiares, especialmente sua mãe e sua irmã, que começaram a frequentar igrejas protestantes. Contudo, ele não frequentava com regularidade: “E também porque, como eu falei, meus pais eram de negócio de centro, então a gente não tinha vivência em igreja. Antigamente, não tinha tanto isso de igreja evangélica. Então, depois que eu me tornei adulto, que fui vendo a parte evangélica, mas visitava raramente. Muito raro”.

Segundo Lucas, desde a infância, entendia sua orientação sexual e buscava esconder, com vergonha, com medo. A timidez e o receio o acompanharam durante a adolescência, uma fase que ele descreve como “turbulenta”, mas que também possibilitou descobertas importantes sobre si mesmo. Nesse período, ele namorou meninas, mas reconheceu que isso não correspondia ao que realmente sentia: “Eu namorava meninas, mas sempre tinha o outro lado que eu queria experimentar, saber como era”. Aos dezenove anos, decide parar de esconder sua orientação sexual: “Foi quando eu falei: não vou mais ficar com meninas, porque não é isso que eu quero. Não quero me machucar e machucar as pessoas”.

Essa decisão marcou o início de um processo de aceitação pessoal e também de enfrentamento das possíveis reações de sua família. Conta um episódio marcante que ocorreu quando sua irmã descobriu, por meio de uma ligação telefônica, que ele estava em um relacionamento homossexual: “Tinha um telefone de extensão lá em casa, e ela pegou uma ligação minha com meu primeiro namorado”. Esse episódio desencadeou uma reunião familiar, na qual ele foi confrontado com a situação. Apesar do choque inicial, os familiares agiram de forma positiva, o que foi importante para sua aceitação. O interlocutor, recorda com emoção as palavras de seu irmão mais velho: “Ele disse: ‘Por ele ser gay, ele vai deixar de ser meu irmão? Não, ele vai continuar sendo meu irmão e meu afilhado’”.

A reação positiva de seu irmão e o apoio de seus pais foram fundamentais para que ele se sentisse confortável em sua identidade. “Meu pai e minha mãe também ficaram do meu lado”. No entanto, ele menciona sua preferência por manter a discrição em relação à sua vida pessoal, sobretudo a orientação sexual: “Eu sou o tipo de homem que sou reservado. Não

gosto daquelas coisas às claras, falando pra todo mundo o que eu sou, o que faço". Ao falar sobre sua orientação sexual, cita dois relacionamentos longos e a maneira como lida com essas relações, sendo o primeiro de seis anos e o segundo de nove anos. Ambos os relacionamentos ocorreram de forma independente, sem que os casais compartilhassem a mesma residência. "A pessoa na casa dele e eu na minha, não morávamos juntos".

A descoberta da Igreja Cristã Contemporânea (ICC) ocorreu há aproximadamente nove anos, quando foi convidado por um amigo. Ainda que sua presença inicial fosse esporádica, com o tempo passou a frequentar mais regularmente os cultos. Ele lembra que, no início, tinha uma postura reservada, preferindo permanecer nos últimos bancos. "Eu sempre ia e ficava no cantinho, sempre nos últimos bancos, eu não gosto muito de ficar lá na frente". Sua intenção, nessa fase, era simplesmente ouvir a palavra e refletir: "Eu vou porque eu gosto de ir. Gosto de ouvir a palavra". Apesar de sua hesitação inicial em participar com mais frequência, sua relação com a ICC foi se fortalecendo ao longo do tempo. Inicialmente só ia aos cultos e atividades da denominação acompanhado dos amigos, ao longo do tempo passou a frequentar sozinho, depois que seus amigos pararam de ir, "Aí eu continuei, tô até hoje. Eu gosto. Gosto de ir sempre assim. Eu tô lá. Tanto é que agora eu faço parte da house music. Já fiz o IDE, me batizei e a fé só aumentando". Lucas, explica que foi frequentando aos poucos para conhecer, para se sentir à vontade no local.

O interlocutor fala um pouco sobre seu crescimento ministerial na denominação: "Comecei a fazer o IDE, lá para aprender um pouco mais da igreja." Após uma pausa, ele retornou ao curso e, ao concluí-lo, sentiu-se motivado a dar mais um passo significativo, o batismo. Ele destaca que tanto a decisão de retomar o IDE quanto a de se batizar vieram de uma sensação de "tempo de Deus". "Tudo foi no tempo de Deus. Me deu vontade, então pensei: é a hora". Após seu batismo, foi convidado pela pastora Maria a participar de um ministério na igreja, mas, devido à sua timidez, optou por assumir um papel nos bastidores, integrando a "house music", responsável pelo som, iluminação e projeções durante os cultos, "pra mim, tá ótimo aqui atrás. Lá eu fico como se fosse meu mundo. Eu gosto".

Atualmente, Lucas ocupa o cargo de obreiro, uma posição que, segundo ele, representa um compromisso maior com a "obra" de Deus e o cuidado com a comunidade da igreja. "Foi uma surpresa para mim por terem me chamado para ser obreiro. O obreiro sempre auxilia as coisas, ajuda na obra, na igreja, e cuida da casa de Deus". Ele ainda está em

processo de aprendizado sobre as responsabilidades desta função, durante o período na igreja, pude acompanhar a passagem do Lucas, de membro ao cargo de obreiro, sendo apresentado à igreja, em um culto de domingo. Destaca sua participação na house music como uma forma de exercer seu ministério de maneira alinhada à sua personalidade tímida. “Na house, eu fico no meu mundo. Lá eu levanto, louvo, agradeço e choro disfarçadamente”.

O significado da ICC para o interlocutor vai além de um espaço de culto, descreve a igreja como um lugar que trouxe direção, propósito e paz para sua rotina. “Fazer parte da igreja é um sentimento de gratidão, de acolhimento, de paz. Sei que, se eu não estivesse lá, estaria perdido, com um vazio”. Ele enfatiza que a igreja é um ambiente onde todos os membros se apoiam mutuamente “costumo falar, que lá é como se fosse uma família, cada um ajuda o outro”, especialmente em momentos de necessidade. Destaca um episódio em que sofreu um acidente doméstico e ficou impossibilitado de frequentar os cultos por algumas semanas. Nesse período, recebeu o cuidado e o suporte dos líderes e membros da igreja. “A pastora perguntou: ‘Você está precisando de alguma coisa? Quer que a gente vá à sua casa? Está precisando de remédio, comida, ou de alguém para limpar sua casa?’”. Lucas, explica que esse apoio foi fundamental em sua trajetória, fazendo com que se sentisse parte da igreja. Ele valoriza especialmente a possibilidade de compartilhar suas preocupações com os líderes e receber orientações que o ajudam em momentos de dúvida ou dificuldade. “Eles sempre me acolhem de uma forma muito especial. Quando eu preciso conversar, eles me dão a palavra certa, na hora que a gente precisa”.

O acolhimento também é citado como um dos sentimento relacionado a ICC, Lucas compara essa experiência com a de outras igrejas que frequentou anteriormente, onde frequentemente sentia olhares de julgamento e reprovação. “Em outras igrejas, você sabe que tem uma pessoa que está olhando de rabo de olho. Já ali, não. Ali todos que estão ali já sabem da sua orientação sexual, porque eles também têm a mesma orientação. Então, você já se sente mais acolhido, porque quem somos nós para julgar alguém?. Só Deus pode”. Esse acolhimento foi fundamental para que ele pudesse vivenciar sua espiritualidade sem medo ou vergonha, encontrando na ICC um espaço onde sua fé e sua identidade sexual não eram conflitantes.

Carla, 52 anos, gênero feminino, se autodeclara negra, casada, atua profissionalmente como funcionária pública e está no final do curso de graduação em odontologia. Nasceu no

bairro de São João de Meriti, localizado na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, mas atualmente mora no bairro de Campo Grande, Zona Oeste. Carla inicia seu relato descrevendo a infância, marcada por dificuldades financeiras e conflitos no relacionamento entre seus pais. “Minha infância, até os nove anos de idade, foi com a presença do meu pai. Minha família era redondinha: minha mãe, meu pai, meu irmão e eu”. Apesar do ambiente familiar carinhoso, os desentendimentos entre os pais eram constantes, algo que Carla atribui ao temperamento explosivo de sua mãe: “Minha mãe sempre foi muito brigona, enquanto meu pai era calmo. Acho que eles brigavam muito por conta do gênio dela”. Após a morte de seu pai, aos nove anos de idade, ocorreram mudanças na dinâmica familiar : “Ficamos em três: eu, minha mãe e meu irmão”. Anos mais tarde, sua mãe iniciou em um novo relacionamento, e Carla ganhou uma irmã mais nova, fruto dessa união. Embora o padrasto não morasse com eles, a família voltou a ser composta por quatro pessoas, reforçando os laços afetivos em meio às dificuldades financeiras. Afirma, que começou a trabalhar cedo, pois precisava ajudar sua mãe.

No que se refere à religião, a liderança cresceu em um ambiente diverso. Sua mãe era católica, mas também frequentava “cultos”[45] de matriz africana, “ela me levava para esses lugares”. Devido a influência de sua mãe, Carla seguiu rituais da Igreja Católica, como o catecismo, a primeira comunhão e a crisma, permaneceu neste segmento religioso até sua adolescência. Foi apenas na juventude, aos 19 anos, que teve seu primeiro contato com a igreja evangélica, influenciada por sua tia materna. Sua tia, única pessoa evangélica da família: “A família dessa minha tia é a única que é evangélica. O restante todos são de matriz africana, de religião nenhuma ou católico. Minha avó era rezadeira”. Ao se referir a sua fé enquanto evangélica, Carla diz que sua mãe nunca aceitou sua fé.

A conversão religiosa de sua tia, teve um papel fundamental na trajetória religiosa da interlocutora. A tia de Carla casou-se com um homem de religião de matriz africana e, por influência da família do marido, mergulhou nesse universo religioso. No entanto, a cunhada da sua tia se converteu ao cristianismo e passou a evangelizar a família. A tia de Carla, inicialmente resistente, acabou se convertendo e abandonando todas as práticas e crenças da religião de matriz africana. A liderança conta sobre o impacto dessa conversão: “Jesus fez assim maravilhas na vida dela. Sabe coisas extraordinárias. E a partir desse momento que ela

[45] O termo “culto” para se referir a religião de matriz africana foi utilizado pela entrevistada.

começou a ter uma nova história de vida". A tia de Carla, então convertida, passou a evangelizar seus familiares, incluindo a própria Carla, que no início se recusava a ir à igreja, mas a persistência da tia a levou a "conhecer Jesus" e ter uma experiência de conversão.

Posteriormente, a tia passou a evangelizar outros membros da família, incluindo a própria Carla. Contudo, a conversão da interlocutora foi marcada por resistência inicial. Ela relatou: "Não foi nem tão fácil. A minha tia me convidava para ir à igreja e eu dizia para ela que não ia, que não ia, que não ia". Apesar da resistência, a insistência da tia levou a interlocutora a aceitar o convite após alguns anos: "Ela queria que eu conhecesse a igreja. Eu falei com ela que eu ia para conhecer porque eu não acreditava em nada. Eu era atéia, não acreditava em nada".

Carla narra um episódio marcante para sua conversão. Durante sua juventude, enfrentou uma inflamação nas articulações, doença conhecida como artrite reumatoide: "Fiquei muito doente. Eu tive artrite reumatoide. As minhas articulações todas ficaram em garra. Os dedos, da mão e do pé, ficaram em garra. As articulações dos braços não se movimentavam. Fiquei assim, em garra mesmo. As pernas também". Essa situação levou a liderança a uma dependência total de sua mãe e irmão para realizar atividades básicas, ficando de cama o dia todo: "Meu irmão que me levava ao banheiro para eu tomar banho, para fazer todas as necessidades. Ele tinha que me levar e me trazer no colo porque eu não andava". Além da limitação física, a doença era acompanhada de febres diárias e intensas, o que levou sua mãe a buscar ajuda médica constante, embora sem resultados eficazes, pois as medicações não melhoraram o estado de saúde de Carla.

Nesse período, Carla percebeu a presença de seus vizinhos, que eram evangélicos e frequentemente tocava louvores em alto volume: "Tinha uns vizinhos nossos que eram da Assembleia de Deus, e todo dia eles colocavam muitos louvores para tocar. Colocavam num volume que dava para a gente ouvir de casa. Aqueles louvores entravam na minha casa". Descreve o ambiente em que vivia como "cercado de Deus", pois morava entre duas famílias evangélicas. Em um momento de intensa febre, Carla teve uma experiência espiritual que descreve como um chamado direto do Espírito Santo: "Eu queimando de febre, deitada assim na cama, o Espírito Santo chegou para mim. Eu não tinha noção do que era. Ele falou assim: 'Olha, você tem que ir para uma igreja aceitar Jesus.' Só isso que ele falou".

A interlocutora afirma, que mesmo sem conhecer a doutrina evangélica, sabia que só poderia "aceitar Jesus" na igreja evangélica, pois esse ritual não é realizado na Igreja Católica. Esse chamado gerou uma reação inesperada, considerando sua condição física debilitada: "Eu dei um salto da cama. Eu estava entrevada, não andava, não fazia nada sozinha, cheia de febre. Quando o Espírito Santo falou isso pra mim no ouvido, eu dei um salto. Falei: 'Mãe, a gente tem que ir para uma igreja aceitar Jesus agora'". A princípio, sua mãe não compreendeu o que estava acontecendo: "ela falou para mim: 'Mas menina, tá maluca? Tá cheia de febre. Vai deitar'". No dia seguinte, um domingo, Carla decide se arrumar e ir a uma igreja evangélica mais próxima de sua casa: "Eu saí, me arrumei. Eu não estava andando. Botei uma calça jeans e uma blusa. Minha mãe e meu irmão não entenderam por que eu estava de pé. Falei: 'Mãe, eu tenho que ir numa igreja aceitar Jesus. Eu vou agora'". Carla foi até uma igreja Assembleia de Deus próxima de sua casa, determinada a cumprir o chamado que havia recebido.

A interlocutora vai até a Assembleia de Deus e fica esperando o momento do "apelo", para "aceitar Jesus": "Quando ele fez, eu falei: 'Quero aceitar Jesus. Eu vim aqui para isso'". Carla descreve que, naquele momento, não compreendia plenamente a doutrina ou a estrutura do culto, mas sentia a necessidade urgente de obedecer à ordem espiritual recebida, "só sei que eu fui lá aceitar Jesus". Após essa primeira experiência, ela começou a frequentar diferentes igrejas semanalmente, repetindo o gesto de "aceitação", pois para ela era uma ordem do Espírito Santo. Eventualmente, Carla era convidada pela tia para visitar sua igreja, onde acabou se estabelecendo: "Falei: 'Bom, se eu estou aceitando Jesus toda semana, vou lá também.' Gostei da igreja, do formato do culto, do pastor. E fui ficando. Voltava, aceitava Jesus de novo". Com o tempo, compreendeu que já havia consolidado sua decisão e passou a se dedicar à nova vida religiosa, "e lá fiquei, dez anos da minha vida, servindo a Deus diariamente, incansavelmente". Esse período de dedicação foi marcado por uma vida ativa na igreja até que questões profissionais a afastaram temporariamente: "Me formei no segundo grau, arrumei um emprego e não tinha mais tempo para ir à igreja. Foi o período que me afastei. Fiquei um tempo afastada, acho que cinco anos".

A pastora Carla compartilha sua trajetória religiosa, narrando como vivenciou sua transição da Igreja Universal do Reino de Deus para a Igreja Cristã Contemporânea, além de aspectos marcantes de sua trajetória de vida pessoal e espiritual. Menciona o apoio significativo que recebeu de amigos da Igreja Universal do Reino Deus durante o período de

afastamento religioso: “E os meus amigos da Igreja Universal, que me deram muita força, eles iam à minha casa me buscar e me levavam, pediam minha mãe para eu ir para a igreja. Minha mãe não deixava. E eles me ajudaram muito, muito, são pessoas queridas até hoje na minha vida”. Foi durante este período de afastamento que Carla conheceu sua esposa, a pastora Marta, com quem está casada há 22 anos. A sexualidade veio como um processo transformador: “Era hétero até então, não sabia que eu era homoafetiva, não. Eu fui descobrir que era homoafetiva com a pastora Marta até então. Eu namorei meninos e sinceramente, nunca me interessei muito por eles. Namorava assim porque era o normal da vida, né? O normal era namorar e casar, então eu fazia o que era o normal de todo mundo”.

A liderança revela que sua formação na Igreja Universal do Reino de Deus, com uma estrutura conservadora similar à Assembleia de Deus, dificultava a aceitação de sentimentos homoafetivos. Entretanto, o contato inicial com Marta surgiu de uma amizade, construída durante o curso pré-vestibular para negros e pessoas em vulnerabilidade sócio-econômica, organizado por um padre em São João de Mereti. “Deus juntou a gente e esse grupo de dez amigos são amigos até hoje. Para você ver que era um laço mesmo feito por Deus”. A relação entre Carla e Marta evoluiu, e ela relata o processo com uma reflexão: “Eu entendi o seguinte, e entendo isso até os dias de hoje. Que quando Deus une pessoas, Ele une propósitos. Pode ser homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher. Ele vai unir pessoas, porque Deus não está ligado na sexualidade. Esse preconceito quem coloca são os seres humanos”. Carla trata a questão da condenação à homossexualidade destacando o papel das interpretações humanas e culturais sobre a Bíblia. “Quando alguém vem e diz que a homossexualidade é pecado, ela está falando segundo a vivência dela, segundo o pensamento dela, segundo aquilo que ela foi criada dentro daquele corpo, daquele preceito, daquela forma de ver. E isso não é diferente dos pastores”.

Carla reforça que a formação de qualquer visão de mundo é inevitavelmente influenciada por vivências pessoais e contextos culturais. Para ela, até mesmo as leis e normas refletem os valores e crenças de quem as formula. “É impossível você escrever, fazer uma lei, sem que tenha a sua forma de pensar, a tua forma de ver a situação”. Argumenta que esse mesmo processo ocorre com os líderes religiosos, cujas interpretações do texto bíblico são moldadas pelas suas próprias histórias e crenças: “Os pastores estão hoje replicando, só repetindo algo que eles ouviram na infância deles. Sempre foi assim”. Ao se referir a Bíblia e a Palavra, a interlocutora afirma a visão de mundo da ICC: “A Bíblia não nos condena. Quem

nos condena são os homens. Deus une propósitos e pessoas, independentemente de gênero ou sexualidade. O preconceito é obra humana, não divina".

Ao tratar da trajetória religiosa na ICC, Carla explica que após conhecer Marta, que nasceu em uma família evangélica, ambas estavam afastadas da igreja. Neste período começaram a visitar algumas igrejas, cita a Nova Vida, Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus e Batista. "A gente foi em várias igrejas, mas nenhuma nos aceitava como éramos", sendo assim, tomaram a decisão de permanecer em nenhuma denominação religiosa para evitar situações de constrangimento. "Nós decidimos assim, e assim fazíamos aos domingos: elegíamos uma igreja para ir. Assim nós vamos aqui, nessa, naquela".

A descoberta da Igreja Cristã Contemporânea (ICC) por Carla, se deu através de um jornal distribuído em uma festa: "Eu vi a igreja, porque já tinha lido sobre ela em um jornal. A Igreja evangelizava através de um jornalzinho que era distribuído em boates, esses lugares assim. Hoje em dia não faz mais." A pastora conta que levou um ano para visitar a igreja após encontrar o jornal novamente. "Ninguém me evangelizou porque eu conheci sozinha mesmo". O primeiro culto na ICC, foi em um domingo de Santa Ceia, o primeiro domingo do mês de março, descreve a igreja extremamente lotada, destaca alguns aspectos desse primeiro contato com a denominação: A igreja estava extremamente lotada, cheia mesmo, mas tinha poucas mulheres. Eram seis mulheres e o restante, homens. Foi um culto muito bom, libertador para nós. Porque até então conhecíamos um evangelho de acusação, e a partir daquele dia conhecemos um evangelho que se estende a todos, um evangelho de amor mesmo. Foi muito lindo". A partir desse dia, no ano de 2007, Carla e Marta começaram a frequentar a ICC, se tornaram membros e, atualmente, exercem o cargo de pastoras responsáveis pela Igreja Cristã Contemporânea do município de Nova Iguaçu: "A partir desse dia, eu comecei a frequentar e não deixei mais de ir. Isso já tem 17 anos." A liderança destaca que no início da denominação, a maior parte da membresia e lideranças eram masculinas, mas atualmente é "metade, metade", em algumas unidades da denominação tem mais mulheres que homens.

A expansão da ICC foi motivada pela crescente demanda de fiéis, sobretudo de algumas localidades específicas do Rio de Janeiro, como a Baixada Fluminense. Inicialmente, a denominação contava apenas com a unidade localizada na Lapa, no centro do Rio de Janeiro. "A Igreja da Lapa estava muito abarrotada, muito cheia mesmo. Os cultos ficavam

com pessoas em pé, porque a igreja não é muito grande. E a maioria das pessoas morava em Nova Iguaçu. Então, foi decidido abrir uma filial lá.”. Essa realidade impulsionou a abertura de duas novas unidades em 2009, uma em Nova Iguaçu e outra em Campo Grande. A escolha desses locais foi estratégica, considerando a concentração de membros provenientes dessas regiões.

Conforme relata Natividade (2016), a unidade de Nova Iguaçu foi pensada como uma resposta às necessidades específicas da população LGBT local, especialmente homens gays, mulheres lésbicas e pessoas transgêneros. Segundo Natividade (2016), para a expansão da ICC, a igreja utilizou estratégias, como a fixação de 30 outdoors com mensagens provocativas, como a frase: “Homossexualidade: a Bíblia não condena” (NATIVIDADE, 2016, p.48). Essa visibilidade gerou ampla repercussão na esfera pública, atraindo novos fiéis, mas também enfrentando resistências. Segundo o antropólogo, e-mails enviados à liderança da igreja refletiam preconceitos e estigmas.

Residindo em Campo Grande, Carla foi enviada para ajudar na fundação da igreja local. Relembra: “O pastor Marcos reuniu um grupo de pessoas que moravam na Zona Oeste, que moravam em Campo Grande por ali, Santa Cruz, e pediu que a gente fosse pra lá pra ajudar a abrir a igreja. Então, ainda fazendo IDE, fui pra lá, pra igreja de Campo Grande, e lá toda minha história tá lá, né? De evangelismo, de fazer o IDE, de entrar para ajudar nos ministérios e ajudar a fazer a obra”. Ao falar da trajetória na ICC como liderança, Carla descreve o sistema de rodízio pastoral da denominação, que reflete a flexibilidade dos líderes em atender às demandas da igreja: “Porque quando a gente é pastor, a gente vai pra onde tá precisando, né? E a gente era da igreja... Eu e a pastora Marta éramos da igreja de Madureira, nós já tínhamos passado pela Igreja de Niterói e aí a gente foi para a Igreja da Lapa como pastoras e depois a gente foi pra Madureira e agora a gente tá lá na Igreja de Nova Iguaçu. Já tem seis anos”.

Sobre a unidade de Nova Iguaçu, a liderança descreveu a dinâmica de participação dos membros: “Temos cerca de 120 membros na igreja, mas nunca conseguimos reunir todos ao mesmo tempo por conta da rotatividade. Algumas pessoas moram longe, outras trabalham por escala. Seria muito bom se tivéssemos culto todos os dias para abranger a todos, mas falta pessoal para trabalhar na obra”. A hierarquia da ICC também foi abordada, sendo vista como fundamental para a organização e cuidado espiritual. “Nos organizamos com símbolos para

entender a hierarquia das coisas. Isso é muito importante, você saber a quem se reportar e quem te direciona. A Bíblia intitula pastores, mestres, diáconos e obreiros para que haja organização na igreja. Mas isso não é sobre títulos, é sobre cuidar de vidas". Continua a explicação sobre a igreja afirmando que, embora a Igreja Cristã Contemporânea se identifique como pentecostal, há espaço para que cada pastor imprima seu estilo pessoal na condução dos cultos. "A Igreja Cristã Contemporânea é pentecostal. [...] Mas nem todos os pastores pregam da mesma forma. Cada um tem o seu jeito. [...] A liturgia da igreja começa com o louvor, palavra, depois vem o louvor, o ofertório e o final do culto."

Segundo Carla, cada etapa ministerial foi uma preparação para assumir maiores responsabilidades, sempre com o foco em servir. Sua trajetória ministerial foi marcada pela participação ativa em projetos como o programa IDE e pelo envolvimento na abertura da igreja de Campo Grande. "Foi um processo muito gostoso, muito tranquilo, porque fazer a obra de Deus é muito bom, independente de título. O que traz salvação é sua vida com Deus". Carla também destaca as características únicas de cada unidade da Igreja Cristã Contemporânea, algo que ela atribui à providência divina: "A Igreja de Nova Iguaçu tem muitos casais. Muitos casais mesmo. [...] A Igreja de Campo Grande tem muitos trans, muitos, a maioria é trans. [...] A igreja de Madureira[46] tem muita criança[47], é uma criançada danada. [...] Eu acho que cada igreja tem uma característica assim, mas que eu acho que é dada por Deus mesmo, a gente não controla isso". Por fim, Carla descreve o significado da ICC: "Para mim, a Igreja Cristã Contemporânea é união, é unidade, é a demonstração do amor de Deus para toda criatura, sem condenação, sem acepção de pessoas. [...] Ali, na Igreja Cristã Contemporânea, a gente pode ser livre. A gente pode adorar o Senhor sem ninguém apontar o dedo, sem ninguém ficar fazendo um trabalho de libertação, porque não há o que libertar, né? Nós temos essa constituição. Nós fomos constituídos assim".

Natividade (2017), introduz o conceito de "pedagogia da aceitação", como processo central para a ressignificação das identidades de pessoas LGBT no campo religioso. Esse conceito refere-se a um aprendizado social que possibilita aos indivíduos não apenas viverem sua sexualidade de forma reconciliada com a fé cristã, mas também construírem uma percepção positiva de si mesmos e da sua espiritualidade. Essa "pedagogia" atua de maneira

[46] A unidade da ICC Madureira é considerada a sede, pois os fundadores e pastores presidentes Marcos Gladstone e Fábio Inácio se localizam nessa unidade.
[47] As crianças em sua maioria são filhos e filhas de membros e lideranças da igreja.

relacional, conectando práticas religiosas, discursos de acolhimento e processos subjetivos de transformação. É, essencialmente, uma reconfiguração da espiritualidade, onde o indivíduo transita de uma "identidade deteriorada", marcada pela culpa e rejeição em contextos religiosos conservadores, para uma visão de si como "criatura transformada", amada e "aceita" por Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo focalizou na Igreja Cristã Contemporânea, investigando a partir dos membros e lideranças como a instituição entende suas práticas, o formato do culto, o perfil dos adeptos, que no período de oito meses pude notar a presença de indivíduos de na faixa etária de vinte e cinco a setenta anos, neste recorte temporal é possível afirmar que todas as lideranças (pastores, pastoras, diáconos, diaconisas, diáconos auxiliares, diáconisas auxiliares, obreiros e obreiras) da unidade de Nova Iguaçu se declaram homens gays e mulheres lésbicas, ambos cisgênero. Foram investigadas, entre os objetivos, as motivações que levaram os indivíduos a denominação, a forma de participação desses fiéis, como a ICC entende as questões de sexualidade e gênero e questionando o significado do termo "inclusão". Por um lado, a denominação rejeita a redução de sua identidade à sexualidade de seus membros, insistindo em sua natureza "cristã contemporânea" acima de qualquer outra característica. Por outro, sua visibilidade e atração depende justamente do fato de ser um espaço onde pessoas LGBTQIA+ podem viver sua fé sem esconder sua orientação sexual ou identidade de gênero. Essa tensão fica clara na fala da pastora Carla, que, ao mesmo tempo que afirma que "Deus une propósitos e pessoas, independentemente de gênero ou sexualidade", evita definir a ICC como uma "igreja gay", preferindo enfatizar sua missão evangelizadora universal. A "igreja inclusiva" inclui, mas sob determinadas condições - e é justamente essa normatividade que permite à ICC afirmar-se como legítima herdeira da tradição pentecostal, ainda que com uma interpretação distinta sobre sexualidade. Essa distinção junto às falas dos interlocutores nota-se um esforço da denominação religiosa em se afirmar como uma igreja "normal" dentro do mundo pentecostal, que não se define exclusivamente pela sexualidade de membros e lideranças.

Percebe-se elementos da Teologia da Prosperidade, tradicionalmente associada ao neopentecostalismo. Embora a ICC se identifique como pentecostal, suas dinâmicas organizacionais, discursos e rituais revelam uma hibridização teológica e prática que a aproxima significativamente do modelo neopentecostal. A autodenominação pentecostal da ICC sustenta-se em uma liturgia que privilegia a experiência direta com o Espírito Santo, a destaque em dons espirituais e a busca pela "santificação". As músicas, nomeadas como louvor, assumem um papel central, funcionando como canal para a interação divina e uma expressão da entrega e transformação espiritual, essas práticas se entrelaçam com

performances corporais. Nota-se que a ICC estabelece um discurso da “inclusão” e da “normatividade”, refletindo tensões internas. Enquanto divulga um ethos de “aceitação”, a igreja estabelece códigos de condutas relacionados à vida sexual e conjugal, como a valorização da monogamia, a relação sexual após o casamento e o incentivo de relações afetivas entre membros da igreja. Essas normas, entre outras citadas ao longo do trabalho, como o batismo por imersão, visam construir um modelo de “santidade”. O termo “inclusão” une aspectos teológicos, culturais e sociais, criando um espaço em que a fé, a orientação sexual e/ou identidade de gênero coexistem harmoniosamente.

No entanto, sua estrutura organizacional, utiliza de campanhas financeiras, a centralidade das redes sociais como instrumento de alcance proselitista e a promessa de prosperidade material a partir do engajamento religioso, demonstram uma transição que incorpora elementos tipicamente neopentecostais. Essa mescla de tradições não é apenas um reflexo de mudanças internas no campo religioso, mas também uma estratégia deliberada para se posicionar em um espaço de fronteira entre tradição e inovação.

A análise da campanha “Portas Abertas” exemplifica essa dualidade. Embora carregue elementos simbólicos clássicos do pentecostalismo — como a crença na intercessão divina para abrir caminhos —, a performance ritualística e a integração de dispositivos materiais (como a encenação da abertura de portas e o uso de objetos pessoais no altar) dialogam com a lógica de consumo e personalização que caracteriza o neopentecostalismo. Além disso, a retórica pastoral, ao associar a semeadura financeira ao recebimento de bênçãos tangíveis, desloca o foco da ascese para uma relação utilitária com o sagrado. Outro elemento presente no culto é a dramatização da batalha espiritual, marcada por orações fervorosas, e a dualidade do bem e do mal.

A ICC utiliza expressões que fazem parte da construção de uma identidade coletiva na dinâmica dos rituais e interações sociais entre membros e lideranças. As expressões, como “A paz do Senhor”, “aleluia” e “glória a Deus”, não apenas refletem práticas comuns no universo evangélico mais amplo, mas também assumem significados às experiências dos adeptos à denominação. “A paz do Senhor” é utilizada como uma saudação entre membros, outras expressões como “aleluia” e “glória a Deus” emergem nos momentos de louvor e adoração como manifestações de emoção e conexão com o divino. Essas palavras não são meras exaltações verbais, mas marcam um momento de intensa participação emocional dos fiéis.

Devido o distanciamento da pesquisadora do universo evangélico, tais expressões despertaram interesse do sentido associado e o uso constante.

As histórias de vida apresentadas nesta pesquisa revelam dimensões fundamentais da experiência religiosa na ICC, destacando a centralidade da subjetividade na construção de sentido e identidade. Os interlocutores, em suas narrativas, não apenas descrevem suas trajetórias pessoais, mas também reafirmam a relevância da ICC como um espaço de "aceitação" e "transformação" diante de contextos marcados por rejeição e exclusão social, nota-se que o termo "aceitação" aparece constantemente na narrativa dos interlocutores ao se referir a ICC, assim como o termo "normal" para se referir a denominação, como um espaço que se assemelha a igreja tidas como tradicionais, em maioria frequentadas pelos interlocutores na sua infância e adolescência . A Igreja Cristã Contemporânea não tem como prática a valorização do ativismo ou a militância, mas sim a criação de um ambiente religioso para pessoas LGBTQIA+ que buscam viver sua fé seguindo a doutrina da denominação. Assim, a Igreja Cristã Contemporânea se posiciona como um espaço de reconciliação entre identidade e espiritualidade, sem abandonar os pilares teológicos que a sustentam.

É importante destacar que os cultos e as atividades observados se delimitam ao recorte temporal de oito meses. Com base nas conversas informais e nas narrativas dos entrevistados, percebe-se que as demais unidades da Igreja Cristã Contemporânea, localizadas no estado do Rio de Janeiro, apresentam outros elementos, como o perfil da membresia e das lideranças, as atividades realizadas e as subjetividades territoriais, que são relevantes para investigações futuras, visando compreender as especificidades de cada unidade dessa denominação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Pedro Costa. ***"VIBRANTE, INCLUSIVA E PROGRESSISTA" : DINÂMICAS RELIGIOSAS, SEXUAIS E POLÍTICAS NA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO (ICM-RIO)*** - Campos dos Goytacazes, RJ, 2021.

BECKER, Howard S. ***Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.*** São Paulo: Hucitec, 1993.

BOURDIEU, Pierre. ***A Dominação Masculina***. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. ***Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade***. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DANTAS, B. S. do A. ***Sexualidade, cristianismo e poder. Estudos e Pesquisas em Psicologia***, UERJ, RJ, ano 10, n. 3, p. 700-728, 3° quadrimestre de 2010.

DE PAULA, Robson et al. ***Dançando para evangelizar as massas: novas práticas proselitistas e novos sentidos simbólicos do sagrado em uma igreja evangélica de Nova Iguaçu***. Pesquisa A festa é do Senhor, Programa de Iniciação Científica, UNIG, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GIUMBELLI, Emerson A. ***As concepções cristã e moderna da pessoa: paradoxos de uma continuidade.*** *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 77-111, 1993.

DUBET, François. ***Sociologia da Experiência***. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DULLO, Eduardo. ***Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade***. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 105-129, 2011.

CUNHA, Ana Victoria Pelliccione da; CIOTOLA, Marcelo. ***Análise crítica do Projeto de Decreto Legislativo 234, de 2011***. Departamento de Direito. Pontifícia Universidade Católica – RIO, 2013.

ELIADE, Mircea. ***O Sagrado e o Profano***. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACHINI, Regina. ***Sopa de letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90***. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FEITOSA, Alexandre. ***Bíblia e Homossexualidade: verdades e mitos***. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.

FERREIRA, Miriam Laboissiere de Carvalho; ***Homossexualidade e a Igreja inclusiva no Estado de Goiás [manuscrito] : igreja caminho da inclusão – um estudo de caso*** / Miriam Laboissiere de Carvalho Ferreira.-- 2016.

FOUCAULT, Michel. ***A verdade e as formas jurídicas***. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2003.

FOUCAULT, Michel. ***História da sexualidade I: a vontade de saber***. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. ***Vigiar e punir: nascimento da prisão***; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p

FRESTON, Paul**.** ***Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment.*** Campinas: Editora Unicamp, 1993.

FURTADO, M. C. S. ***Papa Francisco e as pessoas LGBTQI+: mudanças e perspectivas.*** Horizonte, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 675-702, maio/ago. 2021.
Sources and related content

GEERTZ, Clifford. ***A Interpretação das Culturas.*** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRIECO-MATTHEWS, Sara F., ***Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime.*** In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. História do Corpo: da Renascença às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2008

GIUMBELLI, Emerson. ***Ensino Religioso em Escolas Públicas no Brasil: notas de pesquisa***. Debates do NER, v. 1, n. 14, p. 50-68, 2009.

GREEN, J. N. ***Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.*** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GOELLNER, S. V. ***A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.*** Cadernos de Formação RBCE, 71-83, 2010.

GOFFMAN, Erving. ***Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.*** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1988. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes.

HOBSBAWM, Eric J. ***Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991***. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HUMPHREYS, Laud. ***Out of the closets: the sociology of homosexual liberation***. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1972.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ***Censo Demográfico 2010***. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JORDAN, Mark D. ***The Invention of Sodomy in Christian Theology***. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas; ZUCCO, Luciana Patrícia; SIMÕES NETO, José Pedro. ***Homossexualidade e Igrejas Cristãs no Rio de Janeiro***. *Rever – Revista de Estudos da Religião* , São Paulo, v. 1, pág. 76-97, jan./jun. 2011.

MACHADO, M. D. C. ***Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS: notas de uma pesquisa***. Cadernos Pagu, (11), 275-301, 1996.

MAFRA, Clara. ***Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais***. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MAFRA, Clara Cristina Jost. ***Religiosidades em trânsito: O caso da Igreja universal do reino de Deus no Brasil e em Portugal.*** *Lusotopie*, n° 6, pp. 369-383, 1999.

MAFRA, Clara. ***Relatos Compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses.*** Mana (UFRJ. Impresso), v. 6, n.1, p. 57-86, 2000

MAFRA, Clara. ***O percurso de vida que faz o gênero: reflexões antropológicas a partir de etnografias desenvolvidas com pentecostais no Brasil e em Moçambique***. Religião e Sociedade, v.

32, n. 2, p. 124-148, 2012.

MARIANO, Ricardo. ***Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010***. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARIANO, Ricardo. ***Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.*** São Paulo: Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. ***Os neopentecostais e a teologia da prosperidade***. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 44, p. 24-44, mar. 1996.

MARIZ, Cecília Loreto. ***A Teologia da Batalha Espiritual: Uma Revisão da Bibliografia***. *Revista BIB*, Rio de Janeiro, n. 47, 1º semestre de 1999, p. 33-48.

MESQUITA, Wânia Amélia Belchior. ***Correndo atrás da prosperidade: trabalho e empreendedorismo entre fiéis neopentecostais***. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 9, n. 9, p. 195-215, setembro de 2007.

MESQUITA, Wânia Amélia Belchior. ***Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais***. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 117-144, jul./dez. 2007.

MESQUITA, DT; PERUCCHI, J. ***Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade***. Psicologia & Sociedade , Belo Horizonte, v. 1, pág. 105-114, 2016.

MOTT, Luiz. ***Igreja e homossexualidade no Brasil.*** Rio de Janeiro: Grupo Gay da Bahia, 1993.

NAPOLI, Pablo Vinicius. ***"O senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay": Troy Perry e o contexto da formação da Metropolitan Community Church***. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá (PR), v. 15, n. 46, p. 1-10, 2023.

NATIVIDADE, M. T. ***Deus me aceita como sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil***. Tese de Doutorado, PPGSA/UFRJ, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo; BILATE, L. F. ***O global e o local: homofobias, diversidade sexual e religião na Baixada Fluminense.*** *Fazendo Gênero 9*, p. 1-8, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. ***As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil***. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. ***Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores.*** *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, núm. 2, pp. 121-161, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo; ***Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal***. Religião & Sociedade, v.30, 2010, p. 90-121.

NATIVIDADE, MARCELO. ***Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais***. 2017, p. 15-32.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de; GIACOMINI, Sonia Maria. ***"O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay": etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo***. Rio de Janeiro, 2017. 118p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

OTTO, R. ***Das Heilige***. Breslau, 1917.

PESSOA, K. G. (2017). ***Amor (in)condicional: uma análise da relação entre as esferas da família e da religião na aceitação da homossexualidade***. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

RECK, José Roberto. ***História do protestantismo no Brasil***. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

RICCI, Maurício**.** ***Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo***. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 16, p. 55-74, 2007.

ROCHA, A. S. da. ***Espaço urbano e religião: sobre a espacialidade evangélica e a dinâmica pentecostal na Baixada Fluminense***. *Anais do Encontro Nacional da Anppas*, p. 1-17, 2019.

ROBBINS, Joel. ***"The Globalization of Pentecostal and Charismatic Christianity"***. Annual Review of Anthropology, 2004. v. 33: 117-43.

SANTOS, Boaventura de Sousa. ***Se Deus fosse um activista dos direitos humanos***. Coimbra: Ed. Almedina, 160 pp. 2014.

SILVA, J. J. da. ***Do pecado de Sodoma à sodomia: a violência das interpretações bíblicas contra as (homos)sexualidades humanas***. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 27, n. 104, p. 51-63, 2021. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/470. Acesso em: 22 jul. 2024.

SILVA, Janine Targino da. ***Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu - RJ***. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Marcos Felipe Vital da; SILVEIRA, Glauco dos Santos; SOUZA, Paula Ribeiro de. ***O Êxtase Religioso e os Pentecostalismos - Uma Análise a Partir das Manifestações Extáticas, Músicas Litúrgicas e Antropologia.*** *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 139-156, 2018.

SOARES, Antônio. ***A igreja inclusiva como instrumento de direitos humanos e constitucional ao exercício da fé da comunidade LGBTQIAPN+***. 2022.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. ***A conduta universal: o governo de si e as políticas de gênero na Igreja Universal***. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

TRINDADE, Samuel Bernardo da. ***O Discurso da "Cura Gay" nas Igrejas Neopentecostais***. v.13 n.22, 2019.

WEBER, Max. ***A ética protestante e o espírito do capitalismo***. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

WEISS DE JESUS, Fátima. ***A CRUZ E O ARCO-ÍRIS: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DE UMA "IGREJA INCLUSIVA" NO BRASIL***. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 131-146, outubro de 2010.

HUMPHREYS, Laud. ***Out of the closets : the sociology of homosexual liberation***. Englewood Cliffs, N.J. : Prentice-Hall; 1972.